

A SCROLLS OF CRIDHE NOVELLA

THE POCKET WATCH

THE POCKET WATCH CHRONICLES



CECI
GILTENAN



A SCROLLS OF CRIDHE NOVELLA

THE POCKET WATCH

THE POCKET WATCH CHRONICLES



CECI
GILTENAN

O RELÓGIO DE BOLSO

(Crônicas do Relógio de Bolso 01)

Ceci Giltenan



SINOPSE

Quando Maggie Mitchell é transportada para o século XIII nas Highlands, irá Lorde Logan Carr ajudá-la a consertar o seu coração ou colocá-lo em mais perigo?

Generosa, gentil e amável, Maggie quase sempre coloca as necessidades dos outros em primeiro lugar. Então quando uma misteriosa mulher lhe dá um extraordinário relógio de bolso, contando que é um canal para o passado, Maggie concorda em dar uma oportunidade ao relógio, mas apenas para refutar a ilusão da mulher.

Mas ele funciona.

Maggie encontra-se nas Highlands Escocesas no século XIII, com um bonito guerreiro que a despreza. A sua alma sensível é apanhada entre os seus próprios desejos e o desastre que ela poderia causar para os outros. Conseguirá ela encontrar uma maneira de resolver os problemas e voltar para casa dentro dos sessenta dias determinados? Ou alguém digno ganhará o seu coração para sempre?

*Para meu marido, como sempre, somente posso fazer isto por
sua causa.*

*Para Barbara, obrigada por tudo que faz para os autores deste
estilo — você é a melhor. Por essa razão, o cenário moderno desta
historia é na tua vizinhança. Eu amo a Florida, mas eu realmente
sinto falta da minha refeição favorita.*

*Para Kathryn Lynn Davis, minha editora, amiga e irmã ao
longo de todos estes anos.*

*Eu gostaria que não demorasse tanto desta vez para
encontra-la.*

"Pode o destino aproveitar a nossa existência, e para os seus próprios fins nos levar até o futuro, nunca nos transportando para o passado?"

Edward Page Mitchell

Capítulo 1

O casamento foi exatamente como Maggie Mitchell sonhou que seria, desde o momento em que no ensino médio percebeu que amava Elliott Danvers. Foi numa tarde de junho de tirar o fôlego. As peônias em tons variados de rosa adornavam a igreja. Um guitarrista tocou *Pachelbel's Canon in D* enquanto a festa prosseguia.

A menina das alianças, claramente intimidada já que todos os olhos estavam nela, abriu o caminho ao longo do corredor com um sorriso tímido em sua face. Ela realmente se lembrou de atirar algumas pétalas pelo caminho. Os vestidos das damas de honra, simples e chiques, eram o tom mais bonito de pervinca¹ que se possa imaginar, algo entre lavanda e azul.

O vestido de casamento era a perfeição.

Quando a última dama de honra alcançou o altar, o guitarrista mudou para *Jesus Joy of Man's Desiring*. Elliot se virou e olhou para o corredor. Ele estava devastadoramente bonito em seu terno. Alto, esbelto, com cabelos loiros espessos e olhos azuis brilhantes, ele parecia assustado, mas somente por um momento. Assim que se recuperou, seu rosto se transformou num sorriso largo e ele piscou.

Sim, esse foi exatamente o casamento que Maggie sempre

imaginou, com uma exceção. Em todos os seus sonhos, ela era a noiva e aquela piscada era para ela.

Elliott era um ano mais velho e eles se conheciam desde sempre. Ele morava do outro lado da rua e, enquanto cresciam, passaram praticamente cada minuto acordados juntos. Quando crianças, Elliott foi seu melhor amigo. Quando eles cresceram, depois que ela o deixou roubar seu primeiro beijo, ele se tornou seu namorado. Seu primeiro beijo, sua primeira dança, seu primeiro encontro de verdade, tudo foi com Elliott. Quando estavam no ensino médio juntos, eles eram inseparáveis. A irmã mais nova de Maggie até se referia a Elliot como o “marido da Maggie”.

Elliot se formou no ensino médio um ano antes de Maggie. Ele foi para a Universidade de Georgetown para estudar ciências da computação, mas assegurou a ela que eles não ficariam separados por um longo tempo.

— Você candidata-se a uma formação antecipada no departamento de enfermagem. Suas notas e pontuações no teste são excelentes. Você não terá nenhum problema para entrar.

Como ele previu, a carta com a formação antecipada chegou em Dezembro. Ela se lembrava de esperar para contar a ele pessoalmente, mas estava tão ansiosa, que precisou de todas as forças que tinha para evitar enviar uma mensagem para ele. No dia em que ele deveria chegar a casa para as férias de inverno, ela ficou colada na janela a noite toda, esperando o seu carro. Quando o avistou, ela correu pelas escadas e pela porta quase antes que ele desligasse o motor.

— Eu entrei, eu entrei — ela gritou enquanto acenava a carta

para ele.

Ele a levantou nos braços e a girou.

— Isso é brilhante, querida, eu sabia que você entraria. Será maravilhoso.

E teria sido, mas Maggie não foi para Georgetown naquele outono. Eventualmente Elliot se apaixonou por outra garota e o seu novo amor, Amanda, era a bonita noiva agora.

O que diabos tinha Maggie para se sujeitar a este tipo de tortura?

Bom, a resposta era muito fácil.

Elliot.

Quando o convite chegou, ela conseguiu ignorá-lo por um bom tempo. Afinal de contas, estava endereçado ao Dr. Edward Mitchell e *família*, então ela pensou que deveria ser o seu pai a recusar. Maggie evitou constantemente todos os Danvers. Quando acontecia ver um deles passando, ela sorria, acenava e dizia uma versão de “Estou atrasada, vejo você depois”. Mas numa noite, ela não conseguiu escapar de Elliot. Ele deveria estar esperando ela voltar do trabalho, porque assim que ela saiu do carro, ele estava lá.

— Ei, Mags. É bom ver você. Não tem estado por perto recentemente.

— Eu suponho que não. Eu tenho feito alguns turnos extras.

— Isso explica esses círculos escuros em volta dos seus olhos. Você se cobra muito, Maggie. Sempre se cobrou.

Ela forçou um sorriso.

— Talvez. Olha, Elliot. Estou cansada e foi um longo dia... Eu vejo você mais tarde, ok?

— Sim, você deve descansar. Mas, eu estava pensando... Mamãe disse que ela não recebeu nenhuma confirmação de vocês ainda.

— Oh — Por Deus o que ela poderia dizer? Definitivamente não deveria dizer o que estava na ponta da sua língua. *Eu não tenho intenção alguma de ver o homem que amo se casar com outra pessoa.* Ela optou por... — Hm, papai deve ter colocado o convite em algum lugar. Você sabe quão disperso ele pode ser. Eu vou pedir para ele falar com ela... na próxima vez que eu o veja.

— Mas vocês todos vão, certo?

— Hm... papai está realmente ocupado no trabalho. Ele está indo para o laboratório aos sábados e até mesmo aos domingos. E Paige tem um emprego em Salisbury no verão, então ela não virá para casa.

— Mas você vai?

Inferno, não.

— Eu não sei, Elliot. O horário do trabalho ainda não foi afixado. Pode ser que eu não possa ir.

Isso era uma mentira. Ela estava de folga. O horário era afixado trimestralmente e isso fora há semanas atrás. Se não ela teria feito um requerimento para trabalhar no dia do casamento, garantindo uma desculpa para recusar o convite.

— Vamos lá, Mags. — ele sorriu — mesmo se for escalada, você pode arranjar alguém para trocar de turno com você. Todos gostam de você. Por favor, diga que irá ao casamento. Você é minha amiga desde sempre. Precisa estar lá. Me diga que irá.

— Eu... bem... hum — ela olhou para o lindo rosto do menino de ouro que sempre amou e não conseguiu formar a palavra

“não”. — Bem, eu acho que sim.

Seu rosto se acendeu num sorriso que deixou ela com os joelhos fracos.

— Ótimo, eu vou contar a mamãe e Amanda. Vejo você mais tarde, Mags. Descanse.

Ele virou e atravessou a rua para a casa dos seus pais, do mesmo jeito fácil que a deixou quase dois anos atrás.

Então, neste belo dia de Junho, ela sentou-se em absoluta agonia — e ainda de coração partido. A missa passou e ela focou sua energia na tentativa de não chorar. Quando terminou, colocou um sorriso no rosto enquanto o casal feliz passava pelo corredor. Ela se esforçou para aguentar a fila de felicitações e chegar à solidão do seu carro.

Isto tinha sido um erro colossal e não iria se recompor indo até a recepção. Inventaria alguma desculpa depois, mas por agora precisava ficar sozinha. Ela ligou o carro, pretendendo ir até sua casa mas ainda não tinha deixado o estacionamento quando se apercebeu que apenas uma coisa seria pior do que ir até à recepção, e isso seria ir até casa. Não queria enfrentar a tristeza que encontraria lá. Ela poderia dirigir até à costa, mas era realmente tarde. Então lembrou-se. Havia um lindo jardim de esculturas a poucos quilômetros, para onde podia escapar por um momento.

Ela chegou, pagou a entrada e estava vagando pelo jardim em minutos. Fazia anos desde que tinha estado ali. Tinha esquecido quão agradável era esse lugar, e estava um dia perfeito para isto.

Um dia perfeitamente lindo.

Uma dor abrasadora a cortou enquanto se lembrava de outros dias perfeitos. Sua mãe amava o jardim de esculturas e embora não fosse exatamente o lugar mais excitante para as crianças, sua mãe sempre o transformou em diversão.

Maggie percebeu que havia fantasmas em todos os lugares e agora estava certa de que não seria capaz de conter as lágrimas. Talvez fosse melhor encontrar um lugar calmo e chorar. Ela se dirigiu até um pavilhão levemente elevado olhando a lagoa com vitórias-régias². Felizmente o pavilhão se encontrava vazio. Ela se sentou em um dos bancos, apoiou a cabeça em suas mãos e começou a chorar.

Não tinha certeza há quanto tempo estava ali, mas foi retomando o controle lentamente quando uma senhora subia as escadas.

— Moça, se importa que eu me sente com você? — ela tinha um voz encantadora, com um leve sotaque escocês.

Maggie secou as lágrimas de suas bochechas.

— Não, claro que não. Por favor, sente-se.

— Este é um lugar bonito e um dia *perfeito*.

— Sim — Maggie engoliu em seco

A senhora a fixou num olhar.

— Então por que você está soluçando, como se seu coração nunca se consertasse?

— Porque eu tenho certeza que nunca irá. — Maggie olhou pra ela, com um meio sorriso triste.

— Você é pouco mais do que uma criança. Por que você diria algo assim?

— É uma longa história e eu não quero arruinar o dia de

mais ninguém.

— Bom, moça, eu não tenho nada mais que tempo, e você parece estar a precisar de um ouvido simpático. Conte-me o que a está aborrecendo.

— Você não quer ouvir os meus problemas.

— Eu não perguntaria se eu não quisesse ouvir o que está em seu coração.

Na verdade, Maggie estava tentada com a ideia de desabafar com uma estranha. Alguém que provavelmente não veria nunca mais. Então ela disse — Se você tem certeza que não vai se importar... Eu... acho... Eu acho que me sentiria melhor se pudesse contar sobre isso.

— Tenho certeza que sim, e como disse, eu tenho muito tempo.

Maggie iniciou a história de como sempre amou Elliot e os seus planos de conseguir ir para a faculdade até ao momento em que ela foi aceita em Georgetown.

— Então, moça, parece que tudo estava caminhando na direção que você queria. O que aconteceu?

— Na primavera antes de eu me formar no ensino médio, minha mãe ficou doente. Ela tinha um avançado câncer no ovário e tinha que iniciar os tratamentos.

— Oh, querida, eu sinto muito. Deve ter sido difícil para toda a família.

Maggie assentiu: — Foi. Eu tentei fazer tudo que podia para ajudar. Eu cozinhava e lavava as roupas. Me assegurava que minha irmã mais nova, Paige, estava em dia com as lições de casa. Levava ela até a escola e às suas atividades.

— Isso é muita responsabilidade para uma menina de, quantos, dezessete?

— Dezoito.

— Onde estava seu pai?

Maggie suspirou pesadamente: — Meu pai é... bem ele é brilhante. Ele é um físico teórico e professor no departamento de física da Universidade de Princeton. Mas ele nunca foi bom em lidar com crises, ou o que fosse inesperado. Ele imediatamente entrou num estado de negação, enterrando-se no trabalho.

— Então ele permitiu que sua filha cuidasse das coisas? — a senhora olhou para ela — Você não teve ajuda? Algum membro da família? Amigos?

— Eu não tenho outra família, mas Elliot foi minha salvação. Ele vinha para casa todo fim de semana ou quando ele podia. Sua mãe ajudou muito também. Ela nos fazia o jantar e levava minha mãe às consultas quando eu estava na escola.

A senhora assentiu aprovando.

— Mas em maio, a condição de minha mãe piorou. Os tratamentos ficaram mais difíceis. Ela teve que ser internada diversas vezes por causa das infecções e para piorar, ela não estava respondendo a quimioterapia.

— Ah, pobre moça. Eu acho que sei o que aconteceu depois. Você decidiu não ir para a faculdade. Maggie assentiu.

— Eu adiei isso por um tempo. Eu sabia que não teria muito tempo com ela.

— E o seu sonho de ser uma enfermeira?

— Eu me inscrevi na faculdade local. Frequentei algumas aulas naquele outono. Não queria aprofundar muito com a minha

mãe tão doente.

— E seu jovem rapaz? Ele ainda vinha para casa para te ajudar?

— Um pouco, mas não tanto. Ele me disse que a carga do curso era mais pesada e tenho certeza que era.

Os olhos da senhora se estreitaram.

— Suponho que sim.

— Ele veio para casa no Natal e ainda estava aqui quando minha mãe morreu em Janeiro. Paige estava perturbada. Papai estava... estava desorientado. Eu não poderia ter passado por tudo isso sem Elliott. Eu estava tão afundada em minha própria dor que não notei a mudança nele.

— Sinto muito, moça.

Maggie assentiu novamente engolindo em seco. Tinha chorado o suficiente por um único dia. Quando retomou o controle ela continuou:

— Quando minha mãe se foi, eu me dediquei à escola, foi uma distração bem vinda. Eu acho que nesse aspecto eu era um pouco como meu pai.

— E Elliott?

— Veio para casa nas férias de primavera. Eu tinha a vaga noção de que alguma coisa estava errada mas não tentei descobrir o que. Quando o verão chegou, Elliot finalmente me contou que estava apaixonado por outra pessoa e estava saindo com ela desde o outono.

As sobrancelhas da velha mulher se juntaram e ela juntou os lábios num claro sinal de desaprovação.

Maggie deu um sorriso irônico.

— Eu sei, certo? Ele não queria me contar enquanto as coisas estavam tão ruins com mamãe — balançou a cabeça — Ele me disse “Mags, você sabe que eu sempre vou amar você. É somente diferente com Amanda. Mas você sempre será minha melhor amiga”.

— Oh, moça.

Maggie encolheu os ombros.

— Eu não entendia como ele poderia acreditar nisso. Ainda não entendo.

— Querida, foi assim que ele impediu de se sentir como o tolo que era.

Maggie sorriu para a velha mulher.

— Ninguém nunca disse isso. Eu ouvi de tudo, desde “amor do ensino médio raramente dura” a “é bom que vocês possam continuar como amigos”.

— Você tem falado com as pessoas erradas. Eu espero que sua mãe tivesse chamado ele de um burro.

As lágrimas brotaram nos olhos de Maggie.

— Sabe, eu nunca tinha pensado nisso, mas você está certa. Ela teria falado.

— Então, você finalmente foi para a universidade no outono?

— Não, papai e Paige ainda precisavam de mim. Ela era apenas uma criança entrando no ensino médio e ele continuou enterrado em sua teoria multiversa. Mas eu terminei meu programa de enfermagem na faculdade comunitária. No último ano de Paige, encontrei um emprego no hospital local. Então quando levei Paige para as visitas às faculdades, descobri um ótimo programa em Villanova para enfermeiros registrados que

desejavam um diploma de bacharel. Não era longe, então eu ainda estaria perto do papai. Eles não aceitam muitos alunos mas consegui entrar.

— Muito bem. Paige estava indo para Villanova também?

Maggie riu.

— Não. Ela foi para a Universidade de Salisbury em Maryland no último outono. Disse que estava cansada de escolas Católicas. Mas a verdade é que ela estava totalmente empenhada em ir para lá assim que descobriu que poderia soprar vidro³. — Maggie revirou os olhos.

— Soprar o vidro? Você não está falando sério.

Maggie riu.

— Ela é uma pirralha, e apenas para contradizer o papai continua dizendo que quer ter um curso em arte.

— Ai meu Deus.

— Alguns miúdos se rebelam bebendo ou ficando fora até tarde, mas não minha irmã. A arte é seu vício. Francamente acho que o papai teria lidado muito melhor com a bebida. Mas no final ela admitiu que ela quer ter um curso em finanças... e talvez também em arte. Maggie sorriu.

— Então ela foi para Salisbury e você para Villanova?

— Não. — Ela estava tensa

— De novo não. O que aconteceu?

Maggie suspirou.

— Uma noite em abril, encontrei o papai sentado na mesa de picnic no fundo do quintal e chorando.

— Porquê? — a senhora franziu a testa.

— Não havia dinheiro suficiente. Dinheiro nunca tinha sido

um problema antes. Nós sempre vivemos confortáveis mas aparentemente quando mamãe ficou doente as coisas ficaram ruins. Ela não tinha mais um salário e quase todas as suas economias foram para pagar as despesas médicas. Ele disse que não tinha dinheiro suficiente para mandar nós as duas. Papai tentou conseguir empréstimos mas foram negados. Mamãe sempre tomou conta das finanças e papai não era particularmente bom em pagar as contas a tempo quando ela morreu. Seu crédito foi retirado.

— Ah, querida.

— Eu disse que talvez conseguisse me virar sem sua ajuda. Estava poupando meu salário e imaginei que poderia continuar trabalhando e conseguir empréstimos estudantis.

Maggie desviou o olhar por um momento antes de continuar.

— Mas acontece que nossas finanças eram ainda piores do que ele tinha falado. Quando ele disse que não tinha dinheiro para mandar *nós duas*, ele quis dizer que não tinha dinheiro para enviar *nenhuma*.

— Ah, eu entendo. Você desistiu do seu sonho para que Paige pudesse ir para a faculdade e a ajudar financeiramente.

— Eu não desisti exatamente do meu sonho.

— Mas você ajudou Paige a ir para a universidade.

— Parecia a coisa certa a fazer. Eu já sou uma enfermeira e vou conseguir meu diploma superior um dia. Me lembro de quão excitada eu estava quanto a ir para a universidade antes de mamãe ficar doente e eu quis que Paige tivesse isso. Quis que as coisas fossem normais para ela.

A senhora pegou as mãos de Maggie e deu tapinhas.

— Você é uma boa moça.

Elas ficaram sentadas em silêncio por um momento antes da velha mulher dizer:

— Agora você me contou sua história. Mas parece que tudo isso aconteceu um tempo atrás. Alguma coisa aconteceu para abrir as feridas novamente. Porque você estava chorando hoje?

O queixo de Maggie começou a tremer e apesar de suas valentes tentativas de não fazê-lo, ela começou a chorar novamente.

— Hoje eu... eu fui ao casamento de Elliot.

A mulher abraçou Maggie permitindo que ela chorasse.

— Ir ao casamento de uma paixão antiga é difícil na melhor das circunstâncias. É duplamente difícil quando você nunca parou de amá-lo e eu sei que você não parou.

— Não, eu não parei, e doi tanto.

— Tenho certeza que doi, criança.

— Estou cansada dessa dor e mesmo sabendo que tomei as escolhas certas, foi às custas de todos os meus sonhos. Algumas vezes...

— O quê?

— Nada. Eu me sinto egoísta de dizer isso.

— Por favor me conte.

Maggie hesitou antes de dizer:

— Algumas vezes, eu gostaria de ter a vida de outra pessoa, mesmo que apenas por algum um tempo. Eu me pergunto como seria me sentir estando longe de todos esses sonhos perdidos.

A senhora inclinou a cabeça.

— A vida de quem você escolheria.

Maggie fungou.

— A vida da Amanda.

— Você não iria querer a vida dela. Ela se casou com um idiota.

Maggie deu um pequeno sorriso e limpou as lágrimas de seus olhos.

A velha mulher olhou para ela claramente.

— O que você diria se eu dissesse que poderia te dar exatamente isso.

— O quê? — Maggie estava confusa.

— A vida de outra pessoa — ela inclinou a cabeça e franziu a testa — Se eu pudesse te dar a vida de outra pessoa por um tempo, o que você faria?

Maggie pensou que a senhora estava tentando lhe mostrar um ponto de vista sobre os problemas de outras pessoas. Mas ainda assim os problemas de outras pessoas pareciam um alívio por um tempo.

— Não é possível, mas acho que eu tentaria se pudesse.

— Mas é possível.

— Não, não é — Maggie sorriu.

— Essa é uma opinião muito fechada para uma moça que o pai pesquisa a teoria multiversa.

— Você realmente acredita que tem a habilidade de me dar temporariamente uma vida diferente?

— Bem, eu não pessoalmente, mas tenho alguma coisa que sim.

A enfermeira dentro de Maggie pensou *essa pobre e querida senhora está doente*. Mas a filha do físico teórico perguntou:

— Como isso funciona?

A mulher puxou o que parecia ser um pequeno relógio de bolso dourado de dentro de sua bolsa. Abriu a tampa e entregou para Maggie. Era um relógio simples, bastante comum, exceto que havia apenas um ponteiro longo e delgado, que apontava para as doze e não parecia estar se movendo.

— O que eu deveria fazer com isso?

— Quando você for para a cama à noite, coloque em volta do seu pescoço ou mesmo dentro do bolso de seu pijama. Quando o fizer, você estará em outro lugar.

— Em outro lugar?

— Sim. Irá colocá-la no corpo de outra pessoa, na vida de outra pessoa.

— Você não pode estar falando sério.

— Oh sim, eu estou. É chamado de mudança de alma.

— Mudança de alma? Então, quem quer que seja o corpo que eu entrar, a alma dela virá para o meu corpo?

— Brevemente, sim. Mas a pessoa que você assumir o corpo estará prestes a morrer. Você precisará fazer alguma coisa imediatamente para mudar isso.

— Eu salvarei a vida dela?

— Não precisamente, mas eu vou te explicar isso num minuto. Quando entra no corpo de outra pessoa, você irá encontrar o relógio em volta do pescoço ou num bolso. Se você abrir, você irá perceber que o ponteiro irá avançar um segundo por cada dia que estiver lá. Você deverá voltar antes que o ponteiro atinja o doze novamente.

— Quão Cinderela isso parece. Então... eu teria sessenta dias

em outra vida.

— Sim, mais ou menos.

— O que isto significa?

— Significa que você pode voltar a qualquer momento.

Apenas tem que dizer uma palavra. Não tem nem que ter o relógio com você para funcionar. O relógio consegue estar sempre onde é necessário.

— Qual é a palavra?

— Você decide e fala para o relógio antes de colocar ao redor do seu pescoço?

Sim, ela estava desiludida.

— Eu conto para o relógio?

Se a velha mulher se apercebeu do seu ceticismo ela ignorou.

— Sim, e tem que ser alguma coisa que você não tenha a hipótese de dizer acidentalmente. Vamos pensar numa palavra...*celular*.

— Porquê? Essa é uma palavra que eu uso muito.

— Sim, você usa muito agora. Mas você voltará no tempo e tem que voltar tempo suficiente para não ter um impacto na sua própria vida.

— Como contar aos meus pais os resultados de cada Super Bowl⁴ dos últimos vinte anos?

— Querida, você realmente sabe o resultado de cada Super Bowl dos últimos vinte anos?

— Hm, não.

A velha mulher riu.

— Bem, eu acho que nós não precisamos nos preocupar com isso então. Mas, este é o conceito. O que você faria se chegasse,

digamos, 25 anos atrás?

Sem perder um segundo, Maggie respondeu:

— Eu encontraria minha mãe.

A senhora lhe deu um sorriso triste.

— E como você acha que sua mãe reagiria?

— Eu não lhe contaria quem sou. Ela teria a minha idade. Eu apenas faria amizade e passaria um pouco mais de tempo com ela.

— E você não contaria a ela para ir ver um médico mais cedo do que ela foi? Talvez descobrir o cancer mais cedo?

— Isso seria tão errado?

— Maggie, pense nisso. Se você contasse à sua mãe aos vinte e poucos anos que ela precisava de certeza ver um médico trinta anos mais tarde, o que aconteceria? Na melhor das hipóteses, ela esqueceria e na pior ela passaria os próximos trinta anos se preocupando em morrer ao invés de viver. Sua mãe está em paz agora. O tempo dela acabou e ela está onde deve estar. Além disto, você não estaria experimentando uma vida diferente. Você estaria tentando desesperadamente recuperar a vida que teve. Não, você voltará pelo menos uns cem anos, talvez até mais.

— Cem anos? — Maggie estava incrédula.

— Pelo menos. Então você não terá necessidade de dizer a palavra *celular*, mas se estiver com problemas ou apenas quiser voltar, você apenas terá que dizer *celular* e estará de volta em um instante.

— Eu apenas digo celular e estarei de volta instantaneamente não importa onde eu esteja.

— Sim, moça, você diz celular e volta pra casa.

— Se eu não disser celular para voltar, se eu ficar todos os

sessenta dias, somente volto para o meu corpo quando o tempo acabar?

— Não, moça. Você tem que decidir voltar e dizer a palavra quando estiver pronta.

— E se eu quiser ficar mais tempo? — Maggie mal podia acreditar que estava tendo esta conversa. A mulher era louca.

— Você poderá ficar o tempo que quiser, mas após sessentas dias não será capaz de retornar. Você ficará na outra vida para sempre.

— Então, eu tenho que escolher retornar, mas quem quer que assuma meu corpo está à minha mercê. Eu não sei se isso é justo. E se ela gostar mais daqui?

— Ela não terá tempo para saber. Enquanto sessenta dias passarem no passado, apenas sessenta segundos terão passado aqui.

— Oh — Maggie pensou por um momento — Mas como isso funciona? Minha alma e consciência estarão no corpo de outra pessoa. Eu não conhecerei ninguém. Os amigos dela e família pensarão que ela terá perdido a cabeça. Devo fingir ter amnésia ou alguma coisa assim?

— Sim, essa normalmente é a melhor explicação, mas não é assim tão simples. Você terá sua alma e consciência como disse, mas ainda estará no corpo e cérebro dela. Você terá alguns vestígios da memória dela, o idioma por exemplo. Se ela falar outro idioma, você entenderá e será capaz de falar também. Você não sentirá diferença do inglês. Outras memórias podem vir no decorrer do tempo.

Maggie sabia que não deveria alimentar as loucuras da

mulher, mas ela não conseguia parar de perguntar:

— Como isso é possível?

A velha mulher sorriu.

— Eu acabei de te contar como pode viajar no tempo. Você está plenamente convencida de que eu sou louca, mas tem problema em acreditar nesse detalhe?

Como a mulher poderia saber o que Maggie estava pensando?

— Eu... eu, bem, eu não penso... o que eu quero dizer é que...

A idosa riu.

— Está tudo certo, moça. Eu sei que é difícil acreditar e me preocuparia se você não fosse cética. Mas te asseguro, não sou louca. E se você realmente quiser saber como seria estar na vida de outra pessoa, você irá tentar. O pior que poderia acontecer é acordar de manhã e não ter acontecido nada. Te encontrarei aqui amanhã ao meio dia e pode devolver o relógio para mim. Você pode ter uma fascinante história para contar, mas se nada acontecer sinta-se à vontade para trazer um profissional da saúde mental de sua escolha. De verdade, você não tem nada a perder e talvez tenha a oportunidade de fazer algo bom.

Maggie olhou para o velho relógio em sua mão. Ela realmente não tinha nada a perder e se a mulher retornasse no próximo dia talvez Maggie pudesse encontrar ajuda para ela.

— Eu suponho que você esteja certa, mas me deixe ter certeza. Eu coloco a corrente em volta do meu pescoço e vou dormir como sempre. Quando acordar, terei trocado de alma com alguém do passado no exato momento de impedir essa pessoa de morrer.

— Sim

— Eu poderei falar e entender qualquer língua que a outra pessoa fale. Posso ficar sessenta dias e voltar para o meu corpo simplesmente dizendo a palavra “celular”, mas eu devo dizer antes dos sessenta dias acabarem ou ficarei lá o restante da minha vida?

A mulher sorriu e assentiu.

— Você resumiu isto muito bem.

Maggie ficou perplexa com a ideia por um momento antes de perguntar:

— Se sessenta dias onde quer que eu esteja são apenas um minuto aqui, um ano inteiro será apenas seis minutos aqui.

— Sim, isto está certo.

— Então significa que se eu ficar lá e viver a vida de outra pessoa por setenta anos apenas sete horas terão passado aqui durante o tempo em que ela terá estado simplesmente dormindo em minha cama. O que acontece então?

— Quando o corpo dela morrer, irá acontecer apenas o que estava destinado e terá tido um fim natural para sua vida, assim como você.

— Mas se eu salvar a sua vida, ela retornará para o corpo dela em sessenta dias sem saber o que aconteceu?

— Não, criança, ela não irá. O tempo dela acabou, muito provavelmente por sua própria loucura. Você entenderá a vida dela apenas pelo tempo que permanecer em seu corpo. Quando ela voltar, o corpo dela morrerá e sua alma seguirá.

Maggie examinou o relógio de novo como se ele tivesse alguma resposta pra ela.

— E você me promete me deixar conseguir alguma ajuda

para você amanhã?

— Somente se não funcionar.

— Ok, hum — Maggie fez uma pausa, ela tinha acabado de abrir seu coração para uma estranha, que lhe retornou oferecendo uma viagem para o passado, mas Maggie não tinha nem perguntando o nome dela.

— Está tudo certo, Maggie. Meu nome é Gertrude.

Mais uma vez Maggie estava boquiaberta que a mulher, Gertrude, parecia escutar seus pensamentos.

— Ok, Gertrude. Eu vou tentar. Eu deveria me despedir agora, mas nós nos encontraremos aqui amanhã.

Gertrude sorriu: — Até amanhã então.

Maggie lhe deu um abraço e se levantou para partir.

— Até amanhã.

Enquanto Maggie estava indo embora, Gertrude gritou:

— Durma bem, Maggie.

— Obrigada, Gertrude. O mesmo para você.

Maggie alcançou o topo das escadas antes de pensar que ela nunca tinha dito a Gertrude seu nome. Ela se virou:

— Como você sabia meu..?

Gertrude tinha ido embora.

Capítulo 2

Talvez Maggie fosse a louca, porque ela passou a noite toda pensando sobre a viagem no tempo e trocar de alma com outra pessoa. Pelo menos era melhor do que ficar chorando por Elliot. Talvez tudo que a senhora estivesse fazendo era isso, lhe dar uma distração no seu dia mais difícil.

Ainda assim, ela decidiu ligar para Paige para conversar. Ainda que não pretendesse, ela contou à irmã mais nova toda a história. Apenas não mencionou a maneira como Gertrude tinha desaparecido.

Paige ficou fascinada com tudo.

— Bem, se é uma farsa, ela certamente a desenvolveu bem. É mais provável que ela estivesse apenas inventando isso mas é divertido pensar nisso. Eu me pergunto quantas vezes ela deu esse relógio.

— Eu não sei. Ela parecia bem séria. Ela prometeu me deixar ajudar a encontrar ajuda psiquiátrica quando a encontrar ela.

— E você irá?

— Conseguir ajuda? Claro.

— Não, você vai experimentar? Usar o relógio quando for para a cama, eu digo.

— Bem, eu tenho que usar se vou ajudar a esclarecer a

loucura dela.

— E se funcionar?

— Ah, Paige, vamos lá. Não vai funcionar.

— Magdalena Mitchell, você não tem absolutamente nenhum senso de imaginação.

Maggie riu.

— Ok. Se funcionar eu terei uma fascinante história para te contar pela manhã.

— A menos que você se apaixone e decida ficar.

— Ah por favor.

— Eu sei que você pensa que a senhora era louca, mas quero que você me escute. Eu digo realmente ouvir e não apenas sorrir e assentir. Se por alguma louca razão funcionar...

— Não vai funcionar, Paige. É impossível.

— Mas se funcionar, e se você se apaixonar... fique.

— Obrigada, mas eu não acho que você tenha que se preocupar com isso.

— Não, Maggie, por favor me escute. Eu te conheço. Eu sei que você vai se preocupar comigo e com o papai, mas não. Nós podemos nos virar sem você e eu quero que você pense na sua própria felicidade uma vez.

— Paige, você está sendo ridícula.

— Bem, minha querida irmã, eu posso estar. Mas de outro modo, se você não acordar pela manhã, enquanto eu estiver triste e sentir sua falta para sempre, saberei que alguém mereceu o seu coração.

— Paige, pare. Isso não é real. Não existe isso de mudança de alma, e mesmo que existisse as hipóteses de eu me apaixonar são

nulas.

— Porque você ainda está de coração partido pelo Elliot? Maggie, você não tem emenda. Ele não te merece. Meu Deus, não tinha notado o quão tarde era. Eu tenho que ir agora, querida, tenho que me aprontar para meu encontro.

— Divirta-se.

— Me divirtirei. Hey, que tal levar o papai para jantar fora? Se você ficar presa no passado, é sua última chance de comer pão de queijo.

— Eu disse, pare.

Paige riu.

— Te amo muito, Maggie. Te ligarei amanhã.

— Ok, também te amo.

Por mais tola que ela se sentisse fazendo isso, Maggie levou seu pai para jantar fora como Paige sugeriu. Realmente amava pão de queijo.

Antes de se retirar, ela lhe deu um abraço e beijo de boa noite.

Ele estava em sua cadeira assistindo as notícias.

— Eu te vejo pela manhã, querida. Você se importa se nós formos para uma missa mais cedo? Eu preciso trabalhar no laboratório.

— Tudo bem, papai. Te vejo pela manhã. Eu te amo.

— Também te amo, Maggie.

Quando estava pronta para ir para cama, ela pegou o relógio e segurou em sua mão.

— Ok, é tudo ou nada. Lembre-se, meu bilhete para casa é a palavra *celular*.

Ela passou a corrente em volta do pescoço, se sentindo um pouco tola, e foi dormir.



Pareceu que Maggie tinha acordada instantâneamente, e estava absolutamente assustada.

Tinha funcionado.

Ela não estava em sua cama em Nova Jersey. Ela estava na parte de trás de um cavalo, numa corrida, ainda por cima. Além de um passeio num pônei manso quando menina, nunca tinha andado a cavalo.

— Wow, wow, wow — ela gritou, puxando para trás com força as rédeas. Isto era supostamente o que fazia o cavalo parar não era?

Ele parou. O animal parecia tão assustado quanto Maggie em ter de repente uma mulher louca gritando em cima dele, puxando suas rédeas. Ele bufou e ergueu suas pernas traseiras jogando Maggie para trás. Ela caiu de costas. Talvez por instintos, que tinha aperfeiçoado em uma aula de autodefesa, ela colocou a cabeça para frente quando caiu. Isso impediu a cabeça de bater no chão com mais força do que teria acontecido de outra forma. O cavalo correu para a frente cerca de vinte metros ou mais, dançando, resmungando e jogando a cabeça assim que outro homem a cavalo chegou.

Maggie repousou na grama tentando respirar, mas o homem

a cavalo, que parecia estar usando um vestido, desmontou e foi acalmar o cavalo assustado, sem lhe poupar um olhar.

— Calma, rapaz, calma. Você está bem. — Sua voz era gentil e tranquilizadora.

O cavalo levantou e abaixou a cabeça.

— Agora, rapaz — depois de algum tempo o cavalo se acalmou um pouco e o homem foi capaz de pegar suas rédeas. Ele acariciou o pescoço do animal para que continuasse confiando nele.

Uma vez que Maggie conseguiu respirar novamente ela fez uma rápida avaliação mental de seus ferimentos. O corpo todo estava machucado mas conseguia mexer suas extremidades sem dor. Ela se virou para um lado e colocou-se com os joelhos e as mãos no chão. Sua cabeça doeu um pouco. Ela ficou nessa posição por um momento, esperando o desconforto diminuir. Suspeitava que tinha uma costela ou duas quebradas, e talvez uma concussão leve, mas não pensava que estava seriamente machucada.

O homem foi em sua direção, conduzindo o cavalo.

Ela sentiu como se fosse dizer alguma coisa, mas quando olhou para cima e viu seu rosto, todos seus pensamentos conscientes sumiram. Ele era maravilhoso. Cabelos escuros e bem mais de um metro e oitenta de altura, cada centímetro parecia ser músculo sólido. Entretanto, o que captou sua atenção foram seus tempestuosos olhos cinzentos. Olhos que, no momento, não tinham mais do que desprezo, seu olhar a atravessava como punhais. Ele estava claramente zangado - *com ela*.

— O que, em nome de tudo que é santo, você pensou que estava fazendo? Você não esteve aqui por muito tempo, nós nunca

andamos nessa direção e não sabe nada do terreno. Eu só pedi que diminuísse, pela sua própria segurança, a montaria. Mas ao invés de me escutar, você chutou o pobre animal em um galope.

Ela nunca tinha sido alvo de uma raiva tão intensa.

— Eu... sinto muito — sua voz parecia estranha para ela. *Mas é claro Maggie, não é sua voz.*

— Você sente muito? — ele rosnou através dos dentes cerrados — Você não tem ideia de quão perto chegou de matar você mesmo e o cavalo, tem? Que mais um pouco e ele teria jogado você bruscamente no rio, do outro lado. Se tivesse feito isso a essa velocidade, ambos teriam sido mortos. Embora eu não tenha certeza que você teria sido uma grande perda, este é um ótimo cavalo que não merece morrer pelas ações de uma mulher tola que gosta de desafios.

Ele ficou sobre ela como um anjo vingador. Ela tentou falar:

— Eu... eu...

— Não quero escutar suas desculpas egoístas. Você se machucou?

Pergunta estúpida. *Alguém cai de um cavalo sem se machucar?* Talvez homens enormes que parecem ser feitos de granito.

— Acho que não.

— Levante-se então. Nós teremos que voltar para a torre. Seu animal está ferido e aterrorizado.

Maggie estava aterrorizada também. Quem era esse homem? *Celular, celular. Apenas diga.* A velha mulher não era louca. Maggie não tinha ideia onde, ou talvez mais importante, em que data ela estava. As coisas estavam acontecendo muito rápido para

que ela pudesse processar e ainda assim tinha registrado o fato que ele disse “torre”. Isso era parte de um castelo. Ela poderia ficar para ver um castelo de verdade antes de ir para casa. Como poderia perder isso? E andar era tão bom. Ela não se importaria se nunca mais andasse de cavalo.

— Eu disse levante-se. Tem algum problema com você?

— Na... não.

— Então levante-se — tão irritado quanto parecia, ele ofereceu a mão a ela.

Aceitando sua ajuda, ela se levantou e quase foi tomada por uma tontura. Colocou suas mãos segurando a cabeça e gemeu

— Você disse que não estava machucada — ele disse.

Furioso como estava, e parecia que ele tinha todo o direito de estar furioso com ela, percebeu que ele demonstrou alguma preocupação.

— Eu devo ter batido a cabeça. Não está doendo. *Muito.* — Apenas tive uma tontura ao levantar, ficarei bem. *Porque assim que eu vir o castelo, irei dizer a palavra celular.*

Suas sobrancelhas se juntaram

— Sério, vou ficar bem.

Ele deu um único aceno com a cabeça.

— Então vamos.

Sem nenhuma outra palavra, ele voltou e foi embora, liderando ambos os cavalos e deixando que ela o seguisse.

Enquanto andava, tentava processar o que estava ao redor. Ele não estava exatamente usando um vestido, era uma túnica de linho, escura e de mangas compridas, e tinha um cinto na cintura. Terminava em seus joelhos, expondo suas musculosas

panturrilhas. Seus sapatos eram de couro, estavam abertos no alto do pé e prendidos com laços.

Ela usava um vestuário similar, mas o dela era branco e chegava ao chão. Tinha uma outra peça de roupa por cima, sem mangas, que servia confortavelmente na cintura. Era de um tom rosado, com bordados elaborados perto do pescoço e na bainha. Sua roupa íntima próxima a pele parecia seda. Ela levantou suas saias para ver os sapatos. Eram de couro macio e bico pontudo, com um laço nos tornozelos. Ela sorriu, se lembrando como sua mãe odiava usar sapatos de “bicos finos”, porque achava que a vida era muito curta para usar sapatos desconfortáveis. Esses sapatos entretanto eram macios e não machucavam seus pés.

Ela tinha a sensação de um peso em sua cabeça dolorida. Esfregando o local que doía percebeu que tinha uma trança muito longa caindo por suas costas. Sempre quis ter um cabelo assim mas não tinha ideia do peso que teria.

Voltando ao problema em questão, baseado nas roupas, supôs que estava em algum lugar na Europa durante a idade média. Suas roupas sugeriam que ela era das classes altas. Gertrude disse que teria que voltar pelo menos uns cem anos, mas Maggie tinha certeza que estava uns quinhentos anos ou mais no passado.

O céu era uma massa de nuvens cinzas. Não do tipo que anunciam uma tempestade, somente um dia nublado. Eles caminharam por uma longa colina que inclinava suavemente, a terra ao redor era verdejante entre as áreas rochosas. A topografia dizia a ela que provavelmente estava no norte ou na Europa ocidental em oposição à região do mediterrâneo.

Pouco tempo após, Maggie se sentiu sem ar e lutando para continuar. Ela estava razoavelmente em forma e normalmente isto não teria sido uma caminhada difícil. Mas de novo teve que se lembrar que este não era seu corpo. Talvez a pessoa em que ela tinha se transformado não estivesse muito acostumada com exercícios. Também foi jogada de um cavalo minutos atrás. Não ajudou muito que as passadas do homem fossem largas, enquanto que a própria Maggie era pelo menos doze centímetros menor do que no século XXI. Seja qual fosse o motivo não conseguia manter esse ritmo. Ela tinha uma dor aguda de um lado e respirar machucava profundamente, definitivamente uma costela quebrada. Ela parou para recuperar o fôlego. Seu companheiro, quem quer que fosse, não pareceu notar imediatamente.

Está bem, você continua. Eu chegarei lá... algum dia. Se eu conseguir descobrir onde “lá” é.

E como se tivesse ouvido seu sarcástico pensamento, ele parou, deu a volta e olhou para ela.

— Algum problema, Margaret?

Ah, seu nome era Margaret, bom saber.

— Não, nenhum.

— Então porque você parou?

— Ah, bem, isto. Eu suponho que tenha um pequeno problema. Você anda muito rápido. E eu — ela tossiu, incapaz de esconder a careta de dor. Mesmo que o acidente não fosse culpa dela, estritamente falando, ainda se sentia responsável e não queria se queixar. — Me desculpe. Não consigo continuar. Eu sei que isso é minha culpa, mas seria possível... — ele franziu o cenho para ela, claramente ainda irritado. — Não importa. Vou tentar

me esforçar.

O olhar de choque em sua cara pegou Maggie desprevenida.

— Desculpe. Eu disse alguma coisa errada?

Ele franziu a testa para ela, pela primeira vez parecendo mais confuso do que bravo.

— Não — depois de considerar o que ela disse por um longo tempo, ele falou:

— Eu andarei mais devagar.

Ela lhe deu um sorriso fraco.

— Obrigada.

Ele pareceu confuso mas continuou em passadas significativamente mais lentas.

Maggie ainda achou difícil continuar, mas não reclamaria de novo. Não era de sua natureza. Então fez o melhor para não ficar para trás. Para tirar sua mente da dor de suas costelas. Tentando decifrar os seus próximos passos.

Ela pensou que poderia ter fingido amnésia imediatamente, mas as coisas aconteceram tão rápidas, e a raiva do seu companheiro a apanhou desprevenida, então ela esqueceu. Esqueceu de ter amnésia. *Pah!* Paige teria rido muito. Ela tinha aprendido um pouco em apenas prestar atenção. O nome dela era Margaret, estava em algum lugar na Europa Medieval, e o homem que a acompanhava não gostava dela. Ele teria chorado mais a falta do cavalo do que dela. Ela pensou que provavelmente era uma coisa boa porque se Gertrude estivesse certa a vida de Margaret já tinha chegado ao fim.

Já que ela não planejava ficar muito tempo, talvez fosse possível apenas ouvir e descobrir o suficiente para ultrapassar

isso — embora ainda pudesse usar o trunfo da amnésia se tivesse que fazê-lo.

Quando eles alcançaram o topo da colina, a vista era de tirar o fôlego. O terreno descia em direção a uma vila, antes de subir de novo, ainda mais alto. A meio caminho, podia ver... *um castelo*. Ela parou e olhou fixamente, admirada.

O homem parou também.

— O que tem de errado agora?

— Nada. É simplesmente muito bonito. *Eu queria ter o meu celular*, estava na ponta da língua mas ela parou.

Ele franziu de novo a testa.

— O que há com você?

— Nada. — O que ele queria dizer com isso? — Você não acha que é bonito?

— Sim, claro que sim, mas você nunca achou. Desde que chegou não ouvi nada além de reclamações do quão feio e desagradável é o Castelo Carr e o quão tudo é melhor em sua casa.

— Você deve ter me entendido errado — como poderia alguém achar aquele castelo feio? Mas sério, na opinião de Maggie, como poderia alguém achar um castelo feio. Castelos são, *castelos*. Este era quadrado com torres em cada canto e um muro cercando tudo. Parecia exatamente o tipo de castelo que ela teria construído na areia, exceto pelo fosso ou a ponte levadiça de madeira flutuante.

— Margaret, você não fez nada senão reclamar desde que chegou. Você deixou claro que não quer ter nada a ver com o clã Carr em geral, e especificamente comigo. Você não mostrou mais nada apenas desdém. Eu não entendi errado.

Maggie ficou surpreendida. Mais um pedaço de informação — claramente Margaret era extremamente mal educada. Ela ficou envergonha em saber que a mulher tinha sido tão desagradável.

— Me desculpe... Eu... eu posso ter cometido um erro.

— Pode ser — foi tudo que ele disse antes de continuar descendo a colina.

Ela só pode segui-lo. Ele aumentou o ritmo novamente, provavelmente sem perceber porque estavam descendo agora. Ela se apressou, tentando continuar o ritmo, mas com pressa e desacostumada com as saias longas e sapatos engraçados, ela tropeçou e caiu. Embora se tivesse apoiado em suas mão, a forte sacudida enviou ondas de dor através de suas costelas, fazendo com que seus olhos lacrimejassem. Mordeu o lábio inferior para não gritar. Assim que a dor pior passou, olhou para cima e o viu a observá-la.

— Maldição Margaret. Qual é o problema?

— Estou bem, só tropecei.

— Você não está bem. Alguma coisa está errada; você está pálida como um fantasma.

— Me desculpe. Eu só... eu posso ter quebrado algumas costelas quando caí do cavalo, doi quando eu respiro.

E isso podia ser um eufemismo.

— Doi a respirar? Pelos ossos abençoados de Deus. Eu perguntei se você estava machucada logo depois que caiu. Porque não me contou que doi a respirar? Você disse que ficaria bem.

— Eu ficarei bem. Costelas quebradas curam.

— Pelo todo poderoso, mulher, eu nunca teria feito você andar se soubesse que doía. Venha cá, você pode montar o resto

do caminho em Micah.

— Não, eu ficarei bem. Não quero montar.

— Não seja ridícula.

Ele caminhou em direção a ela. Ela recuou.

— Não, por favor não me faça montar — ela não tinha certeza do que sentia mais receio, montar de novo ou a dor que ele causaria se a levantasse e a colocasse no cavalo.

Capítulo 3

Highlands Centrais

Junho 1270

Logan nunca tinha ficado tão chocado e confuso. Ele estava noivo de Margaret Grant por muitos anos, mas somente recentemente ela veio para Castle Carr. Fora para que se pudessem conhecer antes do casamento. Mas Logan, secretamente, acreditava que até o próprio pai queria se livrar dela. Ela era adorável de se olhar, mas era a mulher mais insensível, imprudente e egoísta que ele já havia conhecido. Temia se casar com ela, mas não tinha escolha.

A pedido de sua mãe, fez muitos esforços para cortejar Margaret. A mãe dele acreditava que talvez o comportamento de Margaret mudasse se ele a tratasse com ternura e tolerância até que ela se tornasse mais confortável com todos eles. Por esta razão tentou ser gentil e paciente com a desagradável mulher.

Nada que Logan fez foi aprovado por Margaret. Entretanto, ela gostava de cavalgar, então ele fazia um esforço para levá-la ocasionalmente. Mas ainda assim, ela mostrava a sua língua afiada e tratava-o com desprezo. Finalmente desistiu, pelo menos quando estavam sozinhos. Ele se esforçou para não ser descortês, simplesmente preferindo tratá-la com indiferença. Mas hoje

atingiu seu limite.

Quando eles chegaram ao pântano⁵ suavemente inclinado, ela perguntou:

— Hoje Vamos cavalgar como velhas de novo?

Ele encolheu os ombros:

— Nós podemos aumentar o ritmo um pouco, se você quiser.

— *Nós podemos aumentar o ritmo um pouco* — ela zombou dele — o seu dócil saco de ossos pode estar satisfeito, mas Robin precisa de uma corrida.

— Margaret, temos que ser cuidadosos — ele começou a adverti-la sobre os lugares rochosos escondidos na grama, bem como o precipício no outro lado da colina.

Mas antes que pudesse terminar ela tinha chutado seu cavalo para um galope, dizendo por trás do ombro:

— Eu sou uma excelente amazona e não preciso que você me diga o que fazer.

Ele tentou alcançá-la, arriscando sua própria segurança no processo. Precisava pará-la antes que ela encontrasse um desastre, mas ela iludiu-o intencionalmente. Simplesmente não conseguia alcançá-la. Ele berrou para que parasse mas ela continuou em frente. Se ela não tivesse segurado as rédeas quando o fez... bem, ele não queria pensar sobre isso. Ainda assim, em sua fúria, ele tinha dito a ela que não seria grande perda, mas não era precisamente a verdade. Se a única filha do Lorde Grant morresse durante os cuidados dos Carrs, destruiria a já debilitada relação que esse noivado deveria consertar.

Quando ela foi atirada, seu coração quase parou. Ela caiu de costas e ficou quieta. Não se afastou dos cascos mortais de Robin.

Seu único objetivo foi garantir que o cavalo não a atropelasse. Quando ele finalmente foi capaz de voltar a atenção para Margaret, ela estava se movendo. O alívio que sentiu foi tão profundo quanto a sua raiva. Nas últimas semanas lutou para manter seu temperamento sob controle, mas não conseguiria aguentar muito mais.

Entretanto, quando gritou com ela, chamando a atenção para as suas atitudes imprudentes, ela disse: *eu sinto muito*. Foi tão inesperado, que ele pensou que estivesse zombando dele e então continuou repreendendo-a.

Quando contou a ela que teriam que andar de volta, ela não se transformou na megera chorosa que ele esperava. Ela o seguiu silenciosamente. Foi tão imprevisível o comportamento dela, que ele pensou que talvez a proximidade com a morte a tivesse intimidado. Logan olhou disfarçadamente para ela uma vez ou outra, esperando ver sua ira se aproximando enquanto caminhavam, mas não. Ela parecia excessivamente curiosa com os arredores, como se os estivesse vendo pela primeira vez. Bem, ela estava vendo-os pela primeira vez. Não poderia ter notado muito, já que estavam passando por tudo com uma velocidade vertiginosa.

Então ela parou. Ele tinha certeza que sua ira finalmente apareceria. Ele esperou antes de virar. Mais uma vez, ela fez o inesperado. Foi educada. Pediu desculpas por não poder acompanhá-lo, aceitou a responsabilidade por suas ações, e apesar de estar certo que pediria que fosse mais devagar, ao invés disso, ela disse que se esforçaria mais. *O que diabos ela estava fazendo?* Tinha que ser uma tentativa de manipulá-lo.

Finalmente quando o Castle Carr apareceu a vista, um lugar que ela desprezara no dia anterior, ela parou como se o admirasse, observasse sua beleza. Isso o convenceu de que tudo tinha sido um teatro, até que ponto ele não sabia.

Agora enquanto olhava para a mulher que tinha caminhado silenciosamente com a dor de uma lesão, ele estava começando a pensar que não seria um teatro. Pelo contrário, algo estava terrivelmente errado. A megera de quem estava noivo não teria sofrido a pé com um cotovelo ferido, quanto mais costelas quebradas. E então ela se afastou dele, implorando que não a fizesse cavalgar.

— Margaret, por favor — ele olhou para seus olhos e viu um medo desenfreado.

— Está tudo bem, sério, eu posso andar — ela se esquivou dele, começando a andar em direção a Castle Carr — Viu? Eu estou bem?

Ele estava do seu lado em alguns passos largos, pegando o cotovelo dela para detê-la.

— Margaret, você não pode caminhar o resto do caminho. Me desculpe, não percebi que estava tão ferida.

— Não foi sua culpa. De verdade não foi. Eu não quero que me coloque naquele cavalo.

— Você está com medo de Micah? — o cavalo que ela chamou de *dócil* mais cedo? Ele procurou em seu rosto para ver algum sinal de que estava dissimulando, mas ela lhe pareceu inocente.

— Bem, sim.

— Robin está melhor. Prefere montá-lo?

Ela mexeu a cabeça, assustada.

— Oh, não, não ele.

Por tudo que era sagrado, Robin *era o seu cavalo*, ela trouxe-o do Castelo Grant. Mas aqui estava ela, tão assustada como o cavalo tinha estado antes. Logan percebeu que precisava lidar com ela do mesmo jeito. Ele abaixou a voz, suavizando seu tom, e segurou sua bochecha suavemente com uma mão.

— Então monte Micah, eu vou andar atrás de você.

— Eu não me importo se você quiser andar a cavalo. Eu ficarei bem.

Claramente ela entendeu errado o que ele quis dizer.

— Margaret, o que assusta você.

Ela olhou nos olhos dele por um momento antes de responder.

— Eu não fui completamente honesta com você sobre minhas costelas. Elas doem muito. Além de não querer andar a cavalo, tenho medo de você me levantar.

Pelo amor de Deus.

— Moça, serei o mais gentil que eu puder. Mas não pode andar mais. Deixe-me ajudar você.

Ela suspirou e assentiu, ainda parecendo assustada.

Logan a levantou e a colocou em Micah. Colocando as mãos na cintura, bem abaixo das costelas, a levantou facilmente nas costas do cavalo. Ele ouviu sua rápida ingestão de ar. Ela franziu a testa e mordeu o lábio inferior, mas novamente, de forma pouco característica, não disse nada.

— Você está bem?

Acenando ligeiramente, ela disse:

— Sim

Mas sua expressão izia outra coisa.

— Como eu — ela olhou em volta parecendo confusa — como eu mudo a perna?

— Você não precisa, moça.

Ela ficou em pânico.

— Não posso cavalgar de lado, não posso cavalgar de nenhum jeito.

— Eu estarei logo atrás de você. Vai ficar bem.

Ele montou na sela, depois puxou-a suavemente em seu colo, colocando seus braços em volta dela.

— Você está bem? — ele perguntou de novo.

Ela assentiu.

— Sim

Ele ainda não acreditava nela, mas resolveria tudo quando chegassem ao Castelo Carr.

Ele manobrou Micah, perto o suficiente de Robin, de modo a pega as rédeas do outro cavalo. E então incentivou Micah a caminhar.

— Nós estaremos em casa logo.



Casa. Ela nunca tinha estado tão longe de casa. O choque e a maravilha inicial de sua ida ao passado distante estavam desgastando-a, deixando-a cansada e dolorida. Não sabia quem era esse homem, mas no momento gostava da sensação de estar

em seus braços. Ela pousou a cabeça em seu peito.

Em pouco tempo, eles entraram na aldeia que cercava o castelo. Ela voltou a ficar maravilhada quando viu o que estava ao redor deles. Nenhum dos aldeões a olhou nos olhos. Talvez essa fosse a forma de ser das coisas, mas isso deixava-a desconfortável e não gostou.

Quando se aproximaram do portão, Maggie mal podia conter sua admiração. Um homem que parecia ser um guarda no portão chamou:

— Eu estava prestes a mandar um homem buscar você, sir. Não esperava que tivessem ido tão longe.

— Tivemos um pequeno contratempo. Lady Margaret caiu do seu cavalo.

O homem ergueu uma sobrancelha, parecendo quase satisfeito.

— Caiu? O cavalo está ferido?

Maggie fez uma careta e se lembrou das coisas que o homem havia dito para ela: *Você deixou claro que preferia não ter nada a ver com o clã Carr em geral, especificamente comigo. Não nos mostrou nada, apenas desdém.* Com vergonha, ela evitou olhar para o guarda.

Seu companheiro respondeu:

— Não, o cavalo está bem mas Lady Margaret se machucou. Poderia procurar por Bearnas?

— Certamente — disse o guarda. Ele não demonstrou qualquer preocupação com ela.

Conforme eles entraram, seu companheiro chamou:

— Broc, veja nossas montarias por favor.

— Sim, sir — Broc se aproximou, pegando as rédeas de Robin.

Seu companheiro desmontou. Ele estava ao lado do cavalo, olhando para ela.

— Vou descer você.

Maggie assentiu com a cabeça, mas ficou rígida, se preparando. As mãos dele cercaram a sua cintura. Ele era extremamente gentil, mas a dor disparou através de suas costelas. Ela apertou os dentes evitando gemer.

Ele a colocou no chão mas não tirou as mãos:

— Você está bem?

— Sim, estou bem.

— Margaret, você não mente bem.

— Eu... minhas costelas doem. Mas estou bem

Ele olhou para ela no que parecia ser uma mistura de preocupação e confusão.

— Bem, vamos te levar para dentro.

Eles entraram e foi tudo o que Maggie poderia fazer para não ficar olhando com grande espanto. As paredes eram de pedra, mas o teto e os pisos eram de madeira. O salão estava movimentado com a atividade. Parecia que eles estavam se preparando para servir uma refeição. Ela sorriu para si mesma, lembrando-se de um "banquete medieval" que tinha participado em férias na Irlanda. Tinha sido divertido, mas nada como esse — embora uma xícara de hidromel não ficasse mal. Suas costelas estavam latejando.

Uma bela mulher mais velha, que parecia estar dirigindo as coisas olhou na direção deles.

— Oh, filho, você está de volta. Estávamos ficando preocupados.

Ela atravessou a sala em direção a eles.

— Me desculpe preocupá-la, mãe. Nós nos atrasamos um pouco. Lady Margaret caiu do seu cavalo.

— Meu Deus. Margaret, querida, você se machucou?

— Eu ficarei bem, minha lady, obrigada. *Minha lady? De onde tinha vindo isso?*

As sobrancelhas da mulher se levantaram num óbvio choque. Ela olhou para seu filho buscando uma explicação. Talvez essa não fosse a maneira de se dirigir à mulher.

— Ela quebrou as costelas, mãe. Mandei chamar Bearnas.

Sua mãe parecia preocupada

— Costelas quebradas? Margaret, deve estar com muita dor. Bearnas terá uma poção para você. O melhor que pode fazer agora é ir para o seu quarto e descansar.

Seu filho assentiu.

— Sim, nós mandaremos Bearnas assim que ele chegar.

— Vocês estão preocupados por nada. Estou bem — Maggie assegurou a eles.

— Não, moça, você realmente precisa descansar — disse a mulher mais velha — Vá para seu quarto, eu estarei lá num instante.

Bem, parecia que Maggie teria que fingir amnésia no fim das contas. Ela esperou um pouco antes de dizer:

— Não tenho muita certeza de onde é.

Capítulo 4

Logan olhou para Margaret com descrença. — O que você quer dizer, você não tem certeza de onde está? Não mudou de sítio.

Sua mãe foi direta ao coração do problema, perguntando. — Quando você caiu bateu com a cabeça, moça? — seu tom estava atormentado.

Margaret deu um pequeno aceno de cabeça. — Sim, minha senhora.

Sua mãe franziu a testa. — Você conhece o seu nome?

— Margaret?

— Eu tenho chamado você de Margaret. Você conhece seu nome de clã? — Perguntou Logan.

— Eu não sou uma Carr?

Logan ficou estupefato. — Não, moça, você não é. Você sabe meu nome?

Ela balançou a cabeça.

Sua mãe ofegou, sua mão voando para a boca. — Minha Mãe. Ela perdeu a memória. Ouvi que isso pode acontecer com um golpe na cabeça.

Logan mal podia acreditar nisso. — Você não se lembra de nada? Quando iria mencionar isso? — ele teve problemas para

manter a irritação fora de sua voz, pelo que imediatamente arrependeu-se, porque ela deu um passo para trás, parecendo assustada.

Margaret encolheu os ombros ligeiramente.

— Você estava chateado comigo com razão e eu não queria piorar as coisas. Eu... eu pensei que deveria ter sido por acertar minha cabeça e minha memória voltaria quando minha cabeça se esvaziasse. — Sua expressão era inocente. — Mas, como não está, você se importaria de me dizer seu nome?

— Eu sou Logan Carr. — Logan sabia que algo estava errado. Isso explicava seu comportamento estranho. Era quase divertido. Ela tinha esquecido de ser desagradável. — Esta é minha mãe, lady Davina Carr e você é Lady Margaret Grant.

Depois que sua mãe se recuperou de seu choque momentâneo, ela assumiu o controle em seu estilo eficiente e usual.

— Logan, envie Bearnas quando ela chegar aqui. — ela estendeu a mão e pegou uma das mãos de Margaret. — Margaret, querida, vou mostrar o seu quarto. Não se preocupe, moça, vamos resolver isso.



Lady Carr levou Maggie para uma ampla escada que curvava para cima e se estreitava consideravelmente à medida que subia. Subiram dois níveis antes de entrar no corredor. A câmara de

Margaret estava no meio do corredor. Quando entrou no quarto mal conseguiu andar. Uma cama com a cabeceira lindamente esculpida estava parada contra uma parede. Mas em vez de quatro postes segurando um dossel, como nas fotos que ela tinha visto, o dossel, com trilhos e com pesadas cortinas de lã, estava suspenso do teto. Grandes tapeçarias adornavam as paredes. A sala também era ocupada por um enorme guarda-roupa, várias cadeiras, um lavatório e um grande baú.

Maggie caminhou em direção à cama. Passou os dedos com reverência sobre a escultura e a coberta de lã grossa e macia da cama. Ela se virou para Lady Carr.

— É lindo.

Lady Carr inclinou a cabeça para um lado com uma expressão intrigada.

— Sim, sempre achei. Estou feliz que você goste. — ela sorriu. — Agora, deixe-me ajudá-la a remover sua roupa exterior. Eu acho que você deveria se deitar.

— Sim, acho que você está certa, mas não precisa me ajudar a despir. — Maggie olhou para o vestido e percebeu que não tinha botão ou qualquer outro aperto que pudesse ver. Ela tentou olhar por cima do ombro, mas a dor nas costelas impediu que se afastasse, então não conseguiu descobrir como remover o vestido. Lançou um olha tímido a uma Lady Carr, que parecia divertida. — Uh, acho que preciso de sua ajuda.

— Certamente, querida. — Lady Carr moveu-se para trás dela. — Os laços estão nas costas.

Depois de Lady Carr a ajudar a sair do vestido, Maggie percebeu a corrente do relógio pendurada ao redor do pescoço,

sob a roupa de seda branca que ainda estava vestindo. Assim como Gertrude havia dito, o relógio veio com ela. Teria que encontrar um lugar para escondê-lo, pois poderia parecer estranho se o vissem. Mas, por enquanto, deixou-o sob suas roupas e subiu na cama.

Lady Carr guardou o vestido antes de voltar e ficar de pé junto à cama. Ela afastou um cabelo caído na testa de Maggie, lembrando a Maggie de forma tão pungente de sua própria mãe, que as lágrimas brotaram nos olhos.

— Oh, querida, você está com dor?

— Não. Quero dizer, um pouco, mas... — Maggie procurava por algo para dizer. Ela não podia dizer, bem, que sentia falta da mãe.

— Eu sei que deve ser terrivelmente assustador, moça. Mas tenho certeza que você vai começar a se lembrar das coisas em breve.

Bom. Lady Carr deu a sua própria explicação para as lágrimas.

Um golpe soou na porta.

— Entre. — disse Lady Carr.

Uma mulher de cabelos brancos carregando uma bolsa de couro entrou.

— Minha senhora, eu entendi que Lady Margaret teve um acidente.

— Sim Bearnas. Ela caiu do seu cavalo. Margaret, esta é Bearnas. Ela é uma das curandeiras do Clã Carr.

— Nós já nos encontramos, minha senhora. — Disse Bearnas. Seu tom de voz sugeriu que Bearnas não estava muito feliz com

esse fato.

— Bearnas, Lady Margaret quebrou as costelas, mas talvez mais preocupante, ela bateu com a cabeça e está tendo dificuldades em lembrar coisas.

Os olhos de Bearnas se arregalaram de surpresa.

— Bem, vamos ver o que é então. — Ela passou a examinar Maggie, chegando à mesma conclusão que a própria Maggie chegara. — Sim, você está com um ferimento e eu garanto que tem pelo menos duas costelas quebradas. Eu vou dar uma infusão de cascas de salgueiro para a dor, mas elas vão curar com o tempo e descanso.

Maggie tinha se preocupado com o que poderia se passar com a medicina neste tempo, mas sabia que a casca de salgueiro tinha uma substância como aspirina. Isso deveria ajudar a dor e a inflamação. Bearnas também estava certa sobre o melhor tratamento. Não havia nada a fazer com costelas quebradas, a não ser permitir ao tempo curar.

Bearnas continuou. — Há também uma pequena protuberância na sua cabeça. Ouvi falar de pessoas que não se lembravam do que aconteceu por um tempo depois de um golpe na cabeça. Você vai lembrar de tudo de novo, eu garanto.

Lady Carr franziu o cenho.

— Bearnas, não é o acidente que ela esqueceu. Ela não lembra de *nada*, nem mesmo seu próprio nome.

Bearnas franziu a testa.

— Nada? Eu não acredito nisso. — ela fixou Maggie com um olhar severo. — Você achou isso divertido, minha senhora? Gosta de assustar Lady Davina?

— Eu... eu... — Maggie não sabia o que dizer. O tom acusatório de Bearnas deixou-a com a certeza que, como todos os outros que Maggie encontrou, a curandeira também não gostava de Margaret.

— Não, Bearnas, tenho certeza de que ela não está mentindo.
— assegurou Lady Carr.

Bearnas parecia duvidosa.

— Você sabe alguma coisa? — perguntou a Maggie.

— Eu sei que meu nome é Margaret Grant e que eu estou no Castle Carr, mas só porque me disseram isso. Não sei onde é Castle Carr.

Bearnas sacudiu a cabeça.

— Está nas Terras Altas, a sudoeste de Inverness.

As Terras Altas? Escócia? Maggie não viu nenhum kilt. Deve ser o século XIV ou mais cedo.

— Você sabe que dia da semana é? — perguntou a velha curandeira.

— Não. — disse Maggie.

— Bom céu, criança. — disse Lady Carr. — É sábado, três dias antes da festa de São João Batista.

A festa de São João Batista? Maggie não conhecia muitos dias de Santos de cabeça, mas sabia deste. Era seis meses antes da véspera do Natal, no dia vinte e quatro de junho. Três dias antes, sábado, vinte e um de junho o dia do casamento de Elliott, a centenas de anos dali, é isso. Maggie assentiu lentamente.

— Então é junho. Pode me dizer em que ano é?

— É o ano de Nosso Senhor mil duzentos e setenta. — disse Lady Carr gentilmente.

Com um caneco, o século XIII? Maggie voltou no tempo setecentos e quarenta e quatro anos. Ela deve ter demonstrado o seu espanto pelo modo que as duas mulheres olharam para ela. Ela sabia que provavelmente devia dizer alguma coisa, mas tudo o que conseguiu foi um — Oh.

Lady Carr pegou uma das mãos de Maggie na dela, dando tapinhas na parte de trás dela.

— Não se preocupe, Margaret, descanse por enquanto. Vou enviar sua refeição.

— Isso não é necessário, minha senhora. Eu posso descer. — Maggie só ficaria o suficiente para ver como era um verdadeiro jantar medieval em um castelo, de qualquer maneira. Jantar no século XIII e de volta ao século XXI para o café da manhã.

Lady Carr franziu o cenho para Maggie, parecendo perplexa.

— Mas você... não, talvez você... não, talvez você se junte a nós no salão amanhã, minha querida. Bearnas diz que precisa descansar. Seu pai ficará extremamente irritado se algo acontecer com você em nossos cuidados, e isso seria desastroso.

Maggie começou a argumentar, mas Bearnas a interrompeu.

— Não minha senhora, Lady Davina está certa. Beba esta infusão de casca de salgueiro e repouse o resto do dia. Talvez suas memórias voltem de manhã.

Claramente, elas não iriam recuar, então Maggie concordou, bebendo a poção e deitando-se na bela cama antes de saírem.

Ela olhou para o dossel suspenso do teto, pensando em tudo o que aconteceu. Tinha sido uma experiência além de qualquer coisa que ela pudesse ter imaginado. Por mais que quisesse ver como seria o jantar no grande salão percebeu que provavelmente

deveria apenas dizer a palavra e ir para casa. Se eles descobrissem que Margaret morreu, isso seria facilmente explicado. Afinal, eles acreditavam que ela tinha sofrido uma lesão na cabeça bastante grave para perder todas as suas lembranças.

Ainda assim, algo a incomodava. Lady Carr havia dito que o seu pai ficaria extremamente irritado se algo lhe acontecesse aos *nossos cuidados*. Maggie se perguntou por que exatamente ela estava aos cuidados dos Carrs. Talvez tivesse sido capturada e mantida por resgate. Sim, isso acontecia o tempo todo em histórias de romance e os Carrs pareciam não gostar dela. Ainda assim, estava cavalgando com Logan e obviamente tinha recebido boas acomodações. Não seria trancada em uma torre ou uma masmorra se fosse uma prisioneira?

Talvez ela fosse uma dama-de-companhia ou alguma coisa do tipo para Lady Carr, mas isso parecia improvável também. Certamente, ela não iria andar com Logan se fosse uma criada ou assistente pessoal ou, seja o que for que fosse uma dama de serviço, da sua mãe.

Lady Carr também disse que seria *desastroso* se algo acontecesse com Margaret enquanto estivesse em seus cuidados. O que isso significava? Maggie sentir-se-ia terrível se os Carrs sofressem algumas consequências sérias como resultado do comportamento irresponsável de Margaret.

Talvez fosse melhor se ela ficasse ali o tempo suficiente para saber exatamente o que aconteceria com os Carrs quando ela fosse embora. Poderia haver uma maneira de garantir que a responsabilidade por sua morte não pudesse ser atribuída a eles.



Naquela noite, Logan sentou-se á cabeceira da mesa. Ele estava tendo problemas para aceitar a mudança de eventos de hoje. Margaret, a mulher com quem temia casar, quase se matou e perdeu todas as lembranças no processo. Ele ofereceu uma oração de ação de graças por ela não estar ferida, e talvez fosse ruim para ele, mas também agradeceu a Deus pela mudança em sua personalidade por quanto tempo durasse.

Sua avó, que estava sentada à direita, disse.

— Logan, o que preocupou tanto você esta noite? A megera amargou seu humor novamente?

Sua avó não era uma pessoa para medir palavras e, francamente, durante as últimas semanas, se ele estava distante, Margaret era quase sempre o motivo. No entanto, esta noite não era sua desagradável disposição que o fizera pensar.

— Você ouviu o que aconteceu hoje, avó?

— Sim, a moça quase se matou cavalgando, mas acabou sendo jogada de traseiro.

— Foi o que ela fez, mas não consegue lembrar-se de nada agora e... bem, ela mudou.

— Um golpe na cabeça não poderia provocar uma mudança significativa para torná-la tolerável.

Os lábios de Logan se contraíram enquanto tentava reprimir o sorriso.

— Avó, por favor.

— Por favor, o quê Não tenho idéia por que você a tolera. Queime o contrato de noivado e mande-a de volta com as cinzas.

— Você sabe que não posso fazer isso.

— Não pode fazer o quê? — perguntou a mãe, que estava sentada no outro lado da avó.

— Eu disse a ele o que deveria ter feito com essa pequena megera, malvada, e mandá-la de volta para ela.

— Não, Agnes, ele certamente não pode fazer isso. — disse sua mãe. — O noivado foi assinado há anos. Seria um insulto terrível para os Grants.

Sua avó franziu a testa.

— Meu filho assinou esses documentos antes de conhecer a moça. Se ele ainda estivesse vivo e pudesse ver o tipo de mulher que ela é, eu garanto que concordaria comigo. Não precisamos tão desesperadamente dos Grants como aliados.

Logan balançou a cabeça.

— Avó, embora não possamos precisar deles como aliados, não os queremos como inimigos. A mãe está certa. Falhar em honrar o noivado provavelmente resultaria em uma disputa que não podemos pagar.

Sua avó argumentou.

— Bem, se essa moça sem cabeça se matar, será pior. Ele não só será insultado, ele buscará retribuições imediatas. Seu avô nunca confiou nos Grants.

Ele sorriu com indulgência para a avó.

— Eu sei, mas é por isso que ele procurou o noivado, para limitar a ameaça que eles representavam.

Sua mãe concordou com a cabeça.

— Então não haverá mais conversas sobre quebrar o noivado e devemos garantir sua segurança apartir de agora

Logan franziu a testa.

— Mãe, você acha que eu teria arriscado sua vida intencionalmente?

— Não, claro que não, mas se ela não o vai ouvir, então não deve andar a cavalo.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não acho que devemos nos preocupar com isso até sua memória retornar. Agora ela parece aterrorizada com os cavalos.

Sua avó falou novamente.

— Bem, se ela realmente mudou, e o bom Senhor está sorrindo para nós, sua memória nunca mais irá retornar.

Por mais cruel que fosse, Logan rezou o mesmo.

Capítulo 5

Maggie acordou muito cedo na manhã seguinte. Por um momento, ela pensou que tudo tinha sido um sonho. Então abriu os olhos. O toldo, a cama esculpida, paredes de pedras, não era um sonho. Estava definitivamente no século XIII. Ela se esticou e gemeu com a dolorosa lembrança de ser jogada fora de um cavalo e quebrado suas costelas. Cautelosamente saiu da cama para evitar outra pontada de dor.

Na tarde e na noite anteriores, Bearnas a havia verificado várias vezes, assim como lady Carr. Lady Carr também enviou servos com comida e jarros de água fresca para o suporte de lavagem.

No final da noite, uma jovem tinha batido timidamente e entrou no quarto.

— Se você quiser, minha senhora, eu vou ajudá-la a se preparar para a cama.

Maggie estava perdida. — Há alguma razão para eu precisar de ajuda para me preparar para a cama? — com um olhar confuso da menina, Maggie disse. — Desculpe-me, qual é o seu nome?

Os olhos da menina cresceram.

— O que eles estão dizendo é verdade então? Você perdeu suas memórias?

Maggie sorriu.

— Sim é verdade. Então, você se importaria de dizer seu nome?

— Não, desculpe, minha senhora, eu sou Freya, servi como empregada doméstica desde que você chegou ao Castelo Carr.

— É bom conhecer você Freya. Por favor, perdoe-me se isso parecer uma pergunta tola, mas o que você faz para me ajudar a me preparar para a cama? — Maggie já ia sozinha para a cama por alguns anos. Ela não podia imaginar a necessidade de ajuda.

— Minha senhora, ajudo-a a tirar suas roupas e as coloco. Eu penteio e tranço seus cabelos e esvazio seu lavatório e o penico.

Ah, o penico. Essa foi uma experiência totalmente nova. Como enfermeira havia ajudado muitas pessoas a trocar roupas de cama ou cuidar dos objetos nas mesinhas de cabeceira, mas a idéia de que alguém tinha que fazer isso por ela era embaraçosa.

— Certamente, eu posso fazer isso sozinha. Talvez você possa me mostrar onde?

A menina não poderia ter ficado mais chocada se Maggie tivesse sugerido dançar nua nas ameias.

— Por todos os santos, minha senhora, você não pode fazer isso. Eu ficaria mortificada. É minha responsabilidade. O que as pessoas diriam? Eu sei que você queria uma empregada melhor do que eu, mas por favor, peça a Lady Davina para atribuir outra pessoa. Não me envergonhe.

— Freya, eu... me desculpe. Não queria te envergonhar. Eu só... não importa. Claro que não vou pedir a Lady Davina para me atribuir outra pessoa. Por favor, me ajude a preparar para a cama.

Agora, na luz da manhã, Maggie teve que usar essa

conveniência mais uma vez. Quando terminou, ela se lavou e olhou no guarda-roupa para vestir algo. Estava impressionada com o número e a variedade de roupas que Margaret tinha. Encontrou outra lã de seda branca como a que usara no dia anterior. Havia uma grande variedade de vestidos, mas a maioria exigia ajuda ou destreza para amarrar. Com alguma dificuldade, finalmente encontrou um verde pálido com laços pelos lados. Certamente poderia lidar com isso.

No momento em que o colocou, parecia que uma criança tinha abotoado seu casaco. Um lado ficou mais apertado do que o outro, fazendo o vestido cair desajeitadamente. Ela estava franzindo a testa, tentando ajustá-lo quando Lady Carr bateu e entrou no quarto com Freya atrás dela.

— Margaret, querida, você está acordada mais cedo do que de costume. — Ao ver sua situação, Lady Carr sufocou um sorriso.

— Minha senhora, deixe-me ajudá-la com isso. — disse Freya.

— Eu pensei que poderia conseguir me vestir. — disse Maggie, envergonhada.

Em apenas alguns momentos, Freya tinha uniformizado a tensão dos laços, de modo que o vestido estivesse colocado adequadamente.

Lady Carr perguntou.

— Como você está se sentindo esta manhã?

— Minhas costelas estão doloridas, mas, de resto, eu estou bem.

— Sua cabeça está doendo?

— Não, não, mas ainda não lembro de nada.

— Minha senhora, sente-se aqui por favor e vou pentear seus cabelos. — disse Freya, guiando-a até uma cadeira.

— Você pode ir até a missa então? — perguntou Lady Carr.

— Missa? Sim, isso seria bom. — Algo familiar. — Sim, eu adoraria ir a missa.

Lady Carr sorriu.

— Muito bem então. Quando Freya terminar com seus cabelos, ela vai trazê-la pelas escadas. — Com isso Lady Carr saiu do quarto.

Maggie fechou os olhos e suspirou quando Freya começou a pentear os cabelos.

— Eu adoro o meu cabelo penteado.

Freya parou.

— O que você disse?

Maggie olhou para cima do ombro.

— Eu disse, adoro ter meu cabelo penteado.

— Não. Você não, minha senhora. Você sempre se queixa de que eu luto demais ou que estou fazendo isso de forma errada.

— Eu? — Maggie encolheu os ombros. — Bem, eu gosto disso agora. Obrigada.

Freya parecia espantada.

— Eu não acho que você já tenha dito isso.

— O quê?

— Obrigada. Pelo menos, nunca disse na minha frente.

Maggie franziu a testa.

— Bem, desculpe. Isso foi muito descortês de minha parte.

Freya balançou a cabeça, sorrindo.

— Você nunca disse isso também.

— Então me desculpe por isso também. Tenho a nítida sensação de que eu posso dizer muito.

Freya riu.

— Deixe-me terminar com seus cabelos para que você possa ir à missa.

Quando terminou, Freya colocou um véu sobre a trança elaborada que havia trabalhado. Maggie pensou que era uma vergonha cobrir a trança bonita, mas antes de dizer isso, lembrou-se de que as mulheres cobriam a cabeça na igreja até mesmo no século XX.

Freya mostrou a Maggie o grande salão onde Lady Carr esperava com Logan e uma mulher muito mais velha. Freya fez uma reverência a eles antes de se desculpar.

Maggie disse.

— Eu os fiz esperar, desculpe. — Freya devia ter razão sobre Margaret nunca se desculpar, porque todos no alcance da audição pareciam surpresos.

Lady Carr sorriu calorosamente.

— Você não precisa se preocupar, moça. Você se lembra do meu filho. Eu espero?

— Sim, bom dia, Logan. — Freya tinha feito uma reverência, talvez ela devesse. Ela balançou uma reverência, achando que não faria mal.

Logan arqueou uma sobrancelha.

— Bom dia. Espero que esteja bem essa manhã?

— Sim, Obrigada. E você? — olhares chocados de novo. Margaret não tinha maneiras?

— Sim, Margaret, eu estou. Agradeço por perguntar. A menos

que muito tenha mudado desde ontem, suspeito que você não se lembre de minha avó, Lady Agnes Carr.

— Muito prazer em conhece-la. — disse Maggie. Ela fez uma reverência novamente.

Lady Agnes assentiu gentilmente com ela.

Maggie percebeu que ainda não conhecia Lorde Carr e não tinha certeza se Lorde Carr era o pai ou o avô de Logan, então ela perguntou.

— Lorde Carr vai se juntar a nós?

Logan inclinou a cabeça.

— Margaret eu sou Lorde Carr.

O maxilar de Maggie caiu.

— Eu... desculpe... Lorde... Eu não sabia, ou pelo menos não lembrei.

Ele riu.

— Claramente. — Oferecendo-lhe o braço dele, ele disse. — Vamos para a missa?

Maggie aceitou, andando com ele lá fora e atravessou o pátio até a capela, ela não pensou nisso até entrar na capela, mas teve um momento de pânico. O que eles pensariam se não pudesse dizer as palavras da liturgia? Controle-se Maggie, você tem amnésia.

No entanto, quando a missa começou, ela não teve problemas. Reconheceu o idioma como o latim. Estudara latim durante o ensino médio e aprendeu todas as orações da antiga missa Tridentina em latim. Claro que seria mais trezentos anos antes que o Papa Pio V revisasse o missal romano em uma missa unificada. Ainda assim, não era muito diferente e a compreensão

do latim litúrgico a ajudava a seguir. Francamente, ficou um tanto impressionada. Além do idioma em que se celebrou, a missa mudou muito pouco em setecentos anos. De certa forma, foi reconfortante. Ela se sentiu conectada não só as pessoas à sua volta, mas às pessoas de todo o mundo e ao longo do tempo que realizavam o mesmo ritual diariamente.

Logan pegou o braço novamente quando saíram da missa.

— Isso foi interessante, Margaret.

— O quê? A missa?

— Não precisamente. Foi interessante o quanto você parecia ouvir as leituras.

— Bem eu sempre gostei da história da misericórdia de Cristo em relação à mulher do poço.

— Você?

— Sim. — Ela franziu a testa. — Você acha isso estranho?

Ele assentiu.

— Extremamente estranho. Você nunca ouviu antes, além de recitar as orações, não entende o latim. Então, você não saberia que o evangelho era a história da mulher no poço.

Bolas. Maggie só entendeu o latim porque ela mesma tinha estudado isso. Era a língua da igreja medieval e acabava de assumir que Margaret sabia disso também. Perder todas as lembranças era uma coisa, saber tudo o que Margaret nunca soube era outra. *Blefe Maggie.*

— Você deve ter me entendido mal. Eu não estou aqui há tanto tempo, você disse.

— Eu não entendi mal.

— Talvez eu estivesse mantendo isso em segredo, mas...

bem... eu esqueci de manter segredo.

— Por que você faria isso?

— Eu não sei, Logan. Por que eu andaria em meu cavalo em um terreno estranho quando você me avisou para não fazer isso? Não posso explicá-lo. Percebo que foi pura estupidez e esconder o fato de que eu entendo latim é igualmente estúpido. Não posso imaginar o motivo.

Ele considerou por um momento, mas pareceu aceitar a explicação. Maggie agradeceu por isso, mas ficou claro que ela precisava descobrir por que Margaret estava morando no Castelo Carr e quais as consequências para os Carrs se ela fosse morrer. Maggie queria chegar em casa antes de cometer outra grande gafe e eles começarem a suspeitar que ela era uma bruxa ou algo assim.

Quando chegaram á torre, Logan soltou o braço e lhe deu um pequeno cumprimento. Não tinha certeza do que fazer, ela deu um ligeiro aceno de cabeça e ficou ali.

Ele franziu a testa.

— Você precisa de algo?

Sim, café da manhã.

Sua mãe e sua avó entraram no corredor atrás deles. Lady Davina disse.

— Margaret, querida. Fico feliz que você se sentiu capaz de comparecer á missa, mas deveria voltar para a cama e descansar até o jantar.

Jantar? Ela tinha esperança que isso significasse almoço, mas todos tinha tomado café da manhã? Maggie pensou que as pessoas jejuavam desde a meia-noite até depois da missa até no século XX.

— Eu... bem... Suponho que esqueci a refeição da manhã. — ela poderia administrar sem café da manhã se precisasse, mas esperava descobrir mais por que ela estava ali.

— Não, você não teve. — disse lady Davina. — Mas você não tem o hábito de comer uma refeição matinal.

— Eu não tenho? — evidentemente ninguém disse a Margaret que o café da manhã é a refeição mais importante do dia.

— Não você não tem, querida. Mas eu vou te enviar algo para comer, se desejar.

— Eu não quero ser um incômodo. Posso comer aqui com os outros... ou na cozinha.

A avó de Logan não podia conter seu riso.

— Bem, isso colocaria a equipe da cozinha com a pulga atrás da orelha. A alta e poderosa Lady Margaret, que não pode fazer as refeições na grande sala com os outros, se dignando a comer na cozinha.

Maggie ficou chocada. Ela entendeu corretamente? Margaret foi convidada, mas não comeu com eles?

— Eu nunca comi com você no salão antes?

Lady Agnes disse.

— Não desde que seu pai nos deixou depois de trazê-la aqui.

O calor subiu no rosto de Maggie. Ela ficou profundamente envergonhada em nome de Margaret.

— Há quanto tempo eu estou aqui?

Logan respondeu-lhe.

— Você chegou na festa de Pentecostes.

Isso lhe disse muito pouco. Dependendo de quando a páscoa caiu naquele ano, o Pentecostes poderia ter estado em qualquer

lugar entre duas e seis semanas atrás.

— Há quanto tempo foi o Pentecostes?

— Você está aqui há três semanas, querida. — disse Lady Davina gentilmente.

Maggie ofegou.

— Eu fiz todas as minhas refeições no quarto por três semanas? — os três Carrs assentiram com a cabeça. Mais uma vez, Maggie encontrou-se pedindo desculpas pelo mau comportamento de Margaret. — Não consigo imaginar por que eu fui tão grosseira, mas sinto muito. — Ela nunca tinha ficado tão envergonhada e simplesmente queria escapar. — Eu sinto muito. Por favor, dê-me licença.

Maggie começou a sair, mas a mãe de Logan colocou a mão em seu ombro parando-a.

— Margaret, não seja tão dura com você. Foi um ajuste difícil. Você precisou apenas um pouco de tempo.

— Três semanas são mais do que um pouco de tempo e exatamente com o que eu tenho que me ajustar?

Logan arqueou uma sobrancelha.

— Eu.

Ele? O que isso significava? Só demorou uma fração de segundos para que ela identificasse uma possível explicação. E para seu pesar menos que isso para que ela saísse da sua boca.

— Oh, querido Deus, somos casados?

Logan deu uma risada sem graça.

— Noivos. Mas tenho o prazer de saber que você esqueceu tudo, até o quanto você me odeia.



Desde o momento em que Margaret caiu do cavalo no dia anterior, Logan ficou intrigado. Ele aceitou que um golpe na cabeça poderia causar perda de memória, mas a personalidade inteira de Margaret havia mudado. Como foi possível? Ainda assim, a reação ao saber que eles estavam noivos era um vislumbre da velha Margaret, sua resposta ao comentário insensível não era.

— Não, Logan, desculpe. Não era o que eu queria dizer. Fiquei surpresa. Eu acho... pensei... bem, ontem não parecia que gostasse muito de mim. Não imaginei que estivéssemos noivos. Por favor, perdoe meu desrespeito, eu realmente não quis ofendê-lo.

Depois da miséria que ela causou com sua língua afiada durante as últimas semanas, ele não poderia mentir sobre isso.

— Você não quis dizer nenhuma ofensa? Deve ser óbvio que não fez nada além de ofender desde que chegou. — *Maldição*. A velha Margaret teria revidado algo igualmente grosseiro. Mas agora ela corou furiosamente e olhou para baixo, envergonhada.

Sua mãe franziu a testa. Ela não o criticaria abertamente como fazia quando ele era mais novo, antes que se tornasse lorde, mas sua expressão falava muito. Mesmo sua avó, cuja paciência com Margaret tinha se desgastado depois de alguns dias, parecia ofendida.

Ele tinha que dizer alguma coisa.

— Sinto muito, Margaret.

Ela balançou a cabeça, mas não olhou para ele nos olhos.

— Por favor, não. Não consigo explicar nada que tenha acontecido ou por que fiquei tão desagradável. Mas, claro, você não é quem se deveria desculpar. Por favor, dê-me licença.

— Mas você disse que queria comer. Venha sentar-se à mesa e quebrar seu jejum com a gente.

— Realmente, isso não é necessário. Estou bem. Perdi meu apetite de qualquer maneira.

Logan franziu o cenho.

— Margaret, venha à mesa e coma. — Ela ficou surpresa e confusa. Ele não tinha a intenção de parecer tão brusco.

Ao contrário da víbora com a qual se acostumara, Margaret corou profundamente.

— Não, obrigado, por favor... me perdoe. — Ela praticamente correu para as escadas, deixando-os olhando para ela.

Nem sua mãe nem sua avó pareciam satisfeitas, mas não tinha certeza se a irritação era dirigida a ele ou a Margaret.

Sua mãe disse.

— Eu irei enviar algo.

Logan balançou a cabeça.

— Eu vou levar. Temos coisas para discutir.

— Logan, depois de sua lesão de ontem, ela precisa descansar, e você não deveria ficar sozinho com ela. — Disse sua mãe.

— Eu sou seu noivo. Ninguém deve se escandalizar se eu passar alguns momentos com ela sozinhos, e a conversa não vai sobrecarregá-la.

— Mas seu mau humor pode. — Disse sua avó.

Ele teve sua resposta, elas estavam irritadas com ele.

— Pelos santos, quando eu me tornei o vilão?

— Você não é um vilão filho, mas parece que Margaret também não. Vá com cuidado com ela.

Capítulo 6

Maggie tinha mentido para os Carrs. Ela não estava bem, cada centímetro de seu corpo doía e estava com fome. Mas enquanto tomar uma xícara de chá de folha de salgueiro e deitar um pouco a fazia sentir um alívio imediato, dizer *celular* resolveria tudo. Quanto mais cedo descobrisse quais seriam as consequências para eles, melhor.

Ela passou os minutos seguintes lamentando ter fugido. Não era apenas uma falta de maneiras, tinha perdido oportunidade para aprender mais... e tomar café da manhã. No domingo, ela, seu pai e Paige, quando estavam em casa, saiam para o café da manhã depois da missa. Estava pensando ansiosamente em café, torradas e salsicha, ou melhor ainda, ovos com bacon, quando alguém bateu na porta. Ela falou:

— Por favor, entre.

Logan entrou no quarto seguido por Freya que carregava uma bandeja de comida. Maggie olhou surpresa e chocada.

— Coloque a bandeja na mesa, Freya.

— Sim, Lorde. — a menina fez o que lhe foi instruído antes de perguntar: — Alguma outra coisa?

— Não, obrigado, você pode sair.

— Sim, Lorde. — Ela balançou uma reverência e saiu,

fechando a porta atrás dela.

Logan gesticulou em direção à mesa.

— Você precisa comer. Por favor, sente-se.

Ela assentiu, mas não se moveu.

— Obrigada. — Quando ele não mostrou sinais de sair, ela disse. — Você não precisa ficar.

— Sim, Margaret, eu sei. Temos coisas para discutir. Sente-se.

Ela não queria aumentar sua ira ainda mais, então sentou-se. A bandeja continha pão redondo, queijo, uma faca grande e uma tigela de caldo. Havia também um jarro e dois copos. Não eram ovos Benedict, mas não se importava. Ela partiu um pedaço de pão, mergulhou-o no caldo e mordiscou.

Logan serviu o que parecia ser vinho em ambos os copos antes de sentar na outra cadeira. Maggie decidiu que não era hora de dizer-lhe que preferia não beber vinho de manhã.

— Você gostaria de um pouco de queijo? — perguntou ele.

— Sim, obrigado.

Ele pegou a faca, cortando uma grande fatia para ela e outra para si mesmo.

Eles comeram em silêncio por alguns minutos. Finalmente Maggie não aguentou mais. Ela comeu um último bocado de queijo antes de dobrar as mãos no colo.

— Obrigada por trazer isso para mim. Não era necessário, mas eu aprecio isso.

Ele acenou com a cabeça para ela antes de beber um pouco de vinho do cálice.

— Então, se você terminou, há algumas coisas para tratar.

Maggie imaginou que isso seria o que sentiria ao ser chamada à sala do diretor, algo que nunca aconteceu com ela.

Logan considerou por um momento.

— Margaret, eu vou te perguntar uma última vez, está mentindo? É algum jogo que está jogando? Você decidiu que ser uma megera não estava resultando e trocou de tática?

Maggie balançou a cabeça com frustração.

— Não estou mentindo. Não lembro de nenhuma parte da minha vida antes do cavalo me atirar ontem. Quanto a ter algum motivo para agir como uma megera ou fingir ter perdido minha memória, não vejo o que ganharia com qualquer desses atos.

— Você não vê? — ele apertou o queixo e desviou o olhar. — Eu acredito em você, milhares não.

Maggie nunca tinha encontrado alguém que claramente não gostava dela.

— Eu não entendo por que estamos nos casando. É bastante óbvio que você não gosta de mim, muito menos me ama, e eu não me lembro se amo você ou não, no momento estou pensando que provavelmente não gostava.

Sua cabeça voltou para ela.

— Amor? De onde veio isso? Não, eu não amo você, e você não me ama. O noivado foi acordado há alguns anos para solidificar uma aliança entre nossos clãs. O amor nunca teve nada a ver com isso.

Ah, esta era a resposta. Se ele cancelar o casamento e a enviar para casa, ela não morreria sob o cuidado dos Carrs.

— Não quero me casar com alguém que não me ama. Não consigo imaginar por que aceitei isso de qualquer das formas.

Vamos acabar com isso.

Ele parecia horrorizado.

— O que você disse?

— O casamento. Apenas leve-me para casa e talvez possa encontrar uma noiva que se adapte melhor a você.

— Você sabe muito bem que o casamento é apenas uma formalidade. O compromisso é vinculativo. Só pode ser quebrado em circunstâncias extraordinárias.

O casamento era uma formalidade?

— Claramente, eu não sabia disso sobre o noivado, mas eu diria que uma noiva sem memória se qualifica como circunstância extraordinária?

— Então, isso é um fato.

Maggie perdeu a paciência.

— Ah, sim, você pegou meu plano inteligente. Eu fui andando com você, organizei um acidente que poderia ter me matado, na verdade quase o fez, apenas para que eu pudesse fingir perder a minha memória e, como tola, me deixar de lado. — Ela se pôs de pé e se afastou dele.

Estava tão brava que tremia.

— Estou começando a ver por que Margaret era uma megera. Você está se comportando com um idiota.

Logan franziu a testa.

— O que você acabou de dizer?

Ela se virou para encará-lo.

— Eu disse que você se comporta como um idiota.

Sua expressão era mortalmente séria.

— Antes disso.

— Eu... eu disse... — sua voz se apagou. Ela sabia exatamente o que havia dito no momento e também sabia que não podia explicar.

— Você disse: *você estava começando a ver por que Margaret era uma megera.*

— Eu?

— Você sabe o que falou. O que você quis dizer com isso?

Maggie olhou os seus pequenos punhos cerrados. Como ela poderia explicar isso?

Ele pressionou por uma resposta.

— O que você quis dizer, Margaret?

Ela suspirou, balançando a cabeça. Não sabia o que dizer, mas decidiu confiar nos fatos.

— Não tenho lembranças de ser Margaret. Parece que Margaret é outra pessoa. Não sei nada sobre ela, exceto o que você me disse, mas com base nisso, eu não gosto dela. Eu não quero ser Margaret e suspeito que você merece uma esposa melhor. — Cada palavra era verdade.

Ele franziu a testa.

— Você não quer ser Margaret? Quem você quer ser? — ela lembrou-se de sua conversa com Gertrude.

Às vezes eu queria poder ter a vida de outra pessoa, apenas por um tempo. Pergunto-me como seria ter, apenas de longe, fragmentos de sonhos. Bem, agora ela sabia e ansiava por estar em casa. Embora tentasse piscar de volta, uma lágrima errante abriu caminho por sua bochecha. Ela correu para longe.

— Eu só quero ser Maggie. — Assim que ela pronunciou as palavras perdeu a habilidade de conter suas lágrimas.

Logan atravessou a sala e a tomou em seus braços.

— Desculpe-me. Não queria fazer você chorar. Eu sinto muito.

Seus braços a faziam se sentir tão bem, eram tão reconfortantes. Há quanto tempo? Ela tinha sido forte por tantos anos, que tinha esquecido o quanto era bom se apoiar em outra pessoa ocasionalmente. Quando recuperou o controle, ela recuou e enxugou o rosto.

— Desculpe, estou bem agora.

Ele manteve as mãos em seus ombros, e inclinou a cabeça para olhar para ela.

— Você está certa. Você não é Margaret. Eu não entendo como uma batida na cabeça poderia fazer isso, mas você não é a mesma garota que chegou aqui há três semanas, determinada a odiar tudo e todos por aqui. — Ele a guiou de volta para a cadeira e colocou um cálice de vinho em sua mão.

Ela tomou um gole.

— Então, você vai contar ao meu pai sobre o acidente e me mandar para casa?

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não vou.

— Mas eu não sou a moça que você concordou em se casar. Isso certamente é motivo suficiente para quebrar o contrato de noivado.

— É verdade, você não é a moça que eu concordei em me casar, mas francamente, eu estou começando a gostar muito de você. Eu sei que não se lembra de tudo isso, mas não posso quebrar o compromisso. As relações entre os Carrs e os Grants

nunca foram ideais, mas também não houve hostilidades abertas. Romper nosso compromisso mudaria isso. Seu pai iria vê-lo como um insulto grave. Outros clãs veriam da mesma maneira.

— Mas eu explicaria.

— Não, não há uma explicação adequada. A única coisa pior do que romper o noivado teria sido se você tivesse realmente morrido no acidente. Era por isso que eu estava tão bravo com você. Se alguma coisa terrível tivesse acontecido, se você tivesse morrido sob meus cuidados depois de poucas semanas, teria começado uma disputa sangrenta

— Mas eu também causei o acidente.

Logan bufou.

— É improvável que seu pai acredite nisso. Mas mesmo que ele fizesse, ele ainda me culparia por não a controlar e a impedir de se prejudicar.

Maggie estava incrédula.

— Então se algo acontecer comigo... você seria culpado, independentemente da minha culpa?

— Independentemente da sua culpa? A meu ver, a culpa seria minha.

A parte dela do século XXI achou insultante que, mesmo como uma mulher adulta, ela não fosse responsável por suas próprias ações. Ainda assim não havia motivos para argumentar.

Infelizmente, isso a deixou em uma situação ruim. Parecia que não importava o que Maggie fizesse, Margaret tinha colocado algum evento em movimento que teria graves consequências para os Carrs, a menos que Maggie pudesse descobrir como mudá-los. Ela tentou outra abordagem.

— Eu poderia ir para casa, só por um tempo? Talvez o ambiente familiar ajude as minhas memórias a voltarem.

Novamente, Logan balançou a cabeça.

— Eu sinto muito. Eu sei que isso é difícil para você, mas não a posso enviar para casa. Você deve passar algum tempo aqui para nos conhecer, conhecer-me antes do casamento. Se fosse para casa agora, por qualquer motivo, também poderia ser visto como um insulto.

— Certamente minha mãe entenderia, mesmo que meu pai não acreditasse imediatamente.

Um olhar de dor cruzou o rosto de Logan.

— Você realmente esqueceu tudo. Margaret, sua mãe morreu trazendo-a para este mundo.

— Oh. — Ela não sabia o que mais dizer. De alguma forma, saber que Margaret nunca teve uma mãe fez com que seu coração sofresse um pouco.

Ele se inclinou sobre a mesa, pegando uma de suas mãos na dele.

— Sinto muito, Margaret. Tem que ser assim, mas tudo ficará bem. Nós vamos nos casar em breve. Seu pai e outros membros do clã virão, e depois podemos conversar sobre a visita ao seu lar.

— Exatamente quando é o casamento? — se isso acontecesse em breve, talvez ela pudesse ficar alguns dias e deixar a morte de Margaret ocorrer na presença de seu pai, então nenhuma suspeita cairia sobre os Carrs.

— Devemos nos casar três dias após a Festa da Assunção.

Por ela ter planejado ir para casa imediatamente, não calculou quando os sessenta dias se acabariam. A festa da

Assunção seria muitas semanas para a frente, em agosto. Ela não podia ficar tanto tempo longe e, mesmo que ficasse, podia não funcionar. Com uma clareza notável, Maggie percebeu que mesmo que não tivesse aceitado o relógio de bolso de Gertrude e trocado de alma com Margaret, ainda haveria uma guerra de clãs. Se ela simplesmente voltasse agora, o mesmo aconteceria. Parecia inevitável, independentemente do que fizesse. Ela suspirou.

Logan interpretou erradamente o seu suspiro.

— Eu sei que você não queria esse casamento. Nenhum de nós queria. Eu suspeito que sua atitude desagradável era uma pretensão destinada a me obrigar a quebrar o contrato de noivado. Mas isso, posso garantir, não acontecerá em nenhuma circunstância. — Ele olhou atentamente para ela por um momento antes de dizer. — Margaret recusou-se a aceitar isso, tornando-se a si mesma e a todos à sua volta miseráveis no processo. Depois de tudo isso, você pode aceitá-lo?

Se o comportamento horrível de Margaret e a perda de memória subsequente não mudaram a mente de Logan sobre quebrar o noivado, nada faria. *Aceite o que não pode mudar, Maggie.* Ela não podia mudar isso. Depois que ele saísse, ela se deitaria e diria as palavras. Sua morte seria culpa de sua lesão na cabeça... e portanto, dos Carrs, mas não poderia ser evitada. Os eventos já haviam sido iniciados e estavam além do seu controle.

Ele insistiu.

— Você pode?

Ela olhou nos olhos dele. Eles estavam tão cheios de esperança. Qual o problema em dar alívio a outra pessoa por um tempo? Ela suspirou de novo.

— Sim, Logan, aceito.

Ele sorriu para ela. Era a primeira vez que o via sorrir. Era quente e genuíno e a deixou sem fôlego.

— Eu sinto muito pelo seu acidente. Ainda assim, ao perder a memória, você esqueceu o quanto estava contra o nosso noivado. Talvez possamos começar de novo e passar as próximas semanas nos conhecendo como seu pai esperava. — Ele deu um sorriso atrevido. — Talvez você decida que gosta de mim antes de se lembrar que não me queria.

Ela não podia deixar de rir.

— Possivelmente.

Alívio mudou suas feições.

— Bom. Agora, eu prometi para minha mãe e minha avó, que não exageraria. Eu vou sair para que você possa descansar.

Caminhou com ele até a porta do quarto. Ela sabia que era adeus, mesmo que não o dissesse. Olhou nos olhos dele tentando encontrar as palavras.

— Logan, eu...

Para sua surpresa, ele a beijou, silenciando o que estava prestes a dizer. Seu beijo era quente e embriagante. Isso despertou sentimentos que achava que estavam mortos para sempre, prometendo delicias sensuais. Ela devolveu o beijo na medida certa.

Quando ele finalmente quebrou o beijo, ele suspirou, apoiando a testa sobre a dela.

— Ah, Maggie.

Se seu beijo acendeu seu desejo, ouvi-lo falar seu verdadeiro nome, aumentou a chama.

— Você me chamou de Maggie. — Era a única coisa com que seu cérebro confuso poderia lidar.

— Sim você disse que queria ser Maggie e acho que *Maggie* tem uma melhor chance de fazer isso tudo funcionar do que Margaret. Você concorda?

— Sim, eu suponho que sim.

— Então vou deixar você descansar agora, Maggie, mas virei depois da sexta para escoltar você para jantar.

Maggie franziu a testa.

— Sexta? — sua mente saltou para o significado do século XXI.

— Sim, Maggie, sexta, meio-dia. Agora é quase a terceira.

Claro, o latim, as horas canônicas. *Isso foi estúpido Maggie.*

— Oh, então a terceira seria... meio da manhã.

Ele inclinou a cabeça.

— Você não se lembra das horas do dia.

— Evidentemente, não.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça quando abriu a porta do quarto.

— Sim, terceira é meio da manhã. Nós falaremos sobre as outras mais tarde, precisa descansar. — Antes de entrar no corredor, acariciou sua bochecha por um momento. — Até mais tarde. — Depois desapareceu pelo corredor.

Ela o viu partir, sabendo que não haveria mais tarde.

— Tchau, Logan.



Depois de deixar sua noiva em seu quarto, Logan voltou para o solário. Ele não tinha certeza do que o fez beijá-la. Nunca o fizera antes. Sua resposta o emocionou, fazendo seus passos e seu coração mais claros do que tinham sido nos últimos dias. Ele tinha chegado a acreditar que uma vida de casado com Margaret seria pouco melhor do que uma eternidade passada no inferno. Maggie, no entanto, era uma história diferente.

Quando foi a seu quarto, seu único objetivo era chegar a um acordo pelo qual eles poderiam viver juntos sem sofrer um ódio desenfreado. Naquele momento, ele não acreditava na perda de suas lembranças. Além disso, a mudança drástica em sua personalidade levou-o a pensar que a amnésia ou a sua doçura eram uma máscara. Independentemente disso, Margaret deve ter realmente odiado a idéia de se casar com ele se ela tivesse que recorrer a qualquer um desses.

Mas quando eles falaram, tornou-se óbvio que ela estava falando a verdade sobre sua memória e talvez a doçura fosse sua verdadeira natureza. O fato de que ela o escondeu com um comportamento terrível o afligiu um pouco. Ainda que a máscara tenha desaparecido, pensou que talvez tivessem uma chance de felicidade juntos.

Depois do beijo na porta dela, pela primeira vez desde seu encontro, ousou esperar por mais. *Maggie* era uma mulher que ele poderia amar.



Maggie sentou-se no meio da bela cama, as pernas cruzadas, com o relógio de bolso aberto na mão. Ela tinha estado ali um dia e o ponteiro tinha avançado um segundo, assim como Gertrude havia dito. Ontem tinha sido o casamento de Elliott, o vigésimo primeiro dia de junho, tanto em seu próprio século quanto neste. Ela tinha até o vigésimo dia de agosto, cinquenta e nove dias.

Teria realmente sido apenas um dia desde que havia despertado a dor e a tristeza da traição de Elliott ao participar de seu casamento? Parecia que havia uma vida que tinha soluçado nos braços de Gertrude, e eventualmente pronunciado as fatídicas palavras. *Às vezes eu queria poder ter a vida de outra pessoa.* Bem, aqui estava, no meio da vida arruinada de outra pessoa. Talvez Margaret não tivesse pensado nisso, mas sem controle, suas ações tinham sido destinadas a causar uma guerra. Mesmo que o acidente não tivesse acontecido, no fundo, Maggie sabia que Margaret teria feito de tudo para evitar o casamento.

Maggie também acreditava firmemente que Gertrude sabia o que estava para acontecer. Talvez ela só estivesse tentando ajudar Maggie a colocar seus próprios problemas em perspectiva. Ainda assim, de onde Maggie estava agora, colocar a sua alma numa vida onde ela não conseguiria evitar um resultado terrível, parecia ser uma lição muito cruel. Gertrude disse que não tinha nada a perder.

Inferno. Seu coração doeu mais do que nunca.

— Porque você fez isso? — disse ela em voz alta. — Porque me colocar nesta situação sem esperança?

Uma pequena voz dentro dela disse. *Por que não é impossível.*

Então Maggie se lembrou das palavras específicas de

Gertrudes, *‘verdadeiramente você não tem nada a perder e talvez tenha a oportunidade de fazer um pouco de bem’*.

Ela poderia fazer um pouco de bem? Seria possível? Isso era algo que ela poderia mudar?

Exatamente quando seria o casamento? A festa de Assunção será no dia quinze de agosto. Logan disse que o casamento será três dias depois, fazendo com que ficasse precisamente dentro da janela dela para voltar para casa. Maggie sabia que nunca seria capaz de mudar a mente de Logan. Mas se permanecesse até o clã de Margaret chegar, talvez ela pudesse convencer seu pai a deixar o noivado de lado. Ou, não sendo possível, voltar para seu plano original de organizar a morte de Margaret na presença de seu pai, então nenhuma suspeita cairia sobre os Carrs.

Era uma janela apertada, e enquanto ela temia que isso não funcionasse, não havia nenhum mal em tentar se houvesse a menor chance de evitar uma disputa sangrenta. Ela podia não ser capaz de parar o inevitável, mas teria dado o seu melhor.

Suspirou. Os seus ovos Benedict teriam que esperar um pouco.

Com essa decisão tomada, Maggie saiu da cama e procurou um lugar para esconder o relógio de bolso. Ela abriu o guarda-roupa e ficou sobrecarregada mais uma vez pelo enorme volume de roupas que Margaret possuía. Considerando que uma empregada teria que ajudá-la a se vestir e se despir e era responsável por tirar seus vestidos, Maggie pensou que seria melhor escondê-lo em um sapato. Margaret tinha alguns pares de sapato também, mas Maggie encontrou um par com umas pontas longas que se enrolavam. As pontas eram tão longas que estavam

cheias com lã para ajudar a manter a sua forma. Maggie não se conseguiu imaginar usando-os. Ela tirou uma parte da lã, enfiou o relógio, recolocou a lã e colocou os sapatos na parte de trás do guarda-roupa.

Como prometido, Logan a escoltou para jantar no grande salão naquela noite. Ela sentiu um pouco da admiração e emoção que experimentou nas primeiras horas lá, mas foi diminuindo um pouco pela desaprovação que sentiu pelos membros do clã presentes. Ah, bem, ela supôs que Margaret merecia seu desprezo, mas Maggie prometeu fazer o que podia nas próximas semanas para consertar sua reputação.

Capítulo 7

Logan acordou logo após o nascer do sol na manhã seguinte. Permaneceu na cama por vários minutos, contemplando a bizarra mudança de eventos que começou com o acidente. Inicialmente havia suspeitado dos motivos de Margaret. Mas agora que acreditava nela precisava considerar todas as implicações.

A primeira coisa que percebeu foi que relativamente a Maggie não podia fazer nenhuma suposição. Mesmo a perda de memória sendo profunda não era completa. Não era como se sua mente estivesse em branco. Ela podia andar, conversar e se comunicar, assim como antes. Na verdade, ela entendeu o latim, que anteriormente fingira não entender. Ela estava preparada, bem-educada e tinha um profundo senso de certo e errado, tanto que sentiu muitas vezes vergonha e pediu desculpas pelo seu comportamento anterior. Por outro lado, não se lembrava das horas do dia, muito menos entendia a natureza de uma política de noivado ou clã. Ela também tinha uma noção tola sobre o amor em sua cabeça que ele simplesmente não entendeu.

Uma das maiores preocupações era a forma como seu clã reagiria a ela. Margaret tinha sido arrogante e malévola, mas não abertamente abusiva. Em seus primeiros dias no castelo Carr, ele havia deixado bem claro que não toleraria isso. Depois, ela se

afastou, evitando qualquer interação com o clã, a menos que fosse absolutamente necessário. *Ela guardou todo seu veneno para mim*, pensou com ironia.

Ainda assim, independentemente de sua personalidade, ela era uma nobre e sua noiva, então ele não podia permitir que seu clã mostrasse seu desrespeito também, mas no jantar, eles chegaram perigosamente perto. Hoje, ele asseguraria que o clã conhecesse suas expectativas. Só faria alguns comentários bem escolhidos às pessoas certas para a palavra se disseminar.

Como era bastante óbvio, antes do dia anterior, que ele mal podia suportar Margaret, também precisava garantir que suas ações em relação a Maggie não deixassem espaço para interpretações erradas.

Ele foi interrompido de seus pensamentos por uma batida na porta.

— Entre.

Seu escudeiro, David, enfiou a cabeça.

— Lorde, Freya está aqui e deseja falar com você com urgência sobre Lady Margaret.

Logan franziu a testa.

— Eu vou me vestir.

— Sim, Lorde. — O rapaz fechou a porta.

Logan demorou apenas um momento para vestir suas roupas antes de admitir Freya.

— O que é tão urgente, moça. — Logan rezou em silêncio que a velha Margaret não houvesse retornado.

— Lorde, eu pensei que deveria saber, Lady Margaret estava acordada muito cedo esta manhã. Ela queria ir ao grande salão

para quebrar o jejum e então eu levei-a. Mas quando chegamos lá... foi desconfortável.

— O que aconteceu? Alguma coisa foi dita?

— Bem, não diretamente, mas as pessoas olhavam para ela e sussurravam coisas desagradáveis. Eu os ouvi, então creio que lady Margaret também tenha ouvido.

— O que ela fez?

— Você não irá acreditar nisto Lorde, mas ela perguntou se poderia se sentar comigo... Eu não me importaria, mas pensei que fosse inapropriado.

— Ela voltou para a câmara? Eu irei vê-la lá.

— Não, Lorde. Ela disse que não estava com fome, era uma boa manhã e queria um pouco de ar.

— Ela deixou a torre? Sozinha?

— Sim. Lorde. Eu me ofereci para ir com ela, mas me pediu que ficasse. Vim aqui imediatamente para contar-lhe.

Ele praguejou e os olhos de Freya se abriram.

— Eu não estou chateado com você, moça, você fez bem. Desculpe-me, preciso ir busca-la agora.

Momentos depois, ele desceu as escadas e saiu. Várias pessoas relataram vê-la caminhar em direção às cozinhas. Ela havia dito algo sobre comer na cozinha, mas depois do que a avó havia dito, não podia imaginar que Maggie tivesse ido lá. Ele verificou de qualquer maneira. Ela não estava lá, mas uma moça de serviço a viu entrar na horta atrás das cozinhas.

Não percebeu o quão preocupado estava até sentir um enorme alívio ao vê-la sentada sob uma antiga macieira deformada que crescia no canto de trás da horta.

Ele caminhou em direção a ela, respirando profundamente antes de perguntar, tão calmamente quanto podia.

— O que você está fazendo aqui?

Ela sorriu para ele.

— Apenas desfrutando a manhã.

Ele assentiu, mas a leveza em seu tom soou forçada.

— Eu vejo. — Ele se sentou ao lado dela. — Você já comeu sua refeição matinal?

— Não.

— Porquê?

— Eu não queria.

— Evidentemente, mas por que você não queria? E não me diga que é porque não esta com fome. Isso não é mais verdadeiro hoje do que era ontem.

Ela balançou a cabeça.

— Não é importante, Logan.

Ele considerou por um momento.

— Eu acho que é. Freya me contou o que aconteceu.

Maggie suspirou.

— Não é culpa deles. Arruinei tudo, isto é, eu provoquei isso. Levará tempo. Eu simplesmente não tive coragem de enfrentá-los esta manhã.

De todas as coisas que ele poderia ter imaginado que ela poderia dizer, isso não teria sido uma delas. Ela estava mostrando compaixão por seu clã, essencialmente protegendo-os da sua vontade, da maneira que correspondia à esposa de um chefe. Ele pegou sua mão na dele.

— Maggie, eu estou satisfeito por você reconhecer sua parte

nisso e ter mudado. Mas mesmo antes, em virtude do seu estatuto, eu não teria permitido que meu clã mostrasse tal falta de respeito.

— Mas Lo...

— Não, deixe-me terminar. Aceito também que, enquanto você mudou em um instante é, também, a única que se esqueceu de tudo. Está certo, levará tempo e talvez coragem. Mas eu não espero que você faça isso sozinha. Eu não fiz esta manhã, você chegou antes de mim. — Ele olhou de lado para ela. — Outra mudança que eu posso adicionar. — Ela sorriu e encolheu os ombros. — No entanto, a partir de hoje, vou garantir que o clã conheça que meus sentimentos em relação a você mudaram. Escotar-te-ei em todas as refeições e planejo passar algum tempo a nos familiarizarmos.

Ela franziu a testa.

— Eu não quero ir cavalgar.

Ele riu quando ela se afastou.

— Nós não temos que ir cavalgar para passar mais tempo juntos. — Ele estendeu a mão para ela. — Venha comigo agora e quebre seu jejum.

Ela franziu a testa.

— Eu acho que prefiro ficar aqui.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela.

— Não me lembro de dar uma opção.

Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele.

— O que isso deveria significar?

— Isso significa que sou seu Lorde, e seu noivo e eu pedi que você comesse sua refeição matinal comigo.

— O quê? Espere, você está dizendo que eu tenho que fazer o

que você pede apenas porque é meu... você é... tudo isso?

Claramente, esse era outro buraco de sua memória.

— Sim, Maggie, eu sou seu lorde e seu noivo e eu geralmente sei o que é melhor para você.

Ela parecia indignada.

— Certamente você está brincando. Ser meu lorde e meu noivo dá-lhe alguma habilidade especial para saber o que é melhor para mim? Ou é isso só porque você é um homem? — mas, mesmo quando ela berrou com ele, ela pegou sua mão e levantou-se. Se isso fosse. “Maggie irritada”, ele achou bastante adorável.

Ele roçou a bochecha dela com a ponta dos dedos.

— Não, Maggie. Ser o seu Lorde me dá responsabilidades de prestar atenção às suas necessidades e ver se elas são conhecidas e se desejo satisfazê-las ou não. Ser seu prometido faz o mesmo, mas também me faz querer tentar agradar você. Sendo um homem? Bem, isso só me dá a capacidade de apreciar o quão bonita você é, assim como o desejo de passar mais tempo em sua companhia.



Santo Deus. Ele disse mesmo isso? Alguma vez houve uma mulher nascida que não derreteria com essas palavras? Ela apenas olhou para ele. Sobre o que estava chateada?

Ele sorriu para ela.

— Agora, iremos fazer nossa refeição matinal.

Ah, foi isso. Ele perguntou a ela, não exigia dela, tomar café da manhã com ele. Pensando nisso agora, era uma coisa estúpida para estar irritada. Na verdade, ele estava certo, estava com fome. Ela pegou o braço que ele ofereceu e caminhou com ele para o salão.

A mãe e a avó de Logan já estavam na mesa do refeitório.

— Ah, Logan, eu me perguntei onde você estava. Há muito a fazer hoje.

— Sim, mãe, vou cuidar dos preparativos lá fora.

— Que preparativos? — perguntou Maggie.

— É a véspera de São João, querida. — explicou Lady Davina.

— O que acontece na véspera de São João? — Maggie percebeu que várias pessoas da audiência reviraram os olhos.

— Ah, querida. — Disse Logan. — É uma grande festa. Haverá fogueiras e ficaremos até as primeiras horas da manhã.

— E então uma grande festa, amanhã. — Acrescentou sua avó.

— Realmente? — perguntou Maggie, animada. — Todo mundo vai?

— Sim, todos. — Responde Logan.

Um guarda chamado James, que se sentou vários lugares para a esquerda de Maggie, murmurou.

— Todos, *cujos ouvidos não sangram*, a ouvir *nossos músicos lamentáveis*.

Maggie sentiu o calor subir no rosto.

— Está algo errado, querida? — perguntou Lady Davina.

Maggie balançou a cabeça e, forçando um sorriso, disse:

— Não, minha senhora.

Mas Logan passou pela mesa.

— James, o que foi isso?

— Lorde, estava apenas comentando como Lady Margaret apreciava a música no Pentecostes.

Logan arqueou uma sobrancelha.

— O que é dizer a verdade, se eu me lembro corretamente. No entanto, houve algumas mudanças desde então. O que não mudou é que Lady Margaret é uma nobre e minha noiva. Qualquer um que não se lembre de agora em diante, responderá a mim.

— Sim, Lorde, eu entendo.

— Veja para que todos o façam.

— Sim, Lorde.



Após o café da manhã, Maggie ofereceu-se para ajudar Lady Davina com o que precisasse para se preparar para a celebração.

— Margaret, você caiu de um cavalo, há apenas dois dias. Você está ferida e não vou arriscar fazer nada para você piorar. Além disso, deve estar bem descansada se planeja participar das festividades.

Ela concordou em deixar Maggie ficar e assistir os preparativos por um tempo, mas reservou a tarde para descansar. Maggie se deitou por um tempo, mas depois de encarar o dossel, pelo que parecia um longo tempo, decidiu passar pelas roupas no guarda-roupa e escolher algo para vestir.

Embora tenha sido um pouco assustador no início, Maggie se divertiu tentando vestir as coisas. Isso a lembrou de como ela e Paige se vestiam quando eram pequenas fingindo serem princesas.

Quando Logan bateu em sua porta algumas horas depois, ela ainda tinha coisas espalhadas e a sala parecia um pouco caótica.

— Oh, Logan, não esperava você.

— E eu esperava a encontrar descansando. O que está fazendo?

— Eu estava apenas olhando para todos estes... estes ornamentos.

— Você estava procurando algo em particular? Existe alguma coisa que precise? — ele pediu educadamente.

— Você está brincando? Como eu poderia precisar de alguma coisa? Eu diria que isso é um pouco excessivo.

Ele riu.

— Alguns dias atrás, você teria se contrariado se eu tivesse dito isso. Na verdade, você o fez no dia em que chegou.

Ela franziu o cenho para ele.

— Certamente eu não cheguei aqui e disse isso assim?

Ele tentou parecer contrito, mas um sorriso tocava nos lábios.

— Bem, não exatamente. Eu só expressei surpresa com o número de baús que os homens de seu pai trouxeram. Não imaginei que você se ofendesse com isso.

Ela riu.

— Suponho que poderia ter sido melhor não fazer essa observação sobre as coisas de uma senhora no primeiro dia em

que você a conheceu, mas, honestamente, há um número impressionante de roupa aqui. Os Grants devem ser muito ricos.

Ele balançou ligeiramente a cabeça.

— Eles não são pobres, mas não diria que eles são muito ricos também. Suspeito que, como a única filha de Lorde Grant, ele... te favoreceu um pouco.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Um pouco?

Logan sorriu.

— Bastante?

Ela amava seu sorriu e sorriu de volta.

— Eu tenho algum irmão?

Ele assentiu.

— Ele é onze anos mais velho do que você.

— Quantos anos eu tenho?

Ele riu.

— Você tem dezoito anos. Dezenove em setembro.

Dezoito e se casando? Maggie tinha quase vinte e dois e sentia-se muito jovem para isso.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e seis. — Ele levantou a mão para parar a próxima pergunta. — Maggie, vou responder com satisfação todas as perguntas que posso, mas temos uma festa para participar.

Ela sorriu.

— Bem, então, eu deveria escolher um vestido.



Logan aproveitou a festa de São João mais do que qualquer outra que se lembrava. A alegria e a excitação de Maggie eram contagiosas. Havia pessoas que a tratavam com frieza, e Logan esperava que houvesse alguma melhoria com o tempo, mas também havia pessoas tão encantadas com ela quanto ele.

Enquanto Margaret podia dançar muito bem, Maggie não conseguia lembrar um único passo. Ainda assim, ela compensou a carência de habilidade com exuberância. Ele finalmente a afastou da folia várias horas depois da meia-noite. Sua energia estava diminuindo e seus braços estavam em volta de seu peito, sugerindo que suas costelas estavam doendo.

— Maggie, volte para a torre comigo.

— Oh, Logan, prefiro ficar um pouco mais.

Ele balançou sua cabeça.

— Não me lembro de lhe dar uma opção, e tanto quanto eu gostaria de dançar com você até o amanhecer, suas costelas estão doendo e está exausta.

Ela lhe fez uma zombaria simulada.

— Você está sendo meu lorde e prometido novamente.

Ele sorriu.

— Sim, Maggie, e este sou eu sendo um homem. — Ele segurou sua bochecha em as mãos e para a delícia de todos lá, deu-lhe um doce e gentil beijo.

Ele deu-lhe outro beijo mais exigente na porta de seu quarto.

Sua resposta apaixonada o emocionou.

— Durma bem, Maggie.



Logan achou o jantar no dia seguinte igualmente agradável. De muitas maneiras, com os enormes buracos de sua memória, era como se Maggie nunca tivesse assistido a uma festa. Ela se aproximou da refeição com um espanto quase infantil. Mais uma vez, não pareceu reconhecer muito da comida servida, mas provou tudo. Ela não gostou de tudo, mas, ao contrário de Margaret, Maggie tentou não demonstrar.

Tornou-se quase cômico e, com o decorrer da noite, começou a aguardar a inevitável pergunta sussurrada.

— Logan, o que é isso?

Ele sussurrava a resposta e depois olhava como ela dava uma mordida. Às vezes, seu rosto se iluminava com um sorriso e ela comia mais. Às vezes, ela sorriu e acenava com a cabeça, mas o sorriso não alcançava nos seus olhos. Mesmo assim, ela dava mais uma ou duas mordidas. Depois que ela fez isso duas vezes, ele teve que descobrir o porquê.

— Maggie, está desfrutando a torta de veado?

Ele sabia por sua reação que não era assim, mas ela assentiu com a cabeça.

— Está muito bem preparada.

Ele sorriu.

— Essa é uma ótima maneira de dizer que você não gostou.

Ela corou.

— Não é que eu não gosto, eu não gostaria de ofender os cozinheiros. Eu simplesmente gosto mais de outras coisas.

Logan achou tão atraente. Ele lutou desesperadamente para não rir quando ela experimentou as enguias no caldo. Seus olhos se arregalaram quando tentou não reagir a algo de que claramente não gostava. Ela engoliu em seco, imediatamente alcançando seu cálice de vinho e bebendo vários goles antes de estremecer. Ela franziu a testa, mas depois se empenhou visivelmente a dar outra mordida.

Ele decidiu resgata-la.

— Maggie espero que você não aprecie muito a enguia. É um dos meus favoritos.

Ela sorriu.

— Oh, então vou ter certeza de deixar em abundância para você. — Em um sussurro, ela acrescentou. — Eu fui tão óbvia?

Ele riu disso, mas sussurrou de volta.

— Eu suspeito que apenas para mim.

Capítulo 8

Durantes as semanas seguintes, Maggie se atirou inteiramente na vida medieval. Não era sempre bonito, mas era fascinante. Depois de ter convencido Lady Davina, que suas costelas estavam completamente curadas, ela passou a maior parte do tempo ajudando aquela boa senhora com as tarefas de manter uma boa administração. Isso a colocou em contato diário e constante com outros membros do clã de uma forma que Margaret nunca esteve. Foi incrível para Maggie que a declaração de Logan feita a James naquela manhã interrompesse qualquer desrespeito. Mesmo assim, ela estava ciente de que muitas pessoas ainda não gostavam ou confiavam em Margaret. Esperava que trabalhando entre eles pudesse reparar alguns dos danos que Margaret havia feito.

Maggie percebeu cedo que o nome pelo qual as pessoas escolheram dirigir-se a ela era um indicador de seus sentimentos. Logan, claro, começou a abordá-la diretamente como Maggie imediatamente, mas ele ainda se referia a ela publicamente como Lady Margaret por um tempo. No entanto, sua mãe e avó tomaram sua sugestão e começaram a dirigir-se a ela como Maggie. Posteriormente ela era lady Maggie para todos daquele clã e para as mulheres que perdoaram as transgressões de

Margaret, permanecendo Lady Margaret apenas para aqueles que não o fizeram. A perda de memória de Lady Maggie foi aceita com espontaneidade, se fosse Lady Margaret com impaciência. O que todos achavam mais estranho era especificamente o que ela lembrava e o que não. Lady Maggie podia fazer somas e ler latim, mas não podia ler o gaélico. Maggie suspeitava que Margaret não podia ler nenhuma das duas, mas, como ela havia interagido tão pouco com os Carrs, não seria provável que soubessem disso.

Lady Maggie também se lembrou muito das artes de cura. As pessoas começaram a procurar sua ajuda se Bearnas não estivesse prontamente disponível. Por outro lado, enquanto Lady Margaret tinha sido muito hábil com a agulha, Lady Maggie não tinha ideia de como trabalhar uma tapeçaria. Foi Lady Agnes que assumiu o desafio de ensinar-lhe essa habilidade “esquecida”.

Maggie não gostou particularmente de aprender o bordado, mas o fez de bom grado porque permitiu que passasse algum tempo com a avó de Logan. Lady Agnes era amada e respeitada pelo clã e Maggie a adorava. Além das habilidades de tapeçaria e bordados, Lady Agnes ensinou sobre o clã, sua história e seus membros atuais. Maggie aprendeu quem estava cortejando quem, quem teve problemas de ter filhos, quem sofria de gota, a quem não podia confiar um segredo e uma série de outras tentadoras fofocas. Ela também contou a Maggie tanto sobre os Grants quanto ela sabia.

Uma tarde, enquanto conversavam e Maggie praticava alguns pontos, ela descobriu um estranho conjunto de coincidências. Maggie estava lutando para combinar com um padrão de bordado que Lady Agnes havia começado para ela. Ficando frustrada,

Maggie bufou, abaixou a cabeça e esfregou os olhos.

— Eu acho que que nunca poderei fazer isso.

Lady Agnes levantou os olhos de seu trabalho e disse com uma severidade fingida. — Não ceda à impaciência da juventude.

— Mas você mesma disse que este é um padrão simples.

Lady Agnes deu-lhe um sorriso.

— Ah, Maggie, não ceda também à arrogância dos anciãos.

Maggie balançou a cabeça.

— Você não é anciã.

— Eu terei setenta e um em poucos dias.

— Isso é apenas um número. Você só será anciã quando você agir de forma de anciã. — Maggie estava incerta quanto á data específica, mas seu aniversário também era em breve. — Lady Agnes, em que dia é seu aniversário?

— Celebraremos a festa da anciã Agnes em dois dias.

Maggie riu.

— Pare com isso. Você não é anciã.

Lady Agnes riu.

— Se você insistir. Suponho que teremos que celebrar a festa de Maria Madalena em vez disso.

— Seu aniversário está na festa de Maria Madalena? Também é o meu. — *Droga*. Assim que saiu da sua boca, percebeu o que tinha feito. Pelo menos, ela se deteve antes de dizer que era por isso que tinha sido chamada de Magdalena.

Lady Agnes deu um sorriso triste.

— Não, moça, você esta confusa com isso. O seu aniversário é o segundo dia de setembro. Mas também pode ter sido o aniversário de sua mãe. Lembre-se, não tenho certeza disso, mas

o nome dela era Malina. Muitas vezes as mulheres chamadas Madeleine, Malina ou Lena nasceram no dia de Maria Madalena. Eu preferia um desses nomes em lugar de Agnes.

— Eu acho que Agnes combina com você.

— Você acha? Bem, Maggie certamente combina melhor que *Maahhgaret*. — Maggie riu do modo estranho que Agnes disse Margaret.

A conversa mudou para outros assuntos, mas Maggie ficou bastante feliz por celebrar o seu verdadeiro aniversário junto com Lady Agnes. E, independentemente de ter sido o aniversário de Malina Grant ou não, o fato que ela e Maggie foram nomeadas ambas por causa de Maria Madalena era bizarro.



Logan estava a começar a gostar muito de Maggie e fazia um esforço para passar todas as noites com ela. Muitas vezes eles jogavam jogos, mas novamente ele ficou intrigado com o que ela lembrava e o que não lembrava. Ela podia jogar xadrez muito bem, era francamente implacável no jogo de gamão, mas não se lembrava de raposas e gansos, um jogo que toda criança aprendia a jogar.

Logan também procurou oportunidades ocasionais para roubá-la durante o dia. Na festa de Maria Madalena, ele pegou a sua mão depois da refeição da manhã.

— Eu quero levar você em algum lugar. Você vai comigo?

— Sim. Onde estamos indo?

— Você saberá em apenas alguns momentos. — Disse ele, saindo na manhã com ela.

Quando se aproximaram dos estábulos, ela parou puxando para trás.

— Eu não quero ir andar a cavalo. — Sua testa estava enrugada e seu medo palpável.

Ele continuou a segurar sua mão.

— Eu sei que você não quer.

Ela deu um passo para trás novamente.

— Então eu vou voltar e ajudar sua mãe a se preparar para o banquete.

— Não, Maggie, eu quero que você venha ao estábulo.

Ela balançou a cabeça.

— Você disse... logo após o acidente... você disse que eu não teria que ir cavalgar.

— Eu disse que você não tinha que cavalgar para que nós passássemos tempo juntos. E isso é verdade.

— Por favor, não me force a cavalgar. — Ela parecia tão jovem e assustada naquele momento que doeu.

Ele beijou sua testa.

— Querida, eu não vou forçar você a cavalgar. Nunca. Mas gostaria que você superasse seu medo. Eu deveria ter posto você de volta em Robin assim que ele se acalmou. Teria sido melhor para ambos.

Ela balançou a cabeça com mais força.

— Não, não teria. Eu não quero cavalgar. Eu não preciso montar. Logan, nem me lembro de como cavalgar.

A nota de pânico em sua voz o surpreendeu, mas foi a prova de que estava certo. Seu medo só cresceu no último mês.

— Maggie, se você quiser sair do Castelo Carr, para visitar sua casa, ou ir a uma feira ou a qualquer lugar, você precisará superar seu medo de cavalos. — Seus olhos se encheram de lágrimas e isso rasgou seu coração. Ele a colocou em seus braços e sentiu-a tremer. — Calma, querida, não chore. Você não precisa montar hoje, mas eu quero que veja Robin, talvez ele a toque e você toque nele também, ou talvez lhe dê um pouco de prazer. Então, se você se sentir corajosa o suficiente, talvez o retiremos de sua baía e a deixo caminhar com ele. Não permitirei que nada de mal aconteça com você.

Quando recuperou o controle, ele beijou o topo da sua cabeça antes de soltá-la e dar um passo para trás.

— Pode fazer isso? Você tentará?

Ela assentiu.

— Sim, vou tentar.

— Você é uma garota corajosa, Maggie.



O pânico que Maggie sentiu quando pensou que tinha que subir na traseira de um cavalo novamente quase a dominou. Tudo o que ela queria fazer era correr de volta para a torre. À medida que seu peito se apertava e as lágrimas começaram a fluir, o lado lógico de seu cérebro repreendeu dizendo que Logan estava certo.

Ela desenvolveu um medo irracional e nada saudável de cavalos, e enfrentar isso, era o certo. Mas o lado lógico de seu cérebro foi rápido em apontar que, em seus quase vinte e dois anos de vida, a única vez que ela se encontrou em cima de um cavalo, foi momentos antes de ser atirada fora desse mesmo cavalo. Para trás. Para não mencionar o fato de que não havia nenhuma razão para ela precisar andar num cavalo. Eles não iriam a nenhum lado até o casamento e então ela estaria seguramente de volta em sua vida, livre de cavalos no século XXI.

Esse argumento realmente fazia sentido para o lado lógico de seu cérebro e estava preparada para se recusar a ir ao estábulo. Mas então, Logan envolveu seus braços em torno dela. Ele era forte e seguro e seu abraço tão reconfortante. E, no entanto, ao mesmo tempo, ele a empurrou para dar um pequeno passo, sem vontade de deixá-la desistir facilmente. Foi quando seu coração se juntou à luta. *Você o ama Maggie. Você quer isso. Fique aqui com ele.*

Antes que ambos os lados de seu cérebro pudessem argumentar, ele a beijou e disse que ela era corajosa. A primeira rodada foi para o coração dela.

— Tudo bem, minha garota corajosa, vamos entrar no estábulo para começar.

Embora seu coração estivesse trovejando, ela foi com ele. Eles passaram por cavalos em baias, mas Logan ficou entre os cavalos e Maggie. Ele falou sobre alguns deles enquanto isso. Ela tinha que admitir que os cavalos em suas baias não eram tão terrivelmente assustadores.

Pararam na frente de uma baia. O cavalo lá dentro girou e

alcançou a porta da baia para encostar o nariz em Logan. Ele estendeu a mão e acariciou o lado do pescoço do cavalo.

— Este é Micah. É meu cavalo.

— Eu lembro. — Ela disse, sua voz soou incrivelmente baixa para ela. Maggie não fez nenhum movimento para ir em frente e Logan não pediu para ela. Ele continuou a acariciar Micah e parecia que Micah mordiscava o pescoço de Logan. — Ele está mordendo você?

Logan deu uma risada.

— Não, querida, é mais como beijar. Ele está me mostrando carinho.

Ele se afastou de Micah e caminhou um pouco mais com ela, parando ao lado de outra baia. O cavalo também virou e alcançou a porta da baia.

— Robin, rapaz, você se lembra de sua senhora? — Logan perguntou com uma voz baixa e calmante. Robin recuou de novo, mas Logan não se moveu em sua direção.

— Ele não quer se aconchegar por que você gosta de Micah? — perguntou Maggie.

— Não, querida, ele quer acariciar você. Provavelmente sabe que tem medo. Ele simplesmente não sabe por que você tem medo dele.

— Oh. — Maggie odiava ouvir isso. — Devo tocá-lo?

— Seria o melhor, se você acha que pode, é apenas se aproximar o suficiente para que ele possa tocar você. — Robin chutou, aproximando sua cabeça em direção a ela novamente.

— Eu prometo que ele não vai machucar você.

Cautelosamente, Maggie aproximou-se.

— É isso, querida, mova-se tão devagar quanto você desejar.
— Logan ficou próximo dela.

Ela deu outro passo e finalmente ao alcance, Robin empurrou seu nariz de veludo contra seu pescoço e brincou com sua orelha.

— Você sentiu a falta dela, não é, rapaz?

Ela se moveu um pouco mais perto e Robin esfregou a cabeça contra a dela. Era um pouco mais forte do que esperava, mas ele não a machucou e ela não se afastou.

Logan pegou a mão dela e guiou-a para acariciar o pescoço de Robin. Robin empurrou contra a mão dela. Logan largou a mão e deixou Maggie acariciar o pescoço de Robin. Depois de um tempo, Robin levantou a cabeça e Maggie recuou.

Logan passou seus braços ao redor dela por trás.

— Muito bem, Maggie. — Ao seu sorriso, ele acariciou seu pescoço como Robin tinha feito, até ela rir.

— Ainda estou um pouco assustada.

— Eu sei. É por isso que não vamos andar com ele hoje. Mas vou pegar uma cenoura para lhe dar. — Logan desapareceu por um momento, voltando com algumas cenouras. Ele parou e deu a Micah uma, então ofereceu outra para Robin. — Ela voltará outro dia, rapaz. Temos que conquistá-la aos pouquinhos. — Robin relinchou e Maggie teria jurado que ele estava concordando.

Capítulo 9

Naquela tarde, tinha sido a primeira vez que Maggie considerou não voltar para sua época, mas uma vez que o fez, não conseguiu parar de pensar nisso. Ambos os lados, lógico e ilógico de seu cérebro se uniram contra seu coração. Ilógico surgiu agitando os braços e gritando, *Guerra Peste! Fome!* Lógico revirou os olhos e ofereceu uma abordagem mais elegante, *encanamento, antibióticos, epidurais* e a carta de trunfo que pretendia convidar a culpa para a festa, *Responsabilidades*. Ao que o Lógico disse, *Sim isso... e não esqueça ovos Benedict!*

Quando estava com o Logan ela se sentia... inteira, e fazia anos desde que se sentiu assim. Seu coração estava lutando valentemente. *Você merece isso.*

Lógica lembrou-lhe sobre as palavras de Logan sobre o amor. *Amor? De onde veio isso? Não, eu não amo você, e você não me ama.*

Seu coração sacudiu a cabeça. *Isso foi antes. Ele ama você. Você sabe que sim.*

Ilógico teve que entrar. *Não se esqueça do que ele disse sobre ser seu lorde e saber o que é melhor.*

Seu coração sorriu e Lógica franziu a testa, dizendo, *Esse não é um bom exemplo.*

Mas cada um desses argumentos terminou no mesmo lugar, com a Lógica a lembrar-lhe de como seu pai e irmã precisavam dela. Isso sempre apertava o seu coração também, deixando-os num beco sem saída.

Mas ainda não era agosto — ainda tinha tempo. Ela deixou isso fora da sua mente e apenas se esforçou para aproveitar o tempo que passou com Logan. Ele ainda estava tentando ajudá-la a vencer seu medo de cavalos. Ela chegou ao ponto em que poderia levar Robin a caminhar e poderia montar com Logan em Micah, mas não estava pronta para montar sozinha. Na verdade, montar com os braços de Logan ao redor dela era muito agradável o que lhe dava pouco incentivo para tentar sozinha.

Então era agosto.

Primeiro de agosto para ser precisa. Foi outro dia de grande festa, Lammas, que celebrava a primeira colheita de grãos. Era a terceira grande festa que Maggie tinha participado e não foi menos emocionante do que as duas primeiras. Infelizmente, estava plenamente consciente de que esta poderia ser a última delas. O casamento estava a duas semanas de distância. Maggie absolutamente não poderia se casar com Logan se ela estivesse indo embora. Não o tornaria viúvo horas após o casamento. Ela tinha que decidir ficar ou se certificar de que poderia voltar para casa antes do casamento de uma maneira que os Carrs não fossem culpados.

Maggie precisava esquecer esses pensamentos mórbidos e simplesmente divertir-se no banquete. Logan estava envolvido em uma conversa com um dos seus guardas. Seu olhar vagou pela sala, eventualmente pousando em Lady Agnes, que conversava

com Lady Davina enquanto comia. O coração de Maggie inchou. Ela amava essas duas mulheres, quase tanto quanto amava Logan. Maggie sorriu quando Lady Agnes riu com vontade de algo que Davina havia dito. No entanto, em um instante, o riso de Agnes morreu, seus olhos arregalaram e ela agarrou sua garganta.

— Agnes, tem algum problema? — perguntou Lady Davina.

Lady Agnes continuou a apertar a garganta, parecendo aterrorizada. Maggie sabia instantaneamente que a querida senhora estava sufocando. Davina também deve ter percebido isso porque ela começou a agitar Agnes pelos ombros.

— Não, não! Maggie estava de pé e do outro lado da mesa em um instante.

— Minha senhora, você pode falar?

Agnes sacudiu a cabeça freneticamente.

— Está tudo bem. Eu posso ajudá-la.

Maggie deu um passo atrás dela, puxando-a para seus pés. Ao chegar em torno de Agnes, Maggie colocou o punho da mão direita sobre o umbigo de Lady Agnes e empurrou a mão esquerda ao redor da direita, puxou para dentro e para cima em quatro rápidas e contundentes pulsações. Quando não foi efetivo na primeira vez, Maggie repetiu a manobra. Desta vez, Lady Agnes tossiu várias vezes, expulsando o pedaço de comida que a estava sufocando.

— Está bem agora, minha senhora? — Maggie perguntou. — Você está com problemas para respirar?

Os olhos de Lady Agnes humedeceram, mas ela respondeu, sua voz um pouco rouca:

— Não, moça, por um momento, não consegui respirar, mas

estou bem agora.

— Aqui, sente-se Agnes — disse Lady Davina, colocando o braço em volta do ombro de Agnes.

No século XXI, Maggie teria insistido em ir ao hospital de qualquer maneira, mas claramente não era uma opção. Talvez algo para aliviar a garganta de Agnes e agir como um broncodilatador ajudaria.

— Talvez Bearnas possa fazer uma infusão de hortelã pimenta, ou melhor ainda, mosto de duende para ajudar a aliviar sua garganta.

— Sim, acho que sim —, concordou Lady Davina.

Enquanto Maggie olhava ao redor do corredor, procurando por Bearnas, percebeu que todos ficaram em silêncio. Olhou imediatamente para Logan.

Logan parecia tão atordoado quanto o resto do clã.

— Maggie, o que você acabou de fazer?

— Sua avó estava sufocando.

— Obviamente, mas nunca vi nada assim.

— É apenas uma maneira de forçar o ar para fora do corpo e limpar a obstrução.

Será que ela fez algo errado?

— Onde você aprendeu?

Escola secundária, escola de enfermagem, televisão — houve uma série de respostas para onde aprendeu a manobra de *Heimlich* que salvava vidas, mas não conseguiu dar nenhuma delas, Maggie simplesmente disse:

— Não lembro.

— Logan, isso não importa — disse Lady Davina, mais

irritada do que Maggie já havia ouvido.

Lady Agnes pegou a mão de Maggie na dela.

— Minha preciosa moça, você salvou minha vida.

A atenção de Maggie foi atraída para a mulher que começara a considerar como sua própria avó.

— Acho que você deveria se retirar. Eu irei com você e ver como está.

Por essa altura, Bearnas abriu caminho para a mesa principal desde onde ela estava sentada nos cavaletes.

— Eu concordo, minha senhora, deixe Lady Maggie ajudá-la a dormir. Ela também está certa sobre o mosto do duende. Eu vou preparar a infusão e trazê-la para você em breve.

A mãe de Logan olhou ao redor do salão silencioso, franziu a testa e, colocando a mão no ombro de Maggie, disse:

— Irei com você.

Depois de ter deitado a senhora Agnes, e Bearnas partido, Maggie disse:

— Suponho que eu também deveria dizer boa noite.

— Não, Maggie, sente-se um pouco com a gente — disse Lady Agnes.

— Sim, por favor — acrescentou Lady Davina.

— Fiz algo errado?

— Oh, não, moça — disse Lady Agnes.

Lady Davina pegou uma das mãos de Maggie na dela.

— É só que foi bastante espetacular. Como disse Logan, nunca vi ninguém fazer isso. Margaret não podia saber disso.

Maggie sentiu-se terrível.

— O que você está dizendo?

— Tudo o que estamos dizendo, moça, — disse Lady Agnes, — é que temos que apresentar uma explicação.

Lady Davina assentiu.

— Estou perfeitamente disposto a acreditar que foi um momento de inspiração divina, mas as almas menos caritativas podem apresentar explicações mais sombrias se lhes dermos a oportunidade.

— Eu não entendo. Como poderia haver alguma coisa sombria em ajudar uma pessoa que engasgava a limpar suas vias aéreas?

Mas ela temia algo assim desde o início.

— Ah, doce garota, algumas pessoas podem ver a escuridão nas coisas mais inocentes e maravilhosas —, disse Lady Agnes.

— Mas é apenas senso comum. O que acontece se você espremer um odre de vinho com força assim?

Davina sorriu.

— A rolha salta.

— Sim. Isso é o que eu estava pensando. A comida presa na garganta de Lady Agnes era como a rolha. Eu só esperava que eu pudesse pressionar o suficiente para ela saltar.

— Perfeito — disse Lady Agnes. — Vamos contar essa história e creditar no pensamento rápido.

— Sim, isso deverá funcionar — concordou Davina.— Maggie, vá para a cama agora. Vou falar com Logan.

Maggie franziu a testa.

— Ele ficará chateado com isso?

— Sim, mas pelo mesmo motivo que nós estamos. Ele quer proteger você. Agora, vá para a cama, eu vou cuidar disso.

Davina envolveu seus braços em torno de Maggie, dando-lhe o tipo de abraço que ela não teve desde que sua própria mãe faleceu.

Maggie ofereceu-lhes as boas noites e foi para a cama como Lady Davina lhe havia dito. No entanto, um novo argumento começou a discussão entre a cabeça e o coração de Maggie.

Seu coração lembrou-lhe que não só Logan era um homem que a amava e protegeria para sempre, sua mãe e sua avó tornaram-se mais caras para ela do que tinha percebido ser possível. Teria quebrado seu coração se perdesse Lady Agnes naquela noite. *Mas você perderá Lady Agnes e Lady Davina para sempre se voltar, advertiu-lhe seu coração.*

Lógica disse uma palavra — *feitiçaria*. Esta noite não era nada, pouco mais do que física. As mulheres que a amavam estavam determinadas a garantir que nenhuma intenção maligna pudesse ser atribuída a ela. Mas o fato era que Maggie tinha sido trazida aqui por alguma força que não entendia, com um conhecimento que poderia levá-la a sérios problemas. Não era justo para Logan ficar aqui e potencialmente colocá-lo ou seu clã em risco sem lhe dizer a verdade.

Seu coração assentiu com tristeza de fato. Desta vez Ilógico teve o bom senso de manter a boca fechada.

Quanto mais Maggie pensava sobre isso, mais ela percebia que tinha que dizer a Logan a verdade, quer ela decidisse ficar ou não. Ele merecia saber. Mas ainda não podia dizer. Tanto quanto ela o amava e acreditava que ele a amava, ele era um homem medieval. A verdade podia ser um fardo pesado que o seu amor poderia não suportar. Se ele não queria que ela ficasse, se... bem,

ainda tinha que fazer o que podia para protegê-los. Precisava esperar até que a chegada do pai de Margaret fosse iminente.

Mas se ele acreditasse nela, se a amasse de qualquer forma, ela poderia ficar?

Capítulo 10

Os acontecimentos de Lammas não eram mais que cascalho na estrada. Logan tinha gerido os clãs e as mulheres na festa e, quando a mãe retornou, havia uma explicação simples e lógica que beliscava outras especulações. Se tivesse dúvidas sobre seu amor por Maggie antes dessa noite, não teve nenhuma depois. Era uma das coisas mais impressionantes que já havia testemunhado. Ela descobriu o que estava acontecendo, estava em torno da mesa e salvou a vida de sua avó antes que a maioria das pessoas percebesse que havia um problema. Ela não entrou em pânico, apenas resolveu a situação.

A seus olhos, era a sua companheira perfeita. Inteligente, gentil, equilibrada, bonita, aventureira, exuberante, forte, corajosa e tão bonita. Ele a desejava como nunca desejou outra mulher antes. O casamento não poderia chegar rápido o suficiente.



À medida que o dia do casamento se aproximava em um

ritmo alarmante, Maggie queria passar tanto tempo quanto possível com Logan. Temia que, mesmo que quisesse ficar, quando ele descobrisse não a quisesse. Ela precisava armazenar tanta alegria em poucos dias quanta pudesse.

Estava decidida a fazer uma coisa, quer ficasse ou não. Superar seu medo dos cavalos tinha sido tão importante para Logan e tinha sido tão paciente com ela, estava determinada a dar-lhe isso. Ela montaria em Robin.

O olhar de deleite no seu rosto no dia em que ela cavalgou alimentou sua alma com pura alegria. Ela adorava esse homem. Ele tinha capturado seu coração como tinha certeza de que nenhum outro homem alguma vez poderia. Ela sabia com certeza que pertencia ao seu lado. Estava igualmente certa de que a decisão de ficar não era só dela.

Então chegou o dia.

O casamento estava a apenas quatro dias de distância e o pai de Margaret deveria chegar naquele dia. Isso significava que tinha que dizer a Logan a verdade. Ela não conseguia tomar essa decisão sem ele. Antes que Freya a ajudasse a vestir-se, procurou os sapatos onde escondeu o relógio de bolso. Deslizou o relógio ao redor de seu pescoço, colocando-o debaixo de seu *léine*. Depois que Freya ajudou Maggie a entrar no vestido e trançou os cabelos, Maggie correu rapidamente para o grande salão para o café da manhã.

Logan levantou os olhos de onde sentava-se na cabeceira da mesa, o rosto iluminado por um sorriso.

— Aqui está a minha linda moça.

Ela sorriu de volta, cruzando o corredor para sentar com ele

na mesa. Seus lábios roçaram sua bochecha com um beijo. Isso não chegaria naquela manhã. Envolveu seus braços ao redor dele, segurando-se por um momento. Ela o amava com todo seu coração. Ela se viu rezando para que não precisasse deixá-lo.

Ele deve ter sentido a tensão dela.

— Maggie, algo está errado?

— Não, não exatamente. Mas eu preciso falar com você. Sozinho.

— Tudo bem, querida, coma rápido e encontraremos um lugar para conversar.

Maggie comeu um pãozinho rapidamente.

— Podemos ir agora?

— Isso é tudo que você vai comer?

— Esta manhã não tenho muito apetite. Podemos ir agora?

Logan franziu a testa — Sim.

— Eu estava pensando que a capela seria um bom lugar para conversar, onde estaremos certos de estar sozinhos e sem perturbações.

Ele assentiu pegando sua mão. — Se você desejar.

Eles deixaram a torre e atravessaram a muralha, entraram na capela e sentaram-se em um dos bancos. Maggie sussurrou uma oração para que ele acreditasse nela.

— Algo a incomodou, Maggie. Diga-me o que foi.

Maggie respirou fundo.

— Antes de começar, preciso dizer-lhe, eu o adoro com todo o meu coração Logan.

Ele franziu a testa e beijou a parte de trás da mão que ainda segurava.

— Eu também amo você.

— Lembre-se disso. O que estou prestes a dizer vai ser difícil de acreditar. — Suas sobrancelhas franziram, mas continuou. — Você se lembra do dia do acidente? O dia em que eu... *mudei*?

— Eu não poderia esquecer isso, meu amor. Temo que pareça cruel, mas fico feliz por ter acontecido.

— Eu sei que você está. Eu também. Margaret era mais do que mimada e egoísta, ela era intencionalmente má. Ela não deu importância a nada nem a ninguém além de si mesma. A escolha de ignorar o aviso naquele dia foi pura loucura. Sinto muito a dor que Margaret causou.

— Mas você mudou. Você é uma moça completamente diferente agora.

Ela sabia que Logan não tinha idéia de quão precisa era essa afirmação.

— Sim, eu sou. Mas não perdi a memória. Após o acidente, havia coisas que eu sabia que Margaret não sabia. Como habilidades de cura e latim. Ninguém parecia saber que Margaret podia ler, mas posso ler latim.

Ele sorriu.

— Mas não gaélico.

Ela assentiu.

— Sim, não gaélico. E sei como parar uma pessoa de sufocar. Há razões para isso e quero dizer-lhe o porquê, mas, por favor, prometa que vai ouvir toda a minha história antes de reagir.

Sua expressão estava sóbria.

— Você está me preocupando.

— Eu sei que estou e me desculpe, mas por favor, você me

promete?

— Sim. Eu vou ouvir toda a história antes de reagir.

Ela respirou fundo.

— Você concorda que existem coisas no mundo que as pessoas não entendem, coisas conhecidas apenas para Deus?

— Sim.

— Mas há coisas que as pessoas acham que entendem e aceitam como fato irrefutável.

Os olhos de Logan se estreitaram.

— Sim, os fatos são fatos.

— Logan, existem algumas coisas que as pessoas acreditam serem fatos que não são tão simples quanto parecem. O que estou prestes a falar é uma dessas coisas.

Logan balançou a cabeça.

— Mas, Maggie...

— Não, Logan, você prometeu ouvir.

Ele assentiu.

— Eu prometi e vou.

Maggie se inclinou e beijou-o. Oh meu Deus, como ela o amava. Ela não conseguia parar e temia que fosse a última vez que ele aceitava um beijo dela se não acreditasse nela ou, pior, se pensasse que ela era uma bruxa.

Sua sobrancelha subiu e ele sorriu.

— Essa verdade tem algo a ver com o beijo? Porque ficaria feliz em mostrar o que eu sei ser verdade primeiro.

Ela sorriu.

— Não, não tem que ver com os beijos, embora eu desejasse que tivesse. Tem a ver com o tempo.

— Tempo? — ele pareceu incrédulo.

— Sim, tempo. Pensamos no tempo como fixo. Ontem está sempre atrás de nós, o amanhã sempre estará à nossa frente.

— Porque é assim.

— Não, Logan, não é. O tempo não é linear. Existem formas de passar de um tempo para outro. Essencialmente, é possível voltar atrás e depois para a frente novamente.

Ele franziu a testa.

— Como você sabe disso?

— Porque o fiz.

Para sua consternação, ele se endureceu e afastou-se dela ligeiramente, deixando cair a mão que segurava.

— Como isso é possível?

Bem, pelo menos, ele ainda estava ouvindo como havia prometido.

— Eu própria também não compreendo tudo. Não tenho ideia de como funciona, e pode haver mais do que uma maneira de fazê-lo, mas o método que conheço é chamado de "*troca de almas*". Uma alma é puxada de um tempo para outro e entra no corpo físico de alguém que está prestes a morrer, mas a nova alma pode prevenir essa morte. Foi o que aconteceu comigo. Minha alma entrou no corpo de Margaret apenas a tempo de controlar o Robin e prevenir o acidente que parecia prestes a ocorrer. Eu fui dormir de noite e acordei agarrando-me às costas de Robin.

Ele a encarou com incredulidade, mas ainda ouvia e ela continuou:

— Eu estava aterrorizada. Nunca tinha montado um cavalo. Agi por instinto para detê-lo. Sei agora que puxei com muita força

nas rédeas, o que o levou a levantar e atirar-me. A razão pela qual sei coisas que Margaret não sabia é porque não sou Margaret. Conheço outras coisas também. Compreendo matemática complicada, posso ler e falar inglês, embora tenha mudado muito ao longo do tempo. Eu sei coisas sobre a natureza do mundo que a humanidade não descobrirá por mais de duzentos anos.

— Você está me pedindo para acreditar que você viveu duzentos anos no futuro e sua alma entrou no corpo de Margaret Grant, quando ela estava prestes a morrer?

— Eu realmente tenho mais de setecentos anos no futuro, mas sim, minha alma entrou em Margaret mesmo a tempo de impedir o acidente. É por isso que naquele momento, eu me tornei uma pessoa completamente diferente da Margaret que conheciam.

Ele parecia sombrio.

— Foi o que você quis dizer no primeiro dia. Sobre não querer ser Margaret. O que aconteceu com a alma dela?

— Foi uma troca, sua alma entrou em meu corpo no futuro.

— Você escolheu fazer isso? Para se intrometer com as almas e o tempo?

Maggie suspirou.

— Eu fiz, mas só porque estava tentando provar que não funcionaria. Veja a maioria das pessoas no futuro nem sabe que isso é possível. Conheci uma mulher idosa chamada Gertrude, que eu achava que não estava no seu juízo perfeito. Ela insistiu que a troca de almas era possível. No futuro, sou uma...curandeira. Eu queria obter ajuda para ela, mas a única maneira de ela aceitar era se eu tentasse o que me contou e se não funcionasse. Logan, acreditei firmemente que não funcionaria.

— O que você tem que fazer para essa coisa antinatural acontecer?

A zombaria em seu tom doeu. Ela temia que isso não terminasse bem, mas tinha começado e teria que perceber. Ela puxou a corrente de seu pescoço e mostrou-lhe o relógio.

— Ela me deu isso.

Maggie sabia que os relógios mecânicos ainda não tinham sido inventados.

— Você se lembra de mim, quando não entendi o que você quis dizer com hora *prima* e hora *sexta* e assim por diante?

Ele assentiu.

— Isso é porque, no futuro, temos relógios mecânicos que marcam as horas. Um relógio que é pequeno o suficiente para usar ou transportar. Isso parece um tipo de relógio chamado "*relógio de bolso*", mas não é um relógio de bolso normal. É o canal que me trouxe de volta no tempo e marca o número de dias que estive aqui. Gertrude me disse para colocar a corrente ao redor do meu pescoço antes de dormir e isso me levaria atrás no tempo. Não acredito na magia e sem outra explicação sobre como poderia funcionar, não acreditei. Eu pensei que ela estava enlouquecendo.

— Mas você quer que eu acredite que funcionou.

Ela olhou para seus tempestuosos olhos cinzentos, rezando com todo o coração que o faria.

— Sim, eu sei. Porque eu estou aqui.

Ele resmungou.

— E por que você está me dizendo isso agora? É hora de ir para casa? Você me fez apaixonar por você, apenas para que

Margaret Grant volte e faça o resto da minha vida misrável?

Maggie suspirou.

— Margaret não vai voltar, nunca. Ela provocou um conjunto de eventos que inevitavelmente teria provocado a sua morte. Por outro lado, eu tenho uma escolha a fazer. Eu disse que este relógio de bolso marca o número de dias que estive aqui. Antes de sessenta dias, eu posso voltar sempre que quiser simplesmente dizendo uma palavra particular. Mas se eu fizer isso, o corpo de Margaret aqui morrerá, como aconteceria nesse dia, e eu voltarei ao meu próprio corpo, no meu tempo.

— Você disse *se fizer isso*.

— Sim, eu disse. Eu posso escolher ficar. Se não disser a palavra antes do meu tempo terminar ficarei aqui para sempre.

— Você acabou de admitir praticar magia para mim. Eu poderia queimá-la como uma bruxa.

— Não acredito que seja mágico. Pode ser, mas pode ser algo ainda avançado no futuro que eu não entendo. Em qualquer caso, se eu ficar além de sessenta dias, qualquer magia que exista desaparece. Mas, Logan, se você pretende queimar-me como uma bruxa, eu vou embora agora.

A dor em sua expressão rasgou seu coração.

— Não pretendo queimar você como uma bruxa, Maggie.

Ele a abraçou, apertando. — *Querida*, estas coisas que você está dizendo... elas são difíceis de acreditar. Na verdade, não tenho certeza de que eu acredite nelas. Mas amo você e isto é certo. Você não pode contar esta história a *mais ninguém* ou *será* acusada de feitiçaria. Ela devolveu o abraço dele.

— Não vou contar a mais ninguém. Eu precisava que você

soubesse, para entender.

— Para entender? Eu — sua voz quebrou com emoção —, eu não entendo. Você está me dizendo que está me deixando? Que você vai morrer em breve? Não vou acreditar nisso. Vamos nos casar em quatro dias.

— Sim, vamos nos casar e eu o adoro com todo o meu coração. Eu quero me casar com você. Quero ficar aqui e envelhecer com você. — Logan relaxou um pouco. — Mas se você se casar comigo, preciso que entenda quem eu realmente sou e quais são as consequências dessa decisão para nós dois. Vou pedir-lhe que reserve sua descrença por um momento. Quero fingir que tudo o que falei até agora é verdade. Por favor, Logan, eu quero dizer quem eu realmente sou.



Logan olhou para a mulher que amava com todo o coração. O que pedia para ele acreditar era, na melhor das hipóteses, um sinal de que era louca e, na pior das hipóteses, o trabalho do diabo. Na verdade, não achava que fosse louca ou perversa, mas a única opção que restava era que sua história fosse verdadeira. Ela implorou que ele deixasse de lado sua descrença e escutasse. Talvez, se o fizesse, tudo seria mais claro. Ela tinha razão — perversa, maluca ou uma alma do futuro — ele precisava saber antes de se casarem.

— Tudo bem, Maggie. Por enquanto, eu acredito em você.

Diga-me quem você é.

Parecia aliviada.

— Meu verdadeiro nome é *Magdalena Mitchell*. Eu sou chamada Maggie em casa. É por isso que pedi que me chamassem assim.

Maggie contou a sua história, com detalhes tão requintados que tornou-se cada vez mais difícil não acreditar nela. Descreveu sua família e sua infância. Ela falou sobre a doença de sua mãe e o papel que Maggie tinha tomado em cuidar dela. Quando chorou, ele a recolheu em seus braços para confortá-la. Isso não era fingimento. Ela acreditava firmemente em tudo o que contou, e gradualmente ele se convenceu de que sua história era verdade. Moças estudando como rapazes enquanto jovens? Frequentar universidades? Ainda por cima as mesmas universidades? Ela não conseguiria inventar algo tão ridículo. Mas, que ela quisesse tanto ir e não tivesse sido capaz, também fez com que seu coração doesse um pouco. Que ela desse a oportunidade a sua irmã, ao invés de tomá-la para si, o fez... orgulhoso. Este detalhe, acima de tudo, selou sua fé de que ela não era e nunca foi Margaret Grant.

— Você é uma boa moça, Maggie Mitchell.

— Então, você acredita em mim?

— Sim, eu acredito. Não vou fingir que entendo isso. Mas acredito em você. Então, como você conheceu Gertrude e por que ela lhe deu o relógio de bolso?

Maggie suspirou.

— Deixei de lado uma pessoa bastante importante na história da minha vida. O nome dele é Elliott.

Um homem? Um marido talvez? Logan temeu o pior.

— Por favor, me diga que você não estava casada com ele?

Ela sorriu, mas balançou a cabeça.

— Eu não estava. Ele era meu melhor amigo. Crescemos juntos. Todos esperavam que nos casássemos.

— Mas você não casou? Ele não era a escolha do pai? Será que ele não conseguiu fornecer um dote suficiente devido às suas finanças?

Maggie riu.

— Não, nada disso. O casamento é diferente no futuro. Na maioria das partes do mundo, homens e mulheres escolhem seus próprios cônjuges e não há dotes. A maioria das pessoas se casa por amor. Eles passam muito tempo, às vezes anos, conhecendo-se antes de decidir se casar.

— Como isso é possível? Como as alianças são feitas? Se deve conhecer alguém primeiro durante anos, você poderia apenas se casar dentro de seu clã.

— As coisas são muito diferentes e as alianças como você as conhece não são necessárias. Contarei mais noutra altura. Por agora, você precisará aceitar que, no meu tempo, a maioria das pessoas se casa por amor.

Esse era um pensamento sóbrio.

— Então, você e Elliott se amaram?

Apenas fazer a pergunta era mais doloroso do que ele poderia ter imaginado. Ele não gostou da idéia de ninguém além dele amar Maggie, e não tinha certeza de que queria ouvir a resposta.

— Sim, nós nos amamos. Ou seja, pensei que sim, até que ele foi para a universidade e conheceu outra pessoa.

Seu tom de voz parecia tão melancólico. Era óbvio, este homem, Elliott, a tinha ferido profundamente.

— Ele a deixou de lado?

Ela assentiu.

— Ele disse que sempre me amaria, mas que era diferente com Amanda. — Ela deu um sorriso triste. — Ele disse que eu sempre seria sua melhor amiga.

Logan não podia acreditar que qualquer homem inteligente escolhesse outra, em vez de Maggie.

— Que idiota!

Maggie deu uma risada genuinamente feliz.

— Concordo. Mas no dia em que conheci Gertrude, ainda não tinha resolvido tudo isso. Eu tinha estado no seu casamento com Amanda e pensei que meu coração estava permanentemente quebrado. Gertrude me encontrou chorando.

Ele acariciou sua bochecha.

— Sinto muito que ele a machucou, Maggie.

Maggie recostou-se em seu toque.

— Eu não. Se ele não tivesse, eu nunca teria conhecido Gertrude... ou você. Eu contei a Gertrude a triste história e ela me ofereceu uma chance de viver outra vida. Como eu disse, não acreditava nela, mas pensei que poderia ajudá-la. Então eu fiz o que ela disse para fazer, para provar que estava errada. Só que... ela não estava errada... funcionou.

— Parece que sim.

— Você acredita em mim? — Ela perguntou com incredulidade.

— Sim, Maggie, eu acredito. A história que você conta é

simplesmente muito fantástica para Margaret ter imaginado. — Mas, mesmo admitindo que acreditava nela, ele temia que estivesse prestes a perdê-la. Nunca imaginou o que seria escolher sua própria noiva, mas dada a opção, ele escolheria Magdalena Mitchell.

— O que você vai fazer? — perguntou.

— Ficar aqui significa deixar meu pai e minha irmã para sempre.

Por todos os santos, não a queria perder. Ele entendeu a importância da família. Sua família e seu clã tinham sido seu foco, desde que podia se lembrar. Como ele poderia pedir isso a ela? E ainda... como não poderia?

— Maggie, você sabe que sempre coloquei as necessidades do meu clã e da minha família em primeiro lugar. Como o herdeiro do meu pai, e agora o lorde, é a responsabilidade com que nasci. Parece que você sempre fez o mesmo. Ao longo dos últimos anos, tão pouco mais do que uma moça, você sacrificou os seus próprios sonhos e felicidades, primeiro a cuidar de sua mãe moribunda e então assegurar o bem-estar de sua família. Não tenho o direito de pedir o que estou prestes, mas, por uma vez, estou pensando apenas no que eu quero e nunca quis mais nada. Maggie, fique. Eu amo você. Seja minha noiva e, ao meu lado, ajude a orientar este clã.



Querido Deus. Maggie nunca mais queria nada. Logan tinha ouvido sua história, acreditava, e sabendo muito bem quem realmente era, ele pediu que se casasse e ficasse. Pensou na sua última conversa com Paige. Sua irmã havia dito, *Se você não acordar de manhã, apesar de eu ficar triste e sentir a sua falta para sempre, eu saberei que alguém digno ganhou o seu coração*. Maggie percebeu que alguma parte de Paige acreditava que era possível. Ela entenderia a escolha de Maggie e ajudaria o pai a entender isso também.

Maggie olhou para os olhos cinzentos como uma tempestade de Logan e sabia que a decisão dela fora tomada.

— Sim, Logan, eu me casarei com você. Eu vou ficar.

Logan soltou a respiração e puxou-a de volta para seus braços, beijando-a até que ela não conseguiu pensar em mais nada.

Quando finalmente quebrou o beijo, ela descansou a cabeça contra seu peito.

— Eu acho que finalmente entendi o que Elliott quis dizer quando disse que me amava, mas era diferente com Amanda. Eu o amava. Eu ainda faço. Mas o que senti por ele não é remotamente parecido como o que sinto por você. Logan, eu o amo com tudo o que sou. Não consigo imaginar voltar e viver o resto da minha vida sem você.

Capítulo 11

A tensão crescente que Maggie sentiu por dias desapareceu. Fazer a escolha de seguir seu coração a libertou. Agora poderia esperar o casamento. Talvez mais importante, também sentiu que poderia enfrentar o pai de Margaret, sabendo que ele estava, de fato, vindo para o casamento dela e não para o seu funeral.

Representantes da maioria dos aliados de Logan começaram a chegar naquela tarde e pouco antes da refeição da noite ser servida, os Grants chegaram. Depois que o vigilante anunciou sua aproximação, Maggie esperou para recebê-los no salão interior com Logan e Lady Davina. Enquanto atravessavam os portões, a atenção de Maggie caiu sobre um homem mais velho com cabelo avermelhado e uma barba grisalha. De repente, várias imagens do homem passaram pelo cérebro de Maggie — era como uma montagem de minúsculos trechos de um filme. Gertrude disse que algumas memórias podiam surgir ao longo do tempo. Claramente Margaret conhecia esse homem.

Como se ele visse a perplexidade em seu rosto, Logan inclinou-se para perto de sua orelha, confirmando suas suspeitas.

— Esse homem alto no meio é seu pai.

O homem desmontou e caminhou em direção a eles. Ele parou à sua frente — Margaret, você está bem, moça. Acredito que

aceitou este compromisso?

Surpreendeu-se que ele não a cumprimentasse com um abraço ou algum tipo de carinho, Maggie simplesmente respondeu:

— Sim.

Logan veio em seu resgate.

— Lorde Grant, há algo que eu preciso dizer a você.

— Se minha filha o convenceu a não continuar com esse casamento, pense novamente, meu caro. Você não tem motivos para colocá-la de lado e não vou ouvir nenhuma bobagem.

Logan balançou a cabeça.

— Lorde, tenho a intenção de me casar com Margaret.

— Então, o que poderia ter que discutir comigo tão urgente que deve ser abordado no degrau da sua torre?

Lady Davina aproximou-se.

— Alpin, você é tão duro como sempre, eu vejo.

Lorde Grant sorriu para ela.

— E vejo que você é tão adorável... e ousada como sempre.

Lady Davina sorriu.

— Obrigada, Alpin. Eu asseguro-lhe, isso é importante. Margaret teve um acidente pouco depois de chegar aqui. Ela caiu de seu cavalo. — E com frustração, ela disse — não ficou gravemente ferida, mas bateu a cabeça e perdeu suas lembranças.

Ele franziu a testa para Maggie.

— Margaret, o que você fez? Você conduziu os *Carr* por este caminho, esperando que Lorde Carr a enviasse para casa? Eu asseguro-lhe, moça, se ele o fizer, não ficarei satisfeito.

Logan apressou-se a defendê-la.

— Lorde Grant, é verdade.

— Então você quer deixá-la de lado? — gritou Lorde Grant.

Logan realmente riu.

— Não, Lorde, eu não quero. Nós nos amamos muito e pretendo casar com ela. Mas ela não se lembra de sua vida antes de chegar aqui.

Novamente, o pai de Margaret virou-se sobre ela.

— Margaret, se você estiver mentindo, agora é a hora de me dizer a verdade e evitar me desgraçar e seu clã ainda mais.

Maggie ficou um pouco surpresa.

— Eu não estou mentindo... — Maggie não tinha certeza do que chamá-lo, mas se estabeleceu — ... senhor...

— Senhor? — Lorde Grant pareceu chocado. — Você nunca me chamou de senhor. '*papa*' quando você queria algo ou '*pai*'.

Maggie não sabia o que dizer.

— Eu sinto muito. Preferiria que eu o chamasse de pai?

Claramente desconcertado, Lorde Grant balançou a cabeça.

— Não, moça, senhor está bem.

— Eu não estou mentindo, senhor. Lamento que isso aconteceu. Foi minha culpa. Eu ignorei os avisos de Logan e provoquei o acidente.

Lorde Grant pareceu estupefato.

— Você vê, Alpin? — perguntou Lady Davina. — Ela está... *diferente*.

Ele assentiu com admiração.

— Sim. Eu diria que ela está.

Lady Davina fez um gesto em direção às portas.

— Junte-se a nós no salão então. Tenho certeza de que a

Maggie gostaria de conhece-lo melhor.

— Maggie?

— Sim, Alpin. Maggie. Adequa-se a ela. Você verá.

Seu pai olhou para ela.

— Maggie?

— Você pode me chamar Margaret se desejar — Maggie indicou.

Ele voltou a olhar para Lady Davina.

— Eu não entendo isso.

Ela sorriu:

— Também demoramos algum tempo, mas talvez ver e falar com alguém familiar ajudará a sua memória a retornar.

— Sim, talvez. — Lorde Grant deu a Maggie um último olhar confuso antes de oferecer seu braço a Lady Davina. — Posso escoltar você então?

Lady Davina sorriu para ele.

— Certamente. — Ela aceitou seu braço, virando-se para entrar no salão.

Logan pegou o braço de Maggie, conduzindo-a para o salão também. Ele tomou seu lugar na cabeceira da mesa, sentando Maggie na cadeira à sua direita e Lorde Grant junto a ela. Maggie sentiu-se estranhamente desconfortável à medida que a refeição progredia. O pai de Margaret fez perguntas de sondagem, como se estivesse tentando discernir se ele estava sendo enganado. Ela respondeu cada pergunta com uma resposta tão honesta quanto possível.

Logan perdeu a paciência primeiro que ela.

— Lorde Grant, por favor, não há nada a descobrir aqui.

Maggie lembra muito pouco de seu passado e ela mudou. Eu a adoro e tenho certeza que você a achará encantadora. Com toda a justiça, qualquer um de nós tem alguma coisa de que se queixar?

Ele ficou nervoso um momento antes de finalmente dizer:

— Enquanto você estiver honrando o contrato, acho que não.

Maggie soltou um suspiro de alívio e concentrou sua atenção em alguns dos outros convidados. Ela conseguiu manter os Lordes visitantes e as suas mulheres em ordem, mas desistiu tentando descobrir quem eram os outros. Com a resposta fria que recebeu de alguns dos visitantes, estava claro que tinham conhecido Margaret antes. No entanto, a notícia de seu acidente também circulou, pelo que outros pareciam dispostos a reservar o seu julgamento.

Depois que a refeição foi retirada, a música e a dança começaram. Maggie tinha aprendido um pouco desde a Véspera de São João, mas ainda não sabia muito bem. Ainda assim, se divertiu e dançaria todas as danças, se Logan não a afastasse ocasionalmente para descansar.

Muitas das danças exigiam que as dançarinas rodassem de um parceiro para o outro. Durante um desses, se encontrou em parceria brevemente com um guarda Grant. Pouco antes de fazê-la caminhar para o próximo parceiro, ele sussurrou:

— Margaret, o papel que você está representando é brilhante.

Ela não teve a oportunidade de lhe assegurar que não era um disfarce. Ah, bem, todos iriam perceber isso em breve.



No dia seguinte, Maggie passou a maior parte da manhã ajudando a mãe de Logan a atender às necessidades de seus convidados. Mas no meio-dia Lady Davina disse:

— Maggie, querida, você se importaria de verificar Agnes, por favor? Ela ficou em seu quarto esta manhã porque estava se sentindo um pouco indisposta. Eu quero ter certeza de que ela está bem.

— É claro, eu vou — disse Maggie.

Quando chegou ao quarto de Lady Agnes, ela bateu e entrou.

— Minha senhora, eu entendo que não está se sentindo bem.

— Maggie, acho que é hora de você parar de me chamar de *minha senhora*.

— E como gostaria que eu a chamasse ?

— Agnes ficaria bem. Avó seria melhor.

Maggie a abraçou:

— Eu adoraria chama-la de vovó. Agora, vovó, eu entendo que você não está se sentindo bem.

— Sim. Acho que talvez eu tenha exagerado na tarte de bagas na noite passada. Eu as adoro, mas elas sempre me causam incômodo.

Maggie suspeitava que as sementes da baga eram a causa, mas não havia muito a fazer por isso.

— Eu posso fazer um *chá* forte de menta e camomila que possa acalmar um pouco — ofereceu Maggie.

— Oh, se você achar que sim, eu ficaria grata.

— Eu vou buscar as ervas. Não vou demorar.

Maggie apressou-se no andar de baixo, na parte de trás da dispensa e na cozinha. Ela sorriu para si mesma quando se lembrou da primeira vez que esteve neste jardim e Logan explicou por que, como seu lorde e noivo, sabia o que era melhor para ela. Normalmente, ela pararia um momento para apreciar a beleza e a paz do jardim, mas estava ansiosa para voltar para Agnes.

Ao reunir a menta fresca e a camomila, ouviu passos atrás dela. Ela se virou e ficou surpresa ao ver o guarda de Grant que lhe tinha sussurrado na noite anterior.

Ele correu para ela, parecendo encantado.

— Margaret, você é positivamente brilhante, moça. Eu pensei que o plano de fingir ser uma megera era excelente, mas isso é muito melhor. Ninguém suspeita de nada. Podemos sair esta noite. Encontre-me logo após a meia-noite, perto dos estábulos e iremos embora.

Maggie olhou para o jovem, sendo difícil acreditar no que estava ouvindo.

— Desculpe?

— Você pode deixar cair o disfarce agora. Estamos sozinhos, meu amor.

Maggie viu o olhar de adoração sincera em seus olhos e, pela segunda vez em tantos dias, teve flashes de memórias que não eram suas. Memórias de estar nos braços deste homem. Como as do pai de Margaret, essas memórias foram associadas a fortes emoções... amor. Querido Deus, esse homem amava Margaret e ela a ele. Maggie lembrou-se de sua própria dor quando soube que

Elliott amava outra. Na tentativa de diminuir essa dor, disse:

— Sinto muito. Posso dizer que você tem sentimentos genuínos por mim, mas isso não é um disfarce. Na verdade, não lembro.

— Como isso é possível? Você pensou neste ardil e está a tentar me enganar? Você afinal decidiu que quer ser Lady Carr, em vez de uma esposa de guardião desterrado?

— Por favor, não é minha intenção machucar você. Honestamente, o acidente aconteceu e não me lembro de nada. Eu sinto muitíssimo.

— Desculpe? Querida, nós nos amamos. Talvez eu devesse lembrá-la do quanto. — Ele puxou-a para dentro de seus braços.

Maggie lutou contra ele.

— Não. Pare com isso. Por favor.

Ele agarrou seu rosto com as duas mãos, beijando-a brutalmente.

Maggie se forçou a não entrar em pânico. Ela teve aulas de autodefesa na faculdade e esse treinamento aflorou. Relaxou por um momento, esperando que ele relaxasse também. Ela colocou a mão esquerda no cotovelo direito dele, deslizou a mão direita, entre seus braços e em volta do seu pescoço como se estivesse fazendo uma carícia.

Logan entrou no grande salão, procurando por Maggie.

— Ela foi buscar algumas ervas para sua avó. Vai encontrá-la na horta eu acho — disse uma das mulheres que serviam.

Ele saiu pela porta traseira, indo para a horta. Quando chegou à entrada, viu um guarda-caça de Grant beijando Maggie, mas pior, parecia que ela estava devolvendo o seu abraço. Então, quase

antes que Logan percebesse o que estava acontecendo, Maggie voltou seu corpo contra o homem. Inclinou-se na cintura e, com o braço direito posicionado ao redor do pescoço, puxou-o para baixo em suas costas. Com um movimento de torção, ela o jogou no chão, antes que o guarda atordoados pudesse reagir, o chutou na virilha. Ele enrolou o corpo, gemendo de dor.

Enquanto o homem se contorcia, ela disse: — Eu disse: não me lembro de você e não amo você. E o seu tratamento rude me diz que você também não me ama. Desta vez eu vou esquecer, mas nunca ouse me tocar novamente ou Lorde Carr vai matar você.

Logan estava ao seu lado em um instante.

— Lorde Carr o vai matar de qualquer maneira.

Maggie jogou os braços ao redor dele.

— Oh, Logan, você está aqui.

— Sim, meu amor, e embora isso seja bastante impressionante, eu cuidarei deste patife.

O homem ainda rolou no chão, gemendo em agonia.

— Não, Logan, não o machuque. Parece — quero dizer, parece que eu gostava dele... antes. Ele queria me lembrar disso. Ele não vai fazer novamente.

— Isso é certo, porque ele não vai viver para fazê-lo de novo.

— Por favor Logan. Ele não representa nenhum perigo. Ele pensou...

— Ele pensou que era aceitável tocar minha noiva.

Maggie puxou o braço de Logan, afastando-o para longe do homem ferido e em direção à entrada da horta. Ela sussurrou:

— Por favor, Logan, eu sei como é ter um coração partido. Não o castigue mais.

O coração de Maggie era tão gentil, como poderia negar a ela?

— Tudo bem, não vou machucá-lo, mas tampouco tolerarei sua presença por mais tempo. Ele será escoltado para fora das terras de Carr imediatamente. Venha comigo eu vou cuidar disso.

Ele se virou com ela para caminhar em direção à porta na parede.

O que aconteceu depois foi um borrão.

Maggie virou a cabeça para olhar para o homem ferido.

— Nãoooooo!

Em seu grito, Logan também começou a girar, apenas para ser atingido no peito com toda a força que o pequeno corpo de Maggie poderia exercer. Ele perdeu o equilíbrio quando ela caiu a seus pés, um punhal saliente do lado esquerdo de suas costas. Em um movimento fluido, Logan puxou seu próprio punhal e arremessou. Acertou com um baque repugnante que afundou no peito do guarda, que caiu no local, morto.

Logan gritou por ajuda enquanto se ajoelhava ao lado de Maggie, virando-a e colocando-a em seus braços.

Seus olhos brilharam.

— Logan — ela sussurrou.

— Oh, minha doce garota, sinto muito.

— Não é sua culpa — ela sussurrou.

Querido Deus, ele a estava perdendo. Esta mulher notável que amava mais do que o próprio ar, que provavelmente salvou sua vida, agora morria em seus braços. Ele queria implorar para ela aguentar, lutar, mas não podia. Ele sabia que havia apenas uma maneira de garantir que ela vivesse.

— Maggie, você precisa dizer a palavra agora.
Ela olhou para ele, confusão obscurecendo a sua expressão.
— A palavra Maggie. Aquela que a levará para casa. Você ainda tem tempo, diga.
— Não, eu quero ficar... com você.
Ela respirou devagar.
— Eu amo você.
Várias lágrimas escorriam pelas bochechas.
— Minha querida, eu também amo você. Não posso suportar a perder, mas temo... temo... por favor, diga a palavra enquanto você ainda pode.
Seus lindos olhos azuis prenderam os dele.
— Não, Logan. Preferiria morrer... aqui em seus braços... do que viver o resto da minha vida sem você.
— Maldição Maggie, não faça isso. Diga a palavra.
Ela fechou os olhos.
Onde diabos estavam todos? Ele a pegou em seus braços e correu da horta.



Os pensamentos de Maggie ficaram confusos. A dor nas costas era intensa. Doía respirar. Ela estava vagamente ciente de Logan gritando ordens enquanto a levava para a torre. O ambiente que a envolvia aparecia e desaparecia do seu foco. A mãe de Logan estava lá... e sua mãe... não, sua mãe não poderia estar lá. Ela

pisçou os olhos para clarear a cabeça. Eles estavam em sua cama e Logan abaixou-a gentilmente, posicionando-a no lado direito. *Isso é bom. Eu preciso dormir.*

Logan sussurrou:

— Estou implorando a você, Maggie, diga a palavra.

Diga a palavra? Não, ela não faria isso. Ela iria dormir. Ela fechou os olhos e adormeceu.

Ela não dormira muito quando acordou com uma dor aguda de alguém palpando suas costas.

— Você fez bem, deixando o punhal até chegar aqui. Pode ter retardado o sangramento.— Era a voz de Bearnas. — Mas parece que ela perdeu muito sangue de qualquer maneira.

— Há algo que você possa fazer? — A voz de Logan soou apertada e tensa.

— Lorde, se a faca tivesse entrado em linha reta, teria passado seu coração, mas entrou em um ângulo e parou como se estivesse alojado no osso, provavelmente seu ombro.

— Isso é bom, não é?

— Sim, desviou do coração dela. Mas por causa do ângulo, a ferida é profunda e talvez eu não consiga parar o sangramento quando remover o punhal.

Um soluço estrangulado do outro lado da cama fez com que Maggie abrisse os olhos. Um homem ajoelhou-se a seu lado. Ele era familiar, mas não conseguia se lembrar. Ele pegou sua mão.

— Margaret, minha moça, aguentete. Não posso suportar perder você.

O pai de Margaret, então era ele. Ela apertou a mão com a pouca força que tinha.

— Eu vou, Senhor— ela sussurrou.

Bearnas disse:

— Maggie, moça, eu preciso que você seja forte agora. Vou pegar a agulha e o fio. Lorde, você precisará segurá-la enquanto retiro a faca e costuro a ferida.

— Use uísque, sussurrou Maggie.

— Você quer um gole antes de começar? — Perguntou Bearnas.

— Não. Mergulhe a agulha e arraste-a... despeje-a sobre a ferida.

— Por todos os santos, moça, por que eu faria isso?

— Isso ajuda a parar... — qual era a palavra? — Pode impedir... infecção.

— Bearnas, Maggie sabe do que está falando. Faça isso — disse Logan.

Momentos depois, Maggie se perguntou sobre a sabedoria de suas instruções. A dor impetuosa passou por ela enquanto Bearnas banhava a ferida com uísque. Era mais doloroso do que imaginava possível. Queria gritar, mas não tinha força. Ela rezou para que passasse para ser liberada da agonia, mas permaneceu teimosamente consciente.

— Segure-a agora, Lorde. Preciso usar um pouco de força para desalojar a lâmina do osso.

Logan se ajoelhou atrás dela e deslizou um braço debaixo do ombro direito, aproximando o peito para segurar o ombro esquerdo. Ele colocou a outra mão nas costas, abaixo, onde a faca descansava.

Maggie sentiu Bearnas puxar a faca. Como Bearnas temia,

não veio facilmente. A dor irradiou através do ombro de Maggie enquanto Bearnas puxava. Então, de repente, cedeu.

Ouviu Bearnas engolir e pressionar duramente a ferida. Maggie podia sentir o sangue quente escorrendo por suas costas. Seu cérebro estava ficando enevoadado novamente.

Lorde Grant agarrou sua mão.

— Margaret, fique comigo, moça.

Mas Logan beijou sua tempora sussurrando:

— Diga a palavra, Maggie.

A palavra?

— Não.

Com isso entrou no esquecimento.



Quando Maggie acordou, estava deitada de bruços. Não tinha idéia de quanto tempo havia passado. Se sentia horrível. A ferida em suas costas palpitava, mas pior, estava fraca e tão quente, sua pele queimava como se estivesse em chamas. Tinha febre e alguma parte de seu cérebro lhe disse que precisava de líquidos. Abriu os olhos. O quarto estava escuro, salvo a luz de várias velas. Seus olhos encontraram os olhos preocupados, cinzentos como uma tempestade, do homem que ela amava.

— Logan — sussurrou sobre os lábios secos e rachados.

— Oh, Maggie, minha doce garota.

— Estou com sede.

— Sim, querida, deixe-me ajudá-la.

Ele virou-a suavemente, depois colocou um braço embaixo dela, levantando a cabeça para poder beber. A água fresca caiu bem. Depois de ter tomado vários goles, ele perguntou:

— Você acha que poderia engolir um caldo? Bearnas disse que é a melhor coisa para alguém que perdeu muito sangue.

— Sim, ela está certa.

Pelo menos na ausência de fluidos intravenosos e transfusões. Ele a ajudou a beber um caldo rico até não poder engolir mais. Então a baixou de volta, posicionando-a no lado direito.

— Você está confortável?

— Sim, tanto quanto se pode esperar.

— Bearnas provavelmente terá minha cabeça por não acordá-la assim que você acordasse. Ela está no quarto ao lado. Mas Maggie, eu quero falar com você sozinho.

— Logan, eu vou ficar.

Ele sacudiu a cabeça com frustração.

— Você perdeu uma enorme quantidade de sangue por uma coisa tão pequena. A febre está a surgir. Temo por sua vida, meu amor. Eu decepcionei-te. Eu não te protegi, mas não posso suportar o pensamento de você morrer quando não precisa.

— Você não me decepcionou. Por que pensaria isso? Ele era do clã de Margaret... e ele a amava. Não havia motivos para pensar que nos prejudicaria.

— Ele não pretendia *nos* prejudicar. Ele pretendia *me* matar. Você foi tola o suficiente para levar com lâmina em vez disso. Você salvou minha vida, Maggie.

Ele acariciou sua bochecha.

Ela inclinou a cabeça para sua carícia.

— Eu o amo Logan.

— E eu amo você — com tudo em mim, eu amo você. Mas, por favor, Maggie, a febre piorará. Muito... E já está muito fraca. Você deve ir para casa onde estará segura.

— Não, Logan. Perder-te para sempre realmente me mataria.

— Mas talvez isso seja o que deveria ser. Talvez isso tenha acontecido porque Margaret enganou a morte uma vez e o tempo acabou. Talvez nunca tenha sido suposto você ficar.

— Eu não acredito nisso. Gertrude disse que a decisão de voltar era minha. Ela não teria me dado uma escolha se não houvesse nenhuma.

— Como você pode ter certeza disso? Ela era uma estranha para você. Talvez ela fosse má... uma bruxa.

— Não existe tal coisa como bruxas. E Gertrude era... não posso explicar isso, mas estou certa de que ela não era má.

Ele começou a discutir com ela.

— Não, Logan. Eu devo estar aqui com você. E vou sobreviver.

A dor em sua expressão era quase palpável. Ele se inclinou e a beijou tão gentilmente.

— Você verá... — ela sussurrou.

Rapidamente ela voltou a adormecer. Logan beijou sua testa.

— Por favor, Deus, por favor, que assim aconteça. Ajude-a a ultrapassar isto. Você a trouxe para mim e me deixou amá-la. Por favor, não a tire.

Capítulo 12

Logan manteve sua vigília com Bearnas na cabeceira de Maggie. Sua mãe, o pai de Margaret e até sua avó ficaram com eles por longos momentos. Eles encorajaram Logan a descansar, mas ele se recusou a sair. Como havia previsto, sua condição piorou. Ela acordou com frequência, febril e confusa. De cada vez, Bearnas tentava tudo para fazer Maggie engolir tanto caldo ou água quanto pudesse.

No entanto, ocasionalmente, Maggie acordava e parecia lúcida. Estes foram os momentos que ele esperava. Cada vez que acontecia ele implorava silenciosamente para dizer a palavra, para salvar sua vida. Cada vez ela dizia:

— Não, Logan.

Os períodos de delírio de Maggie confundiram os outros. Ela falou de Elliott, Amanda, Gertrude e Paige. Quando sua mãe e o pai de Maggie olharam para ele por uma explicação, encolheu os ombros disse:

— É a febre.

Ainda assim, seu balbuciar febril era preferível ao silêncio. Muitas vezes, ela ficou tão imóvel que a roupa de cama mal se moveu enquanto respirava. Foi durante esses momentos em que o medo frio e cru agarrou o coração de Logan. Observou-a respirar e

respirar, temendo que não visse outro.

No final da noite do terceiro dia, no dia em que deveriam casar, começou a falar como se fosse para a mãe, mas Margaret Grant nunca teria dito as coisas que Maggie disse. A mãe de Margaret morrera dando-a à luz.

— Mamãe, você está de volta.

Lorde Grant olhou para Lady Davina.

— Ela quer dizer você?

A mãe de Logan franziu a testa.

— Ela deve. Mas nunca me chamou de "*mãe*" antes.

Ela atravessou a sala e pegou a mão de Maggie na dela.

— Maggie, criança descanse.

Logan permaneceu em silêncio. Se sua mãe acreditava que Maggie, em seu delírio, estava falando com ela, talvez não fizessem perguntas.

— Eu amo você, Mamãe, e senti tanto a sua falta.

— Querida , estive aqui toda a noite.

Maggie parecia olhar diretamente através de sua mãe.

— Mas, como você me encontrou aqui?

Sua mãe parecia confusa.

— Querida, eu não entendo.

— Doi muito. Estou feliz por estar aqui. Lágrimas brotaram nos olhos de Maggie.

— Mamãe, não me diga para ir para casa. Eu sei que papai provavelmente precisa de mim, mas...

Lorde Grant, que estava sentado em uma cadeira no lado oposto da cama, alcançou a mão para pegar a dela.

— Margaret, também estou aqui, pequena. Descanse agora.

Não precisa se preocupar com nada.

— Mas quando você estava doente, mamãe...

Sua mãe franziu a testa e olhou para Logan.

— Sobre o que ela está falando?

— Não tenho certeza, mãe.

Como ele poderia explicar isso?

As lágrimas escorriam pelas bochechas de Maggie.

— Sim, eu quero ficar. Eu o amo tanto. Desejo que você pudesse conhecê-lo, mamãe.

Seus olhos encontraram os dele e ela sorriu.

— Sim, é ele. Ele está preocupado. Ele sabe que não sou Margaret e me ama, mas acha que deveria ir para casa. Ele continua me pedindo para dizer a palavra, mas não vou. Diga a ele que posso ficar.

Todos na sala simplesmente a encaravam.

— Está bem. Eu vou descansar, mas não me deixe ainda. Estou com medo.

Maggie fechou os olhos e voltou a dormir profundamente.

Sua mãe olhou fixamente para ele.

— Logan, eu sei que você sabe algo que não está contando. Sobre o que ela estava falando?

Lorde Grant assentiu.

— Sim, ela nunca conheceu sua mãe e claramente ela não estava falando com vocês agora. O que ela quis dizer com *ele sabe que não sou Margaret*?

Não havia nada que ele pudesse fazer. Ele tinha que dizer a eles.

— Sentem-se. Isto pode demorar um pouco.

Quando Logan terminou, tanto Lorde Grant quanto sua mãe realmente acreditavam na história. Sua mãe parecia desconcertada, Lorde Grant pareceu desolado.

— Então minha filha está morta para mim. Se Maggie disser a palavra Margaret morrerá aqui. Se não fizer isso, Margaret permanece no futuro, perdida para mim.

Logan assentiu com a cabeça.

— Desculpe, Lorde. Tentei pará-la naquele dia. Ela não quis ouvir. Se não fosse por Maggie, Margaret teria morrido então.

— Ela era obstinada, e eu sei que ela estava mais preocupada com suas próprias necessidades do que as necessidades dos outros. É minha culpa, suponho. Eu mimei-a.

— Alpin , não — disse Lady Davina. — Você amava a sua filha e a criou o melhor que sabia, assim como todos nós.

— Ela não estava feliz com o noivado, — ele desviou o olhar por um momento — mas acho que ela tornou isso dolorosamente óbvio.

— Por favor, Alpin, pare de repreender a si mesmo. Agora sabemos o porquê. Ela estava apaixonada e esperava acabar com o noivado. É difícil ver mais alguma coisa quando se tem sentimentos tão fortes por outro. Eu suspeito que se não fosse por isso, ela teria aceitado suas responsabilidades com mais graça.

— Você é gentil por dizer isso, Davina.

Sua mãe sorriu para Lorde Grant e deu um tapinha na mão.

— Lembro-me de outro Grant de forte vontade, que teve suas próprias idéias sobre o casamento.

Lorde Grant sorriu com tristeza.

— Sim. Suponho que eu também.

Sua mãe riu, mas Logan perguntou:

— Sobre o que você está falando?

— Alpin deveria casar com minha irmã, tia Mae.— Ela sorriu.

— Ele recusou. Causou quase uma disputa...

— Eu estava apaixonado por Malina...

— Eu sei que você estava. E Margaret também estava apaixonada. O que aconteceu aconteceu. Não falaremos mais sobre isso. Precisamos nos concentrar em Maggie agora.

A garganta de Logan apertou.

— Eu tenho tentado fazê-la dizer a palavra. Ela vai viver se fizer isso. Ela vai acordar em sua própria cama, setecentos anos a partir de agora.

Embora soubesse que era o certo a fazer, mesmo quando falava, ele não a queria perder.

— Bem, filho, agora você precisa parar isso. Maggie fez sua escolha. Claramente, ela não tem intenção de ir, então precisamos ajudá-la.

— Mas, mãe...

— Não Logan. Maggie ama você, te quer e não precisa de melhores razões para impedir a morte. Não pode lutar contra isso, pedindo-lhe que desista.

Sua mãe estava certa. Sabendo que estava gravemente ferida, Maggie tinha feito a escolha. Logan tinha que garantir que sua escolha não fosse feita em vão.



— Maggie ...

Era apenas sua mãe a chamá-la para a escola. Mas não poderia ser sua mãe.

Maggie tinha que ver quem era. Lutou para acordar. Estava quente, e tudo doía, mas abriu os olhos.

— Mãe, você está de volta.

Maggie mal podia acreditar. O quarto do Castelo Carr se dissolveu ao redor dela. Estava em sua cama em casa.

— Eu nunca te deixei, minha querida, e enquanto estiver no seu coração, nunca o farei. Você simplesmente não conseguia me ver.

— Eu te amo, mãe, e senti muita sua falta.

— Eu sei querida. Desculpe, eu tive que sair.

— Mas como você me encontrou aqui?

Sua mãe sorriu.

— Não foi tão difícil. Seu amor é um farol.

— Isto dói muito. Fico feliz que você está aqui.

Lágrimas brotaram nos olhos de Maggie. Foi maravilhoso ver sua mãe novamente, mas talvez isso significasse...

— Mãe, não me diga para ir para casa. Eu sei que papai provavelmente precisa de mim, mas...

— Oh, minha querida garota, não vou te dizer para ir para casa. Essa decisão é sua, e seu pai ficará bem, não importa o que faça.

— Mas quando você estava...

— Shissss agora, Maggie. Ele não lidou bem com isso. Você era tão forte. Era minha rocha e não sei o que o seu pai e Paige teriam feito sem você. Mas ele ficará bem. Eu prometo. Agora é

hora de você encontrar sua vida. Está aqui? Quer ficar?

As lágrimas escorriam pelas bochechas de Maggie.

— Sim, eu quero ficar. Eu o amo tanto, mãe. Eu queria que você pudesse conhecê-lo.

A quarto no Castelo Carr voltou em torno delas.

— É ele? Tem um coração muito bom, Maggie, posso dizer.

Maggie sorriu para o homem que ela amava.

— Sim, é. Está preocupado. Sabe que não sou Margaret e me ama, mas acha que deveria ir para casa. Ele continua me pedindo para dizer a palavra, mas não vou. Diga a ele que posso ficar.

Sua mãe riu.

— Você já lhe disse que deveria estar aqui. Ele vai saber em breve o quão tenaz você é. Agora, minha preciosa filha, se você pretende ficar aqui, deve descansar e ficar bem.

— Tudo bem. Vou descansar, mas não me deixe ainda. Estou com medo.

— Eu não vou sair. Sei que você está com medo, mas vai ficar bem.

Capítulo 13

Maggie lentamente emergiu do sono profundo em que se encontrava. Ela mal abriu os olhos. O sol da madrugada lançou uma luz pálida na sala, mas não era apenas o meio da noite? Sua mãe não estava com ela? Onde ela tinha ido?

Maggie sacudiu um pouco a cabeça, tentando clarear seus pensamentos. Não, tinha sido um sonho. Sua mãe não poderia ter estado lá. Ela tinha morrido há mais de três anos.

Ainda assim, a conversa foi tão real que o coração de Maggie sentia de novo a dor da perda.

Ela olhou para sua direita. Logan estava sentado numa cadeira, próximo a ela. Ele estava dobrado para a frente, com a cabeça apoiada na cama. Estava com ela sempre que acordava. Tinha saído em algum momento?

Ela estava tão quente. Teve que sair debaixo dos cobertores. Enquanto os empurrava, Logan acordou imediatamente.

— Maggie, meu amor, como você se sente?

— Fraca e dolorida.

— Você está com febre.

— Eu sei, mas não me diga para dizer a palavra. Eu não vou e não tenho forças para argumentar.

Ele sorriu para ela.

— Não direi, aqui, tome um pouco de água.

— Vou beber, mas Logan, me ajude a tirar os cobertores. Estou assando e encharcando em suor.

Lady Davina, que dormia em uma cadeira, acordou com isso.

— Você está suando, moça? Louvado seja! A febre está queimando. Sim, você precisa beber. Veja se ela bebe um pouco de caldo também, Logan, enquanto eu chamo Bearnas e pego alguns lençóis frescos.

Logan a ajudou a sentar-se para que pudesse beber. A água aliviava sua garganta. Depois que ela bebeu o que conseguia, perguntou:

— Que dia é hoje?

— Você tem um dia restante.

Maggie suspirou.

— Então eu perdi o casamento?

Ele riu.

— Não há casamento para perder. Quando nos casarmos, eu prometo que você estará lá.

Ela sorriu.

— Podemos nos casar logo? Amanhã? Agora?

Logan balançou a cabeça.

— Não, querida. Em primeiro lugar, vamos esperar você ficar boa o suficiente, para ficar em pé.

Maggie franziu a testa com petulância.

— Não vejo o que ficar em pé tem a ver com isso.

Logan riu de novo.

— Ah, minha linda garota, se não pode ficar em pé, não pode dançar. E se não pode dançar, não pode fazer outras coisas

perversas que maridos e mulheres fazem. Vamos esperar um tempo. Você não vai a lugar algum. Ou vai? Você foi bem firme sobre isso até agora.

— Eu não vou a lugar algum. Estou onde devo estar.

— Então não há pressa. — Ele se inclinou para frente e lhe deu um beijo gentil. — Há uma coisa que precisa saber, antes que minha mãe volte com Bearnas. Você murmurou um pouco quando estava no pico da febre. Você disse muitas coisas.

Isto preocupou Maggie.

— Que tipo de coisas?

— Você falou sobre sua família e Elliott. A maior parte poderia ser atribuída ao delírio. Você parecia conversar com sua mãe, na frente de minha mãe e Lorde Grant. — Maggie olhou horrorizada, ele continuou rapidamente. — Tudo bem, Maggie. Eles sabem. Eu disse a eles e eles acreditaram

— Alguém mais sabe?

— Não, e vamos manter dessa forma.

Naquele momento, Lady Davina e Bearnas entraram no quarto e enxotaram Logan para fora.

— Filho, precisamos de um pouco de privacidade agora. Vá tomar um banho e comer alguma coisa. Você pode voltar quando fizermos com que ela se estabeleça.

Quando elas mudaram a roupa de cama, limparam sua ferida e a devolveram á cama, Maggie estava exausta novamente. Tinha adormecido antes mesmo que Logan voltasse.



Logan tinha enfrentado guerreiros ferozes em batalha com determinação, nunca se escondendo. Tinha se ajoelhado ao lado de camaradas caídos quando morreram. Ele tinha caçado javali e lobos sem tremer. Raramente conhecia o medo.

Porém, durante os quase quatro dias, enquanto Maggie ficou perto da morte fraca e febril, ele ficou bem familiarizado com isso. O pensamento de a perder encheu seu coração de medo. Num campo de batalha, ou enquanto caçava, ele tinha confiança em si mesmo e em suas próprias habilidades. No entanto ao seu lado da cama, ele estava indefeso para fazer qualquer coisa, exceto rezar — e rezar foi o que fez. Pediu a Deus uma e outra vez para deixá-la viver. Pediu a todos os santos cujo nome ele se lembrava, para intercederem em seu nome.

No dia de Santo Evan, o dia em que deveriam ter se casado, ele orou fervorosamente por sua ajuda. Certamente um santo Escocês ouviria seus apelos. Quando Maggie despertou na manhã seguinte, com a febre diminuindo, Logan sabia que suas orações haviam sido ouvidas.

Ele deixou seu quarto a pedido de sua mãe, mas não foi imediatamente para se lavar ou quebrar o jejum como ela tinha sugerido. Foi até à capela, prostrou-se diante do altar e agradeceu a Deus por sua cura e misericórdia. Ele agradeceu a Santo Evan por sua intercessão com o Todo-Poderoso e prometeu nomear seu primeiro filho de Evan.

Levantou-se, mas antes que ele saísse, percebeu que precisava ter uma última conversa com o Senhor:

— Senhor, eu não entendo como Maggie veio até mim. A princípio estava preocupado que pudesse ser uma magia negra, mas mesmo assim não tinha a força para deixá-la ir. Quando ela estava deitada, tão perto da morte, pensei que estivesse sendo punido por minha fraqueza. Agora eu tenho certeza que foi Sua mão que a salvou. Eu vi homens adultos morrerem de febres menos severas e perda de sangue, e ela é apenas uma pequena menina, somente Seu toque de cura impediu-me de perdê-la. Então eu apenas posso acreditar que foi o Senhor que a trouxe para mim em primeiro lugar. Ela é boa, gentil e compassiva. Ela irradia amor. Desculpe, ter pensado que a presença dela em minha vida era qualquer coisa exceto Sua benção. Sinto muito, tive que presenciar um milagre para me dar conta disso. Ainda assim, sou fraco e sem Sua intervenção temo que a dúvida teria perdurado. Então, abençoado Pai, agradeço humildemente por trazer Maggie para mim, por trazê-la de volta para mim da beira da morte

Tendo esclarecido as coisas com o Todo-Poderoso, Logan retornou para a torre. Comeu e se lavou rapidamente, voltando para o lado de Maggie assim que pôde. Não pretendia deixá-la até depois de se casarem — bem depois de se casarem.

No entanto, na noite seguinte, quando a febre de Maggie não voltou e pareceu que ela se recuperaria, sua mãe o puxou para fora do quarto.

— Logan, está ficando tarde. Você precisa dizer boa noite e ir para a sua própria cama.

Ele franziu a testa.

— Eu estive ao seu lado por toda essa provação. Não vou deixá-la agora, mãe.

Sua mãe foi tão severa quanto apenas uma mãe pode.

— Era uma coisa quando ela estava delirante com febre e nós temíamos por sua vida. Ela está melhorando agora e você ainda não está casado. Não é apropriado.

— Eu sou Lorde deste clã.

— Não venha com “eu sou o Lorde” para cima de mim. Embora eu segure minha língua em público, não parei de ser sua mãe quando você se tornou o Lorde. Eu disse que você não ficará outra noite com aquela moça enquanto não estiver casado e eu quis dizer isso mesmo!

Ela olhou para ele. Ele olhou de volta. Sua expressão suavizou um pouco.

— Filho, eu sei que a ama. Eu sei que ela ama você. Vocês foram destinados um ao outro. Mas também sei o quanto as pessoas podem ser maldosas. Ainda há membros do clã que não perdoaram os maus tratos de Margaret. Histórias de que Margaret estava apaixonada por um guarda de Grant que tentou matar você já estão circulando.

Logan estava incrédulo.

— Mãe, ela salvou a minha vida, quase perdendo a dela no processo.

— Eu sei disso, a maioria sabe, e este fato está ajudando a dissipar a fofoca. Mas por favor, você não pode arriscar e acabar com a reputação dela.

Ele não podia argumentar com isso.



Logan tinha respeitado os desejos de sua mãe e dormido em sua própria câmara naquela noite. Embora, devido à exaustão, dormiu imediatamente; levantou à primeira luz e estava ansioso para ver como Maggie estava, mas não queria arriscar perturbá-la. Ele foi ao grande salão em vez disso para tomar o café da manhã. A maioria dos convidados do casamento voltaram para suas casas quando ficou claro que não haveria um casamento iminente. Logan não tinha deixado o lado de Maggie para despedir-se e vê-los, como teria sido educado e costumeiro. Sabia que seus aliados iriam perdoá-lo e Lorde Grant lidava com seus próprios aliados. Então Logan ficou surpreso ao ver Dougal MacIan e vários de seus homens no salão, se juntou a eles na mesa.

— Dougal, eu não tinha percebido que você ainda estava aqui.

Dougal sorriu para ele:

— Ah, bem, a comida é a melhor.

Logan riu.

— Eu não nego. Há poucas cozinheiras melhores, mas as suas são igualmente habilitadas.

Dougal assentiu.

— Isso elas são. Eu suponho que há mais uma razão. — Dougal abaixou a voz — o meu pai pediu para ficar.

Dougal era o herdeiro de Lorde MacIan e estes estavam entre

os aliados mais próximos de Logan. Esta declaração preocupou Logan.

— Existe algum problema?

— Eu não estou ciente de nenhum, mas o meu pai queria garantir que não surgisse um. Ele nunca confiou plenamente nos Grants e acredita que alguns aliados de Alpin são piores. Depois disso, de toda a situação desagradável que aconteceu... bem, a preocupação de que isso possa acender algo; e com a sua noiva tão gravemente ferida, talvez você não esteja tão alerta ao perigo como seria se a situação fosse diferente. Ele queria aguardar a sua volta. No dia seguinte em que Maggie ficou ferida, ele voltou para Duncurra, deixando a maioria de seus homens aqui comigo. Achava que uma demonstração de força poderia ser suficiente para impedir qualquer agressão, e também enviou outro contingente. Eles chegaram ontem.

Era verdade, Logan estava tão focado em Maggie, que não lhe ocorreu que eles poderiam estar vulneráveis. Ele não tinha alianças formais com todos os líderes dos clãs.

— Obrigado, Dougal. Vocês estão certos e eu sou grato.

— De nada. Nós sabemos que você faria o mesmo.

Logan franziu a testa

— Mas e sua mulher e filha?

— Ah, o meu pai queria levá-las para casa, para mantê-las longe do que pudesse acontecer, mas minha querida mulher tinha outras ideias.

Logan ergueu uma sobrancelha.

— Ela se recusa a partir?

— Absolutamente. Me escute bem, Logan. No dia do

casamento, todas as moças da cristandade prometem obedecer seus maridos, mas estou convencido que nenhuma delas entende o significado disso.

Logan riu pela primeira vez em dias.

— Ria enquanto pode, meu amigo, você verá logo.

Ele sorriu para Logan e acrescentou:

— Mas agora, fazendo jus para minha Aggie, ela insistiu que, com todo este alvoroço, sua mãe precisava de ajuda tanto quanto você.

— Você tem uma boa esposa, Dougal, e ela também tem minha gratidão

— Nós pensámos, se você quiser, continuarmos até que você esteja realmente casado com essa menina e não haja dúvidas quanto à sua força e a de seus aliados.

— Obrigado, Dougal. Eu não gostaria de pedir, mas não vou recusar sua oferta. Agora se me der licença, gostaria de ver minha garota nesta manhã.

— Então porque está perdendo seu tempo comigo?

Logan riu novamente, e então correu para as escadas. Encontrou sua mãe, saindo do quarto de Maggie.

Ela olhou fixamente para ele por um momento antes de sorrir e mexer a cabeça.

— Vá em frente. Ela foi cuidada e está comendo um pouco.

— Obrigado, mãe — ele beijou sua bochecha antes de bater na porta e entrar no quarto — Bom dia, meu amor.

Maggie sentou-se apoiada na cama, com o que ela chamava de "relógio de bolso" em suas mãos. Olhando para cima, ela sorriu para ele.

— Bom dia, Logan. Venha se sentar comigo. Senti a sua falta na noite passada.

Ele cruzou o quarto para se sentar ao lado dela na cama. A visão do relógio de bolso lhe deu um tremor frio no coração. Este era o último dia em que ela poderia voltar. Ela estava tendo dúvidas? Ele tinha que ter certeza de que não teria arrependimentos. Colocando a mão sobre a dela, ele perguntou:

— É quase a hora. Você está certa disso Maggie? Depois de tudo o que passou, você sabe que a vida aqui é difícil. Tem certeza de que quer ficar?

A luz de seu sorriso aqueceu sua alma.

— Sim, tenho muita certeza. Eu só peguei nisto para mostrar à sua mãe

— Graças a Deus

Ela sorriu.

— Quando eu estava febril, sonhei com a minha mãe. Eu estava apenas pensando nela e em Paige e me perguntando o que elas diriam.

— E o que você acha?

Maggie sorriu:

— Acredito que minha mãe me diria que é hora de viver a minha vida, não importa onde seja.

— E o que você acha que sua irmã diria?

Maggie riu:

— Eu sei exatamente o que ela diria. Naquela noite, depois que encontrei Gertrude, falei com Paige. Conteí a ela o que aconteceu e que faria exatamente o que Gertrude disse, apenas para provar que a velha mulher estava errada. Paige estava um

pouco mais disposta a imaginar esta possibilidade, que funcionaria. Ela me perguntou o que eu faria se funcionasse e me apaixonasse. Eu não respondi, mas ela estava bem séria e me deu sua opinião de qualquer forma.

Logan não tinha certeza se queria ouvir a resposta, mas perguntou:

— O que ela te disse?

— Ela me disse que se eu me apaixonasse, eu deveria ficar.

O alívio tomou conta de Logan.

— Ela disse isso?

— Sim, ela disse. Ela me disse para não me preocupar com ela e com meu pai e por pelo menos uma vez pensar na minha própria felicidade. Ela também me disse que se eu não acordasse nesta manhã, ela ficaria triste e sentiria a minha falta para sempre, mas saberia que eu encontrei alguém que mereceria meu coração.

Maggie fechou o relógio, colocando-o de lado, pegou em uma das mãos dele e disse: — E ela estava certa.

Capítulo 14

Maggie continuou a se recuperar durante as semanas seguintes. Ela iria ficar com uma cicatriz terrível nas costas, para sempre, mas a infecção desapareceu e conseguia respirar melhor.

Perto do final de setembro, um mês depois do planejado originalmente, Maggie casou-se com Logan.

Não foi um dia de junho de tirar o fôlego. Foi um dia frio de setembro.

Não havia peônias ou flores de qualquer tipo decorando a capela, mas ela carregava um buquê de ervas frescas perfumadas.

Não havia madrinhas com vestidos elegantes. Aggie MacIan, ficou com ela e Dougal com Logan. Lady Davina sentou-se na primeira fila segurando a filha de MacIan de oito meses, Moira. Lady Agnes sentou ao lado dela, radiante.

Não havia florista nem guitarrista — seriam mais de quatrocentos anos antes de Pachelbel compor seu *Canon em D* ou Bach, *Jesus Joy of Man's Desiring*.

Maggie não estava vestindo um vestido branco elegante, mas sim um léine⁶ azul profundo sob um surcoat⁷ ricamente bordado amarelo pálido. O tecido xadrez azul que ela usava por cima, era segurado por um broche circular de ouro, que Logan lhe dera na noite anterior.

— É um anel de miradouro, símbolo do clã Carr.

Não era seu pai esperando ao seu lado, para escoltá-la até seu noivo, mas sim Lorde Grant. Ele ficara por perto durante o pior da doença, mesmo depois de saber da verdade, ainda assim ele passou horas em sua companhia enquanto ela se recuperava.

Um dia, ele pegou a mão dela e olhou em seus olhos:

— Maggie, isso é difícil para mim dizer, mas, amo minha filha e sinto terrivelmente a falta dela. Mas também amo você, não posso deixar de pensar que parte de Margaret ainda vive em você. Desde que decidiu ficar e não tem outros parentes, eu ficaria honrado se pudesse pensar em mim como seu pai.

Lágrimas haviam preenchido os olhos dela e ela apertou sua mão.

— Obrigada, eu esperava que você dissesse isso, pai.

Ele se inclinou, beijou sua bochecha e sussurrou:

— Você é uma noiva linda, Maggie.

Este não era o casamento que Maggie sempre imaginara. Mas então, o homem que ela amava mais do que a própria vida se virou para vê-la enquanto ela caminhava em direção a ele, seu rosto estava repleto de admiração e tão cheio de amor que ela mal conseguia acreditar. Então seus lábios se transformaram em um sorriso e ele piscou para ela.

Não, esse não era o casamento que ela sempre imaginou. Mas ainda assim, era o casamento de seus sonhos.

Depois que os votos foram trocados na frente da igreja, seguidos pela missa nupcial, houve uma maravilhosa festa no salão. Compreensivelmente, muitos aliados dos Carrs ou Grants que se reuniram para o casamento que não aconteceu, não tinham

voltado. Apenas os MacIans estavam presentes.

Logan havia dito que não se casaria enquanto ela não pudesse dançar, e ela dançou. Talvez não no seu melhor, mas dançou.

Para sua surpresa, no final da noite, houve pedidos para que fossem para o leito. O leito? Imagens que ela tinha visto em novelas na televisão passaram por sua mente.

O horror da ideia deve ter sido claro em seu rosto, porque Logan riu e se aproximou:

— Pela sua expressão, parece que você tem uma suspeita do que eles estão pedindo. Mas não tenha medo, Maggie, eu vou parar o pior.

Ele lhe deu um beijo rápido antes de ficar em pé e pedir por silêncio.

— Embora nós apreciemos muito os seus desejos de nos verem em segurança em nossa câmara e garantir que o leito seja devidamente abençoado, devo pedir sua indulgência por esta noite. A minha senhora, acabou de se recuperar de uma terrível lesão, da qual ainda sente dores. Padre, se você nos guiar pelo caminho, vou levá-la e depois da bênção nós ofereceremos a todos uma boa noite à porta.

Mesmo isto era um pouco assustador para Maggie, mas claramente não havia nada que ela pudesse fazer para impedir. Logan a ergueu facilmente, antes de enterrar seu rosto em seu pescoço e beijá-la até ela rir. A multidão gritou aprovando e abriu espaço para que seu Lorde e sua noiva passassem.

Em pouco tempo, eles alcançaram a câmara de Logan. A cama foi abençoada e acenou para que saíssem, com Maggie

corando em seus braços.

Quando o som das pessoas desapareceu, Logan sentou-se na cama, ainda a segurando em seus braços. Baixou os lábios sobre os dela e deu-lhe um beijo longo.

Ele afastou seus lábios e olhou para ela:

— Maggie Carr, você é linda e eu te amo mais do que você possa imaginar.

— Eu te amo também, Logan. — Ela estendeu a mão, acariciando sua bochecha.

Ele a beijou novamente antes de dizer:

— Há uma coisa que quero te perguntar. Não me importa a resposta, mas eu quero saber.

Maggie suspeitava que sabia do que se tratava.

— Pode me perguntar qualquer coisa, Logan, eu sempre lhe direi a verdade.

Sua sobrancelha franziu um pouco.

— Bem, você me disse que as coisas no seu século são diferentes, que as atitudes e expectativas mudaram, eu só queria saber se... bem, se...

— Se eu já estive com um homem antes?

Ele assentiu: — Sim

— Não, Logan. Margaret era virgem e eu também sou. Elliott e eu eramos muitos novos e decidimos esperar. Ele se apaixonou por Amanda antes que isso mudasse. Depois disto, eu nunca mais estive num relacionamento.

Ele sorriu e a beijou

— Estou contente.

Ela sorriu de volta: — Eu também.



Finalmente, Logan tinha Maggie nos braços, em sua cama. Ele a desejara havia meses, mas tivera que se contentar com toques inocentes e alguns beijos não tão inocentes. Ele fez um tremendo esforço para fazer amor com ela tão devagar e com tanta sensibilidade quanto ele conseguiria. Não só era sua primeira vez, mas a ferida nas costas ainda lhe causava dor e ele não queria arriscar machucá-la por nada. Ainda assim, ela respondeu com um entusiasmo que o emocionou. Quando ela se separou debaixo dele, ele experimentou puro êxtase.

Depois, ele se deitou ao lado dela, segurando-a enquanto eles voltavam para a Terra. Ela parecia sonolenta e repleta. Ele acariciou seu pescoço e lhe plantou um beijo atrás da orelha.

— Mmmm — o som suave e gutural que ela fez foi quase um ronronar

— Durma agora, minha preciosa dama.

Maggie abafou um bocejo.

— Eu não quero.

Ele riu.

— Não me lembro de ter te dado uma opção.

Ela se aconchegou perto dele.

— Talvez tenhamos que conversar sobre isso... mas agora estou cansada demais. Boa noite, Logan.

— Durma bem, Maggie. — Ele sussurrou beijando sua têmpora.

Capítulo 15

Feira de Michaelmas, perto de Inverness

Alguns dias depois

Maggie ficou animada e chocada com a feira medieval de verdade. As competições de força e de habilidade eram francamente brutais, mas as bancas dos mercadores eram fascinantes. Embora não houvesse vestígios de pernas de peru defumado, havia uma variedade de alimentos interessantes, e às vezes questionáveis, para provar.

Logan observou-a com diversão enquanto saboreava com gosto uma torta de carne.

— Você gosta?

— Não é ruim não, parece um pouco com frango. O que é? — perguntou ela enquanto mordia.

— Pombo

— P... Pombo? — ela ficou escandalizada, tentava desesperadamente não cuspir fora.

Ele riu.

— Sim, pombo e você disse que parecia com frango então não fique tão ofendida.

Ela engoliu em seco e sorriu de maneira tímida.

— Suponho que seja a ideia de pombo que é desagradável —

ela sussurrou

Ele piscou para ela:

— Deveria ter comprado uma torta de enguia?

Ela enrugou o nariz.

— Não, pombo está bem.

Ele riu novamente. Pegou sua mão e se afastaram das bancas para um pequeno bosque com árvores.

— Vamos encontrar um lugar para sentar e descansarmos enquanto comemos. Você ainda está se recuperando e não quero que fique cansada.

— Estou bem.

Ele franziu o cenho para ela.

— Ah, mas suponho que não me importaria de descansar um pouco

— Assim está melhor.

Quando se aproximaram das árvores, Maggie viu uma mulher idosa com um manto escuro, que não tinha notado antes. A capa estava sobre a cabeça e protegia seu rosto. Quando se aproximaram, parecia que a velha estava dormindo.

— Talvez não devêssemos incomodá-la — disse Maggie.

— Quem? — perguntou Logan.

— A velha, em baixo da árvore.

— Eu não tinha notado. Sim, suponho que você esteja certa.

Eles começaram a se afastar quando a velha os chamou:

— Não teriam um pouco de comida para dispensar para uma velha alma, teriam?

— Sim, temos uma torta de pombo — disse Maggie — Nós compramos outra depois.

— Talvez enguia dessa vez — sussurrou Logan com um sorriso.

— Enguia não — ela sussurrou de volta, fingindo estar séria — espere um minuto.

— O que você desejar, minha querida — ele lhe deu um beijo rápido.

Maggie caminhou a curta distância até à senhora e se agachou ao seu lado, oferecendo-lhe a torta.

— Aqui está, me desculpe há uma mordida. Você tem água?

A senhora assentiu, com o manto ainda lhe cobrindo a face.

— Sim, eu tenho. Obrigada. E obrigada pelo alimento. Eu sabia desde o primeiro momento que a vi que você era uma boa moça. — A mulher ergueu os olhos, permitindo assim que o capuz caísse.

— *Gertrude?*

— Sim, moça. Você não apareceu no jardim de esculturas — ela sussurrou — Eu pensei em conferir para ver se você ainda acha que eu preciso de assistência de um profissional para saúde mental.

Maggie riu.

— Se você precisa, nós duas precisamos.

— Ah querida, como é bom ouvir sua risada. Você estava tão triste da ultima vez em que a vi. Você está feliz?

— Sim, Gertrude. Eu estou, mas suspeito que você já sabia disso.

Gertrude arqueou uma sobrancelha e encolheu os ombros.

— Ainda assim, gosto de ouvir. — Ela sorriu por um momento antes de ficar séria — Maggie, eu sabia que seria um

desafio. Lamento ter feito isso, mas também sabia que você era a garota certa. Talvez o mais importante, sabia que você era a mulher para aquele bom homem. — Ela inclinou a cabeça na direção de Logan.

— Sim, você estava certa.

— Então, você ainda quer ser a Amanda?

Maggie riu.

— Não, nem remotamente.

Gertrude assentiu com sabedoria.

— Bom. Chamas antigas precisam se extinguir, e nada melhor que uma nova para isso.

Maggie pensou por um momento.

— Posso te pedir uma coisa?

Gertrude deu um sorriso:

— Você pode perguntar, eu posso é não responder.

— Certo. Eu sempre pensei... Quero dizer, na ficção, os autores sempre diziam que se alguém viajasse no tempo, eles não poderiam mudar nada sem mudar o curso da história.

Gertrude riu.

— Você parou a invasão Normanda ou disse a Lincoln para não ir ao teatro naquela noite?

— Não, você sabe que não tive essa oportunidade.

— E de acordo com os seus livros de história, houve um conflito sangrento entre os Grants e os Carrs no século XIII?

— Coisas como estas não estavam nos meus livros de história, então eu não sei.

— Bem, eu sei. Não houve uma disputa entre os Grants e os Carrs no século XIII. Sim, houve uma forte aliança porque o Lorde

Logan Carr se casou com uma pequena moça Grant, que ele amava com todo seu coração. Embora seu nome fosse Margaret, ela era carinhosamente conhecida como Maggie.

— Mas como isso aconteceu dessa maneira se eu ainda não nasci?

— É claro que você nasceu, Maggie, você está aqui. Você percorreu o tempo. Sabe, o tempo não é linear. A ideia de que o passado é seguido pelo presente e depois o futuro é arbitrária. Porque o amanhã não pode ser seguido pelo ontem e então hoje, especialmente quando foi justamente isto que aconteceu?

— Eu não entendo.

— Poucas pessoas entendem, querida. Talvez seja apenas um modo mais fácil de entender que aconteceu apenas porque aconteceu. Sua alma estava aqui quando era necessária, e lá quando era precisa lá.

— Eu suponho que entendo isso. Queria que minha irmã soubesse o que aconteceu comigo.

— Você disse a ela que estava vindo, ela disse para você ficar, ela sabia que você encontraria alguém que merecesse seu coração.

— Como você sabe disso?

Gertrude riu.

— Ela me contou. Eu passei em sua casa depois do seu funeral para dar a ela uma coisa. Era um livro velho e maçante, intitulado A história do Clã Carr. Curiosamente ela achou o século XIII muito interessante. Não me pergunte como isso acaba, você não conseguirá nenhum *spoiler* de mim.

Lágrimas brotaram nos olhos de Maggie.

— Obrigada.

— Não se preocupe, moça. Ela está feliz por você. Agora, seu Highlander está ficando preocupado. O melhor é voltar para ele.

Maggie inclinou-se e beijou a bochecha de Gertrude.

— Verei você de novo?

Gertrude encolheu os ombros.

— Quem sabe o que o futuro reserva.

Ela riu alegremente, Maggie riu com ela.

— Então, vou dizer até logo, por enquanto.

Ela se levantou e disse:

— Cuide-se

— Eu irei, moça. Faça o mesmo.

Maggie estava indo embora, mas Gertrude a parou.

— Moça, antes que você vá. Eu acredito que tem algo que me pertence.

— Ah Gertrude, eu não tenho ele comigo.

— Não tem? Tem certeza?

A mão de Maggie foi até seu pescoço, ela sentiu a corrente lá e sorriu.

— Como você fez isso? — ela disse enquanto tirava a corrente do pescoço e devolvia o relógio para Gertrude.

— Eu te disse. O relógio sempre dá um jeito de estar onde precisa estar.

Gertrude colocou-o no bolso de sua capa volumosa e piscou para Maggie.

— Espero que haja outras almas que precisem ser reorganizadas. Agora, fique em seu caminho.

— Sim, Gertrude. Obrigada novamente.

Então Maggie caminhou até Logan sem olhar para trás.

— Devemos comprar outra torta?

Ele sorriu.

— Sim, meu amor. — Ele pegou sua mão e eles andaram de volta às bancas — Você passou um bom tempinho conversando com aquela senhora.

— Sim, eu suponho que sim.

— O que, em nome de Deus, vocês tinham para conversar?

— Muitas coisas, mas a maior parte sobre viagem no tempo — Maggie riu do olhar de terror de Logan — Logan, aquela velha senhora era Gertrude.

— O quê? Porque você não me contou? — ele se virou para trás, para o bosque, mas parou — onde ela está?

Maggie encolheu os ombros.

— Ela tem um péssimo hábito de desaparecer desse jeito, mas eu acho que a questão não é *onde*, mas sim *quando*.

Epílogo

Castelo Carr

22 de Julho 1280

Maggie descansava na cama exausta. Ela tinha acabado de dar à luz ao quinto filho — uma menina pequena mas bastante teimosa. O lado lógico de seu cérebro lhe dizia: *Eu mencionei a falta de epidurais pelo menos uma vez.*

O lado ilógico lhe dizia: *Fique quieta. Olhe esse narizinho rosa. É tão fofo.*

Logan sentou ao seu lado na cama, segurando as mãos de Maggie, parecendo tão esgotado quanto ela.

— Maggie, há momentos em que penso que você inventou tudo isso sobre os pais estarem presentes no nascimento. Eu simplesmente não consigo imaginar que o homem no futuro pense que esta é uma boa ideia. Quase morro toda vez que tenho que ver você trazer uma criança ao mundo.

Maggie balançou a cabeça.

— Quase morro? Há tantas coisas erradas no que você acabou de dizer que não sei nem por onde começo.

Logan lhe deu um sorriso atrevido.

— Mas você me ama, mesmo que eu tenha vindo de, como você chamou mesmo, *idade das trevas*?

— Eu te amo com tudo de mim. Mas eu nunca deveria ter dito isso, porque você nunca vai esquecer, não é?

Ele se abaixou e beijou ela.

— Não, minha querida, não vou.

A mãe de Logan, que estava sentada com seu neto mais novo no colo, inclinou sua cabeça:

— Shh, alguém está vindo. Nada de conversas sobre o futuro e a idade das trevas.

Acabou sendo mais de uma pessoa vindo. Lady Agnes, que dependia fortemente de uma bengala ultimamente, entrou com as outras quatro crianças de Logan e Maggie.

— Vocês se importa de uma visita rápida de uma velha e quatro bandidinhos, senhora? — Agnes entrou no quarto e deu um beijo na face de Maggie — Eu ouvi que esse foi difícil, querida, você está bem?

— Sim, vó. Estou um pouco cansada, mas bem.

Agnes riu:

— Creio que mais que um pouco. Não podemos ficar muito, mas não podia mais esperar para ver meu presente de aniversário.

Davina levantou-se.

— Agnes, sente-se aqui e segure o pequeno criador de problemas.

Malina, de seis anos, somente teve olhos para a nova criança, mas os gêmeos de três anos, Edward e Elasaïd foram direto até Maggie. Elasaïd começou a subir na cama, querendo colo.

Logan pegou nela.

— Não, Ella, mamãe está cansada.

Tendo visto a tentativa frustrada de sua gêmea, Edward apenas se aproximou da cama e apoiou a cabeça em sua mãe.

Maggie acariciou sua cabeça e disse para Ella:

— Mamãe vai tirar uma longa soneca agora, Ella. Quer deitar ao meu lado e tira uma soneca? — Ella odiava tirar sonecas. Maggie não tinha dúvidas de que a sugestão iria acabar com a birra.

A pequena garota franziu a testa.

— Não, mamãe. Eu não quero tirar uma soneca. Eu quero ver o bebê.

— Tem certeza? — Maggie perguntou, tentando sufocar um riso.

— Sim, mamãe. Papai, me coloque no chão para que eu possa ver.

Logan a colocou no chão, mas segurou sua mão.

— É ela.

Ele pegou a mão de Edward também:

— Venha, filho, venha ver também.

Ele os guiou através do quarto até onde estava sentada sua avó.

Com os pequenos ocupados, Evan aproximou-se e deu um abraço em Maggie.

— Você está bem, mãe? Você parece... bem, está tudo bem?

Como seu pai, Evan era extremamente observador e empático. Mesmo com apenas oito anos, ele tentava pensar nos outros primeiro.

— Estou muito cansada, filho. Dar á luz a um bebê é um trabalho duro, mas está tudo bem. Depois de alguns dias de

descanso, estarei perfeita.

Seu filho se inclinou de maneira séria e franziu a testa. Tão parecido com Logan que o coração dela se inchou. Ele seria um bom chefe algum dia.

Ela sorriu para ele.

— Eu prometo que estou bem. Agora vá ver sua irmã.

Com a multidão ao redor do bebê, Malina foi ao lado de Maggie.

— Ela é bonita, mamãe.

— Eu também acho, meu docinho — Maggie colocou os braços ao redor da sua filha mais velha.

— Qual o nome dela? — perguntou Ella.

— Essa é uma boa pergunta — disse Logan — ainda não escolhemos um.

— Não nomeie de Ella. Esse é o meu nome.

Malina sorriu.

— Ella, mais de uma pessoa pode ter um nome. Recebi o nome da mãe da mamãe e Evan de Santo Evan.

— Bem, Edward e eu temos nossos próprios nomes.

Maggie lançou um sorriso para Davina. Edward e Elasaid tinham sido nomeados em homenagem aos pais de Maggie, Edward e Elise. Mas Alpin Grant, Davina e Logan eram as únicas pessoas que sabiam disso.

— Sua irmã está certa, Ella. Mas não iremos nomear o bebê de Ella também. Isso poderia ser confuso. Estávamos pensando em nomeá-la de Agnes em homenagem á Bisavó, já que ela nasceu no mesmo dia.

— Oh Deus, não — disse Agnes — nunca gostei do meu nome.

— Como você a nomearia, bisa? — perguntou Edward.

— Hmmm — Agnes pensou por um momento — poderia ser Mary, de Mary Magdalene, mas não, isso não é muito melhor que Agnes. Eu gosto do nome Maretta.

— Esse é um nome muito bonito, Agnes — disse Davina.

Logan assentiu.

— Eu concordo, vovó. Eu gosto.

— Também gosto — disse Maggie

— Alguém se opõe? — perguntou Logan, como se estivesse num conselho.

Malina e Evan sacudiram a cabeça, mas Edward perguntou:

— O que significa opôr?

— Significa que ninguém é contra — disse Evan.

— Eu não me oponho — disse Ella — e Edward também não.

— Como você sabe? — exigiu saber Edward.

Ella franziu a cara e colocou as mãos nos lábios.

— Você se opõe?

Maggie sorriu. Tão claro como ela via Logan em Evan, ela se viu nesse gesto.

Edward franziu o cenho para sua irmã

— Não, eu não me oponho.

— Viu, sabia.

— Ella, não seja tão mandona — Maggie disse gentilmente.

Logan pegou a pequena garota.

— Bem já que ninguém se opõe, iremos chamá-la de Maretta.

Agnes olhou diretamente nos olhos do bebê e disse:

— Que Deus te abençoe, Maretta, e que te dê uma vida longa e feliz — beijou a testa de Maretta, então deu a volta no quarto. —

Logan, segure essa menina. Davina e eu vamos tirar este rebanho para fora daqui.

Houve algumas manifestações e pedidos para ficar. Logan parou tudo com um olhar severo, depois do qual todos beijaram Maggie e partiram com Agnes.

Ele colocou o bebê dormindo no berço e sentou-se ao lado de Maggie na cama.

- Você realmente precisa descansar agora.
- Sim, eu preciso. Deite aqui comigo um pouco.
- Querida, eu ficarei com você, mas sentarei na cadeira.
- Não me lembro de te dar nenhuma opção.
- Não amor, suponho que você não deu. — ele deitou na cama ao seu lado. Ficando perto dela.
- Eu te amo, Logan. — ela sussurrou, quase dormindo.
- Também te amo. Durma bem, Maggie.



Nota para o leitor

Eu estava tentando desesperadamente descobrir o que escrever para esta novela quando, do nada (eu acredito firmemente que foi intervenção Divina), lembrei-me de uma história de viagem no tempo que escrevi na faculdade. Eu tinha uma cópia, escrita à mão, que estava numa caixa de memórias, junto com sapatos de bebê e cartões de casamento. Infelizmente, a caixa foi destruída quando nosso porão inundou alguns anos atrás. Felizmente, o enredo básico foi escrito indelevelmente na minha memória, então agora, mais de trinta anos depois, eu recuperei-o.

Embora originalmente, Maggie tenha viajado de volta à América Colonial, o essencial da história está inalterado. Maggie encontra a velha que lhe dá o relógio de bolso com o qual Maggie viaja de volta no tempo, trocando de alma com outra mulher. Quando comecei a formar os personagens da história, pensei em dar um pequeno aceno para H.G. Wells (autor de *The Time Machine*, 1895), dando a Maggie "Wells" como sobrenome. No entanto, quando pesquisei um pouco, eu aprendi que Wells não era a primeira pessoa a viajar no tempo

Aliás é Edward Page Mitchell, um jornalista americano e autor de ficção científica, que é creditado por ter escrito a primeira história de viagem no tempo. Mas aqui é onde as coisas se tornam bizarras. O nome da história de Mitchell, publicado pela primeira vez no *New York Sun* em 1881, é *O relógio que Foi para Trás*. Claro que eu tive que lê-lo. Na verdade, não há muitas semelhanças entre as duas histórias, mas fiquei espantada com o

fato de que um relógio é o canal para o tempo de viagem em ambas as histórias. Além disso, eu aprendi que, entre muitas histórias que Mitchell escreveu, há uma história intitulada *Intercambiando Suas Almas* (1877). Também tem pouca semelhança com a troca da alma descrita no *The Pocket Watch — O Relógio de Bolso* — mas achei intrigante o fato dele ter escrito sobre ambos os tópicos

Então, em homenagem ao Sr. Mitchell, dei a Maggie seu sobrenome, nomeei seu pai Edward e sua irmã Paige. Além disso, eu nomeei a velha na minha história, Gertrude, um personagem de *O relógio que Foi para Trás*.

Notas

[← 1]

A **pervinca** ou vinca é uma planta herbácea perene, comum na Europa Central e Meridional.

[← 2]

A vitória-régia ou vitória-régia (*Victoria amazonica*) é uma planta aquática da família das Nymphaeaceae, típica da região amazônica. Outros nomes: irupé (guarani), uapê, aguapé (tupi), aguapé-açu, jaçanã, nampê, forno-de-jaçanã, rainha-dos-lagos, milho-d'água, cará-d'água, apê, forno, forno-de-jacarê, forno-d'água, iapunaque-uaupê, iaupê-jaçanã.

[← 3]

O vidro soprado é a arte de criar esculturas de vidro através do processamento do vidro fundido.

[← 4]

É uma liga de futebol americano dos Estados Unidos.

[← 5]

Traduzido como charneca. Vegetação xerófila.

[← 6]

O leine foi o estilo básico de vestir para homens e mulheres, principalmente na Irlanda e Escócia. Um *mna leine*, ou “vestido de mulher,” que ia até aos tornozelos ou o chão.

[← 7]

Roupa medieval tipicamente feminina.